PLEBE RUDE, Brasília e a revolta anos 80

SHOWBIZZ

EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA

www.uol.com.br/showbizz

Dolores, dos Cranberries:
"Ter um filho me tirou do esgoto"

Shows históricos
Black Sabbath no Ozzfest
A estréia do novo Iron Maiden

Apertamos o D2:
Planet Hemp volta
todo o gás

Ultraje nu e cru

Roger fala sobre gays, drogas, FHC e rock brasileiro

Abril

Um Champion você não usa, veste.

Por dentro, mecanismo quartzo que garante precisão.
Por fora, linhas atuais esportivas: mostrador análogo pulseira em aço, à prova d' água.

Champion

Produzido na Zona Franca de Manaus
Comunga o Amazonas

Editorial Sumário

Roger solta o verbo e, pelo menos aqui, esconde o tórax Austin Powers

Antes de alguma publicação aventureira lançar mão, tratamos de ir estampando Roger Rocha Moreira em nossa página 1, vestido como veio ao mundo. O membro mais famoso do Ultraje A Rigor jamais havia sido capa de revista em toda sua vida – nem mesmo da BIZZ (vergonha, vergonha)! Antes tarde do que nunca, porém, reparamos essa injustiça histórica. O repórter José Flávio Júnior colou no Ultraje durante uma excursão pelo Sul (de ônibus), conversou horas a fio com nosso herói, que tem fobia de avião, e trouxe uma bela entrevista.

Mais emocionante ainda foi a sessão de fotos, no estúdio de Marlos Bakker, em Pinheiros, São Paulo. Louco para sair dali e ver um jogo do tricolor paulista, Roger chegou e já foi logo se despindo. Ao som de belos fraseados do guitarrista jamaicano Ernest Ranglin', ele relaxou, tocou sua Gibson Sunburst, dançou fazendo o patinho no melhor estilo Chuck Berry... Foi um show. E terminou da maneira mais surpreendente, com o inútil de todos os sortilégios exibindo seus dotes de Mister R!

Aquele abraço,
Pedro Só

Parada da redação

Esta edição foi fechada ao som de...

Pretenders – *Viva El Amor!*
Chrissie Hynde volta fazendo o bom – mas não velho – rock'n'roll. Básico, certeiro e perfeito para começar o dia.

Vários – *Humanary Stew*
O hard rock homenageia Alice Cooper. Tem desde Mustaine e Marty Friedman, do Megadeth, em "School's Out", até Dio em "Welcome To My Nightmare".

Vários – *SP Metal*
Coletânea do metal paulista que traz o clássico "Missão Metálica", do Avenger, e "Cabeça Metal", do Salário Mínimo.

Os Replicantes – *Os Replicantes*
Coletânea com vinte sucessos da banda gaúcha que fez história no punk brasileiro. A turma aqui fez corinho para cantar "Surfista Calhorda".

6 CD Bizz
Faixa a faixa, o disco que você ganhou com esta edição: Ultraje, Capital, Los Hermanos (um dos lançamentos mais fortes do ano) Inocentes...

22 Tudo a declarar, nada a esconder
Roger Rocha Moreira desnuda a alma e o corpinho peludo: fobias, velhas mágoas e a inteligência de sempre

30 Belle & Sebastian
Conheça essa misteriosa banda escocesa que muda vidas no Reino Unido

34 Marcelo D2 leva uma dura
Ele garante: depois de chuvas e trovoadas, o Planet Hemp volta com força total

38 Cranberries exclusivo
Dolores O'Riordan expõe por inteiro sua faceta "sofredora profissional" e mete a boca nas cantoras/compositoras americanas

42 Plebe Rude
Depois de dez anos sem se falar, a banda brasiliense mais revoltada decide voltar

sempre em showbizz

8 CARTAS
Echo & The Bunnymen nos braços do povo

10 SHOWBIZZ RESPONDE
Ficha do redivivo Twisted Sister

12 BIZZES
Woodstock '99; Pato Fu, Racionais, Paulinho Moska

48 MINHA COLEÇÃO
O radialista Roberto Maia, da Brasil 2000 FM, e seu acervo de 22 mil discos

50 DEZ DISCOS
Para você entender a new wave

52 DEMOCRACIA
O festival Dia D, que agitou o Espírito Santo

55 CRÍTICA
Paralamas, Black Sabbath, Cássia Eller, Alice In Chains

66 AO VIVO
Ozzfest, R.E.M., Djavan, Iron Maiden, hip-hop

74 TESTE
Roqueiro bom é roqueiro morto?

75 LETRA TRADUZIDA
"Beautiful Stranger", novo hit de Madonna

76 ENTRE LEITORES

78 PARADA CROWLEY

80 INSTRUMENTOS MUSICAIS
Lobato, tecladista d'O Rappa

82 DISCOTECA BÁSICA
Violent Femmes, o disco

Roger vestido a rigor para nossa produção de capa: completamente relaxado diante das lentes de Marlos Bakker

2

GFK

Ouça Rock
com quem sabe de
Rock.

BRASIL 2000
FM 107,3

WWW.brasil2000.com.br

Você só ouve aqui

As instruções para instalação do kit de acesso da UOL estão no encarte do CD

Esta edição de SHOWBIZZ traz um disco com faixas exclusivas de Capital Inicial, Ultraje A Rigor e mundo livre s/a, além de clipe dos Los Hermanos e novidade do Taska

Los Hermanos no clipe de "Anna Júlia", com a atriz Mariana Ximenes *(abaixo)*

Fotos Divulgação

Faixa a faixa

1. "Anna Júlia"
Los Hermanos

O disco de estréia desta banda carioca vem sendo apontado como um dos melhores trabalhos do rock nacional dos últimos tempos. Esta faixa antecipa o álbum e mostra todo o potencial do quinteto, revelado no Abril Pro Rock deste ano.

2. "O Monstro De Duas Cabeças"
Ultraje A Rigor (ao vivo)

Depois do sucesso de "Nada A Declarar", Roger Rocha Moreira e seus companheiros estão nas rádios com esta pérola. A letra fala de dupla personalidade com o habitual humor intelignte da banda.

3. "Ah, Se Eu Fosse Homem"
Ultraje A Rigor (ao vivo)

EXCLUSIVA Música incluída no álbum *Ó!*, de 1993, até hoje faz parte do repertório ao vivo do Ultraje: costuma ser a segunda do set da banda. Esta ótima versão EXCLUSIVA gravada em Curitiba ficou de fora de *18 Anos Sem Tirar* para que fossem incluídas as quatro inéditas gravadas em estúdio.

4. "Eu Vou Estar"
Capital Inicial

EXCLUSIVA Música das mais roqueiras do disco *Atrás Dos Olhos* – que estourou nas rádios "O Mundo" e "1999" –, aqui em versão exclusiva, mais leve e econômica, ressaltando o bom trabalho de Dinho Ouro Preto nos vocais.

5. "Nada Pode Nos Deter"
Inocentes

Faixa extraída do álbum *Embalado A Vácuo*, uma excelente mostra da boa fase por que passa esta instituição do punk nacional. Depois de "Cala A Boca" (a primeira música dos Inocentes a figurar como "mais pedida" numa emissora do rádio – no caso, a Brasil 2000, de São Paulo), vale a pena ouvir mais de Clemente e sua gangue.

6. "Quem Tem Bit Tem Tudo"
mundo livre s/a (remix)

EXCLUSIVA Uma das mais elogiadas canções de elogiadíssimo álbum *Carnaval Na Obra* – com participação especial de Anônimo, vocalista do grupo mexicano Café Tacuba, fazendo um rap – em versão remix feita pelo produtor Eduardo Bid. Ótima para matar a fissura dos fãs, enquanto o novo CD da banda pernambucana (ainda sem data de lançamento) não vem.

7. "Sem Você"
Taska (ao vivo)

Faixa do CD que a banda lança em breve pela Abril Music. O Taska é formado por brasileiros que se conheceram em Miami, onde tocavam em bares latinos e brasileiros e abriram shows de Jorge Benjor e Skank.

8. "Anna Júlia"
Los Hermanos

VÍDEOCLIPE O clipe do primeiro single da banda Los Hermanos conta a história de um rapaz tímido que tenta se aproximar de uma garota (a atriz Mariana Ximenes) em uma festa dos anos 50. A direção é de Carmine, de "O Mundo", do Capital, campeão de indicações do VMB 1999.

QUALIDADE INDISCUTÍVEL

cosmos

Cartas

O Echo & The Bunnymen de Ian McCulloch emociona leitor gaúcho

Amor pelo coelho

Lembro exatamente onde comprei cada álbum do Echo & The Bunnymen. O primeiro foi *Ocean Rain*, em um supermercado. Eu tinha 13 anos e ganhei de meus pais, junto com *True Stories*, do Talking Heads. Depois foi *Songs To Learn And Sing*, na Breno Rossi. *Crocodiles* e *Porcupine* foram comprados na extinta Casas Coelho, no Centro da cidade. Na mesma galeria em que comprei *Heaven Up Here* e *Echo & The Bunnymen*. Era uma época em que eu deixava de adquirir os livros da escola só para economizar para os discos, ficava desesperado pela BIZZ e chorava pela morte do baterista de minha banda predileta. Eu gastava a agulha do meu Akai com "The Killing Moon" e "The Cutter". O Echo é uma das maiores bandas de todos os tempos. E não são apenas os álbuns da década de 80 que me fazem acreditar nos coelhinhos. Quem ouviu *Evergreen*, de 1997, e *What Are You Going To Do With Your Life?*, de 1999, sabe que o Echo envelheceu com dignidade. E ver *Porcupine* na Discoteca Básica de julho só me faz ter mais e mais orgulho de Ian McCulloch e companhia. Valeu.

André Takeda – Porto Alegre, RS

Levou quinze anos para a SHOWBIZZ colocar um disco do Echo & The Bunnymen na Discoteca Básica, mas nunca é tarde para reconhecer a importância dessa que é uma das principais bandas inglesas de todos os tempos. Concordo quando é levantada a dúvida sobre qual é o melhor CD do Echo. Para mim o *Crocodiles* é o melhor, mas *Porcupine* também é um ótimo disco. Aliás vocês sabem por que o Les Pattinson saiu do Echo?

Levi Fernandes da Silva – Curitiba, PR

Obrigado a todos que escreveram comentando a inclusão de Porcupine na Discoteca Básica. O baixista Les Pattinson infelizmente deixou o Echo no primeiro dia de gravação do álbum What Are You Going To Do With Your Life? *(finalmente lançado no Brasil) para cuidar de sua mãe, com câncer em estágio terminal. Confira na página 14 as datas confirmadas do Echo & The Bunnymen no Brasil.*

Cabeleira informa

Aqui quem escreve é a banda Jorge Cabeleira. Em primeiro lugar, gostaríamos de agradecer a publicação de uma foto da banda juntamente com uma resenha sob o título "Império do Mangue", na edição 167. O que acontece é que o single não vai ser comercializado, como dá a entender a matéria. Ele foi distribuído apenas para o pessoal de mídia e, principalmente, para o pessoal de gravadora, pois nosso principal objetivo é negociar com alguma delas para o lançamento do nosso segundo disco (que está sendo gravado de forma independente).

Pedro Mesel (percussionista do Jorge Cabeleira) – Recife, PE

Pisadas na abóbora

Tenho esperado ansiosamente por uma SHOWBIZZ com reportagem sobre uma das maiores bandas da década, os Smashing Pumpkins, mas acabei me surpreendendo com erros na ficha sobre a banda, publicada em julho. Primeiro, nenhum integrante se conhecia antes de a banda ser formada e o nome do baterista é Jimmy Chamberlin. Segundo, a formação original dos Pumpkins começou com Billy, James e uma bateria eletrônica. D'Arcy só entrou depois e Jimmy foi o último integrante admitido. Terceiro, Jimmy Chamberlin foi readmitido pelo grupo no início deste ano, e para celebrar isso a banda fez uma turnê pelos EUA em abril chamada *The Arising Tour*. O novo disco da banda (ainda sem nome) já está quase pronto e deve ser lançado em setembro ou outubro deste ano, junto com um vídeo com registros da turnê de *Adore*, que passou pelo Brasil em agosto do ano passado.

Taimir Larissa Barbosa – São Paulo, SP

Obrigado pelos toques, Taimir.

Eu leio e entendo

Quando eu penso que a fórmula da SHOWBIZZ se esgotou, que as matérias estão caindo na mesmice, eis que surgem pérolas que me fazem rir à beça e pensar que ainda dá para ser despretensioso neste mundo da música onde só a grana fala alto! Bem, AMEI de paixão e rolei de rir com o teste "Você entende os críticos?" Muito legal! Vocês conseguiram resumir as maluquices que todo crítico já deve ter escrito pelo menos uma vez na vida em uma matéria só, e ainda tiraram um sarro de vocês mesmos! É preciso ter bago para pôr a cara à tapa. Valeu mesmo! Tem dias em que me sento para ler uma crítica e fico pensando: "Será que eu tô ficando velha ou burra? Onde é que esses malucos arrumam tanto nome para falar da mesma coisa?" Foi uma grande sacada! Outra grata surpresa foi a seção de discos. Ver gente como Ultraje, Acústicos e Valvulados, Tim Maia, Replicantes e Joelho De Porco ser (bem) criticada na revista é bom demais. Além do que, ler Pedro Só falando sem vergonha das "práticas que felizmente fazem parte do passado" da revista, que acabavam prejudicando muita gente boa, fez bem pro ego desta velha roqueira. Afinal, toda essa garotada de Raimundos, Jota Quest, Skank e Charlie Brown Jr aprendeu a fazer rock-pop-reggae com o pessoal dos idos de 80. Concordo ainda em gênero, número e grau com tudo o que foi dito sobre o vinil. Não só o preço é mais acessível, mas também sons, ruídos originais acabam sendo apagados com as técnicas utilizadas para mixar os CDs. Tenho uma coleção de mais de 600 vinis, entre Frank Sinatra, Jackson Do Pandeiro, Luiz Gonzaga, Donna Summer, Beatles, Tim Maia e duvido encontrar versões tão legais em CD. Valeu pela valorização!

Ana Karyna Gomes de Almeida – Recife, PE

Muitíssimo obrigado pela gentileza, Ana. Embevecidos, fazemos questão de elogiar também seu texto e seu gosto.

Reggae para queimar

É com pesar que escrevo para me manifestar pelos tristes acontecimentos recentes que afetaram o reggae e seus fãs. Primeiro, a passagem de Augustus Pablo para Zion. Segundo, o falecimento do grande Dennis Brown. O reggae está perdendo expoentes, mas ele não se perderá por aí. Existem outros grandes cantores na ativa (Bunny Wailer, Jimmy Cliff) e mais os que ainda têm lenha para queimar, como Alpha Blondy, Lucky Dube e Luciano. Ficamos com saudades, e Zion (o paraíso dos rastas) fica cada vez melhor, já que Brown está ao lado de gigantes como Bob Marley, Jacob Miller e Peter Tosh.

Gustavo Dias – Brasília, DF

Correções:

Ivan Drummond

•Na Democracia da edição 169, página 72, um erro de composição limou a foto do baterista dos Maybees, Rodrigo Falcão (*foto ao lado*).

•Na matéria O Vinil Vive (ed. 168), o nome do disco de Freddie Mercury é *Mr. Bad Guy* (pág. 33) e o número de rotações da vitrola é 33 1/3 (pág. 31), diferentemente do que foi publicado.

•*Surrender* é o quarto disco dos Chemical Brothers, contando o CD de remixes *Brothers Gonna Work It Out*, ao contrário do que saiu na página 60 (ed. 168).

•O jornalista Roberto Muggiati tem 61 anos, diferentemente do que saiu na página 29 da edição 169.

COMO CONTATAR SHOWBIZZ

REDAÇÃO
Cartas e e-mails devem trazer nome completo e endereço do leitor.

Seção CARTAS
Comentários sobre o conteúdo editorial de SHOWBIZZ

SHOWBIZZ RESPONDE
Perguntas, dúvidas, discografias...

ENTRE LEITORES
Fãs-clubes, trocas, vendas e correspondência

E-mail:
showbizz.atleitor@email.abril.com.br
Internet: www.uol.com.br/showbizz
Correio: Caixa Postal 66157
CEP 05315-970
São Paulo, SP
Fax: (0__11) 3037-4909

ASSINATURAS
Pedidos ou reclamações, mudança de endereço

E-mail:
abrilsac@email.abril.com.br
Tel.: (0__11) 3990-2112
(Grande São Paulo)
0800-55-2112 *(Outras Cidades)*
Fax: (0__11) 3990-2100
(de segunda a sexta-feira, das 8 às 20 horas)

Edições Anteriores
Mediante disponibilidade de estoque (de segunda a sexta-feira, das 8 às 22 horas)

E-mail:
abril.na@email.abril.com.br
Tel.: (0__11) 3990-2200 /
Fax: (0__11) 3990-2233

PUBLICIDADE
Tel.: (0__11) 3037-6860 /3037-4287
Fax: (0__11) 3037-4909
Internet: www.publiabril.com.br

EDITORA Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE E DIRETOR EDITORIAL: Thomaz Souto Corrêa
VICE-PRESIDENTE E EXECUTIVO: Luiz Gabriel Rico
VICE-PRESIDENTE DE OPERAÇÕES: Gilberto Fischel

DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL: Celso Nucci Filho
DIRETOR DE PLANEJAMENTO E CONTROLE: Celso Tomanik
DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Marcel Caig
SECRETÁRIO EDITORIAL: Eugênio Bucci
DIRETOR DE SERVIÇOS EDITORIAIS: Henri Kobata
DIRETOR EDITORIAL ADJUNTO: Matinas Suzuki Jr.
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Nicolino Spina

SHOWBIZZ

DIRETOR DE REDAÇÃO: Felipe Zobaran
REDATOR CHEFE: Pedro Só
EDITORES: Bernardo Araujo e Tommho Spessotto
REPÓRTER: Andrea Estevam
EDITOR DE ARTE: Rodolpho Vasconcellos
EDITORA-ASSISTENTE DE ARTE: Graziella Iacocca
COORDENADOR DE PRODUÇÃO: Roberto Morgan Lopes
ASSISTENTE DE REDAÇÃO: Ana Paula Freire
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: (TEXTO) André Gordirro, Ayrton Mugnaini Jr., Carlos Eduardo Oliveira, Celso Pucci, Fabian Chacur, Helton Ribeiro, Jaime Biaggio, José Flávio Júnior, Juliano Zappia, Luciano Vianna, Luis Henrique Romanholi, Marcel Plasse, Roberto Muggiati, Sérgio Martins, Tárik de Souza, Terence Machado, Valeria Rossi e Zeca Camargo
(FOTOS) Ana Paula Oliveira, Anderson Schneider, Daniela Dacorso, Daniel Oliveira, Fred Jordão, Marcelo Ximenez, Marlos Bakker, Moira Seadon, Ricardo Fasanello (ILUSTRAÇÃO) Douglas Braga, Felix Reiners, Milton Trajano (REVISÃO) Jorge Cotrin

APOIO EDITORIAL
DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susana Camargo
ABRIL PRESS: José Carlos Augusto
NOVA YORK: Grace de Souza
PARIS: Pedro de Souza
PUBLICIDADE
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Moacyr Guimarães
EXECUTIVA DE CONTA: Márcia Regina Braga
MARKETING
GERENTE DE PRODUTO E PROMOÇÃO: André Felipe D'Amato
ASSISTENTE DE PRODUTO: Fernando Euzébio dos Santos

RECURSOS HUMANOS
DIRETOR DE RH: Marcio Ogliara
PLANEJAMENTO E CONTROLE
GERENTE DE PLANEJAMENTO E CONTROLE: Auro Luis de Iasi

ASSINATURAS
DIRETORA DE OPERAÇÕES DE ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR: Lidia Colaviti
DIRETOR DE VENDAS: William Pereira
DIRETOR ESCRITÓRIO BRASÍLIA: Luiz Edgar P. Tostes
DIRETOR ESCRITÓRIOS REGIONAIS: Jacques Ricardo
DIRETOR ESCRITÓRIO RIO DE JANEIRO: Paulo Renato Simões

Abril

PRESIDÊNCIA
Roberto Civita, *Presidente e Editor*
José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

VICE-PRESIDENTES:
Geraldo Nogueira de Aguiar,
Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal,
Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

Escreva para SHOWBIZZ RESPONDE:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
e-mail: showbizz.atleitor@abril.com.br

Discografias, fichas biográficas, dúvidas...

Oasismaníacos

Qual é a data de nascimento dos integrantes da banda inglesa Oasis?

Tania Maria Borges – Xaxim, SC

Noel Thomas Gallagher, 29/05/1967; William John Paul Gallagher (Liam), 21/09/1972; Paul McGuigan (Guigsy), 09/05/1971; Alan White, 26/05/1972; Paul Arthurs (Bonehead, *veja coluna Notas*), 23/06/1965.

Gostaria de saber qual é o efeito de guitarra mais usado nas músicas de Noel Gallagher, do Oasis.

Rodrigo Nunes – Rio de Janeiro, RJ

É o seguinte, Rodrigo: Noel não é muito chegado numa pedaleira. Em entrevista recente, disse que os crus Steve Jones (ex-Sex Pistols) e Paul Weller (ex-Jam) foram os caras que melhor tiraram som de rock de suas guitarras. Para as bases, o chefe do Oasis costuma usar a distorção do amplificador e um pedal Phaser. Nos solos, Noel mistura distorção e Chorus.

Dylanzinho

Por favor, será que alguém pode me dar notícias do Wallflowers? Gostaria de saber o que a banda anda fazendo e quando lançarão um novo trabalho.

Yáskara Barros – São Paulo, SP

A banda de Jakob Dylan está gravando o novo álbum. Quem produz é Julian Raymond, que trabalhou com o Fastball em *All The Pain Money Can Buy*. Raymond anda dizendo que o novo disco soa bem diferente de *Bringing Down The Horse*, que vendeu 4 milhões de cópias, e que uma das novas composições, "Eat You Sleeping", é uma mistura de "A Day In The Life" e "I Am The Walrus", clássicos dos Beatles.

Gaúchos "xinelões"

Gostaria de saber como faço para conseguir o novo CD da Graforréia Xilarmônica, *Chapinhas De Ouro*. Estou desesperado, me ajudem!

Marco Antônio – São Paulo, SP

Desse álbum vale a pena correr atrás. Marco: você pode falar com o guitarrista Carlo Pianta no (0_ _51) 330-4334, mandar um e-mail para o baixista Frank Jorge (yksgro@zipmail.com.br) ou escrever para o batera Alexandre Birck (Rua Botafogo, 683/23 - Porto Alegre, RS - CEP 90150-051).

Números do Hawaii

Gostaria de satisfazer a minha curiosidade e a de milhares de fãs do Engenheiros Do Hawaii. Qual a vendagem de discos dos caras, de *Longe Demais Das Capitais* a *!Tchau Radar!*?

Rafael M. C. Santos – Venâncio Aires, RS

Humberto e os Engenheiros sempre foram bons vendedores de discos

Longe Demais Das Capitais, 200 mil; *A Revolta Dos Dândis*, 230 mil; *Ouça O Que Eu Digo, Não Ouça Ninguém*, 194 mil; *Alívio Imediato*, 300 mil; *O Papa É Pop*, 480 mil; *Vitrias Variáveis*, 170 mil; *Gessinger, Licks e Maltz*, 100 mil; *Filmes De Guerra, Canções De Amor*, 100 mil; *Simples De Coração*, 144 mil; *Gessinger Trio*, 30 mil; *Minuano*, 80 mil; *!Tchau Radar!*, 70 mil.

Fera na rede

Gostaria de saber qual é o nome verdadeiro e completo do cantor Lobão, sua discografia e o e-mail para que eu possa entrar em contato com ele. Lobão tem site na Internet?

Max Neuzether Giudice - Salvador, BA

Na carteira de identidade, Lobão é João Luiz Woerdenbag Filho. Sua discografia é a seguinte: *Cena De Cinema* (1982); *Ronaldo Foi Pra Guerra* (1984); *O Rock Errou* (1986); *Vida Bandida* (1987); *Cuidado!* (1988); *Sob O Sol De Parador* (1989); *Vivo* (1990); *O Inferno É Fogo* (1992); *Nostalgia Da Modernidade* (1996); *Noite* (1998). Para se comunicar com o músico, acesse o www.uol.com.br/lobao.

Procura-se Zakk

Meu nome é Tatiana, assino a SHOWBIZZ e sou fã de Ozzy Osbourne. Gostaria de saber por onde anda o guitarrista Zakk Wilde, que participou do clipe de "No More Tears".

Tatiana Lima - São Paulo, SP

Zakk Wilde acaba de lançar um disco com sua nova banda, a Black Label Society. O som é um hard rock mais próximo do que ele fazia com Ozzy, diferente do Pride & Glory, banda com influências country que montou logo após deixar de acompanhar o ex-Sabbath. Além de tocar guitarra, Zakk também canta no Black Label Society.

Prece Progressiva

Gostaria de saber a discografia completa da banda O Terço, o ano em que Flávio Venturini saiu e por onde anda o grupo hoje em dia.

Daniel Gomes Ferreira - Lorena, SP

Anota aí, Daniel: *O Terço* (1970); *Terço* (1974); *Criaturas Da Noite* (1975); *Casa Encantada* (1976); *Mudança De Tempo* (1978); *Som Mais Puro* (1982); *O Terço* (1990); *Time Travellers* (1992); *Live At The Palace* (1994); *Spyrowords* (1997). Flávio Venturini saiu em 1979, acompanhado de Sérgio Magrão, para montar o 14 Bis. O único membro remanescente da formação original é Sérgio Hinds, que promete disco novo do Terço – só com regravações de clássicos de Raul Seixas – para outubro.

Mano a mano

Quero pedir a discografia do Sepultura e de Max Cavalera.

Mario Antônio Heinrich - Santa Maria, RS

Sepultura: *Bestial Devastation* (dividido com a banda mineira Overdose, 1985); *Morbid Visions* (1986); *Schizophrenia* (1987); *Beneath The Remains* (1989); *Arise* (1991); *Chaos A.D.* (1994); *Roots* (1996); *Against* (1998).
Max Cavalera com o Nailbomb: *Point Blank* (1994); *Proud To Commit Commercial Suicide* (1995); com o Soulfly: *Soulfly* (1998).

Ficha: TWISTED SISTER

A pedido do leitor **Jeferson Lanfredi**, São Paulo, SP

Importância

Além de ter criado hinos do hard rock como "We're Not Gonna Take It" e "I Wanna Rock", o quinteto nova-iorquino Twisted Sister foi relevante na ponte entre o glam dos anos 70 e o estilo que os consagraria na década seguinte.

Biografia

O Twisted Sister foi formado em 1973, em New Jersey, na área metropolitana de Nova York. Os adolescentes Dee Snider (vocais), J.J. French e Eddie "Fingers" Ojeda (guitarra), Mark "The Animal" Mendoza (baixo, ex-Dictators) e Tony Petri (bateria) resolveram criar um som oposto à música disco que incendiava as paradas de sucesso. Para isso tomaram influências dos Rolling Stones e The Who e uma produção inspirada em Alice Cooper e nos New York Dolls. Depois de gravar um single, "Ruff Cuts", e gramar por anos no circuito de bares de Nova York, os cinco – já com A. J. Pero no lugar de Petri – lançaram um disco independente, *Under The Blade* (1982) e se mudaram para a Inglaterra. Lá apareceram no programa de TV *The Tube*, o que lhes rendeu um contrato com a gravadora Atlantic. Veio então *You Can't Stop Rock 'N' Roll* (1983), um exemplo de rock puro como raramente se via naqueles tempos. A legião de fãs aumentou, principalmente após a aparição da banda no festival inglês de Castle Donnington. O lançamento de *Stay Hungry* (1984) e a MTV consolidaram o TS como uma das mais populares bandas dos Estados Unidos. Eles lotaram arenas até a turnê do disco seguinte, *Come Out And Play* (1985), e ficaram por aí. O fraco *Love Is For Suckers*, de 1987 – sem Pero, com Joey Franco –, já é uma prova de que as idéias haviam acabado, e a banda foi pelo mesmo caminho. Os cinco se reuniram no ano passado para gravar uma canção inédita, "Heroes Are Hard To Find",

Mark Mendoza, Joey Franco, Dee Snider, Eddie Ojeda e Jay Jay French, os malucos do TS

para a trilha sonora do filme *Strangeland*, que teve o roteiro assinado por Snider. Uma turnê está prometida para o ano que vem.

Discografia

Under The Blade (1982), *You Can't Stop Rock'N'Roll* (1983), *Stay Hungry* (1984), *Come Out And Play* (1985), *Love Is For Suckers* (1987), *Big Hits And Nasty Cuts: Best Of Twisted Sister* (1992), *Live At Hammersmith* (1994)

Bizzes

Recheio interativo

AMOSTRA GRÁTIS

"Made In Japan" – A letra de John sobre a presença nipônica em todos os cantos de nossa vida foi traduzida para o japonês e Fernanda teve aulas de pronúncia para poder cantá-la direitinho. O resultado é engraçado e original.

"Um Ponto Oito" – Melancólica, a música tem mais de seis minutos de letra bruta e melodia doce.

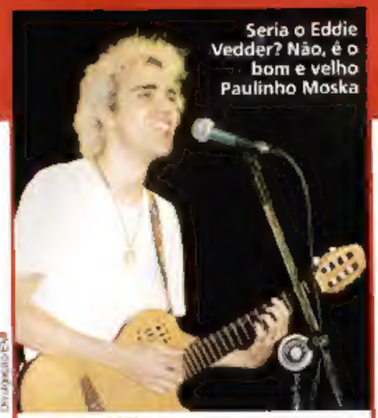
"Depois" – É a mais "chiclete", como Fernanda define. Dançante, é perfeita para as rádios.

Xande, John, Fernanda e Ricardo: o Pato Fu lança o quinto disco usando o computador como aliado

O Pato Fu está saindo do forno com uma novidade. *Isopor*, quinto álbum do quarteto, chega às lojas com doze faixas, uma delas, interativa. "É para marcar o nosso envolvimento com Internet, computador e videogame", explica a cantora Fernanda. "As pessoas vão poder entrar no nosso palco e ouvir depoimentos, ver cenas ao vivo e acessar as cifras", completa o guitarrista John. O projeto é antigo, vem de 1996, mas até agora não tinha sido levado a cabo porque a banda não botava fé na tecnologia disponível. "Tínhamos medo de que o disco travasse por problemas técnicos", traduz Fernanda.

Musicalmente mais pop, *Isopor* foi criado de modo semelhante a *Rotomusic De Liquidificapum*, primeiro trabalho do Pato, de 1993: teve a pré-produção toda feita em estúdio. "A gente usou o computador para escolher as vozes, guitarras, loopings, até chegar ao resultado que queríamos", diz a cantora. "Nós decidíamos que uma faixa ia ser calma e não tinha ensaio para mudar isso. Ela vai ser calma de qualquer jeito, porque eu tô com a mão no botão de velocidade", diz John. Isso não quer dizer que o improviso tenha morrido – ele só mudou um pouquinho. "Hoje nossas jams são na frente do computador", ri Fernanda.

"A gente fica em volta da tela falando 'muda isso!', 'tenta aquilo!'." Para os puristas que acusam a banda de perder o estilo esquisitinho e underground, o baixista Ricardo dá o recado: "A cada disco que a gente lança as pessoas falam: 'Agora vocês entraram no mainstream!' Isso é legal porque mostra que a gente está seguindo aquele ditado mineiro do come-quieto. Enquanto, isso, outras bandas sobem, caem e somem. Quando as pessoas se ligarem, vão ver que o Pato Fu já faz parte da história da música do Brasil nos anos 90".



Seria o Eddie Vedder? Não, é o bom e velho Paulinho Moska

Divulgação EMI

Sutilezas nos ruídos

"Tim-tim, mais um disco. Boa viagem." Com a simplicidade e simpatia habituais, Paulinho Moska iniciou o show de lançamento de seu novo álbum, *Móbile*, no Teatro da Lagoa (Rio), dia 2 de agosto. Acompanhado de sua poderosa banda – Billy Brandão na guitarra, Bruno Migliari no baixo e Marcelo Costa na bateria –, que contou com o reforço do percussionista Marcos Suzano, Paulinho cantou apenas oito músicas. "É só uma comemoração com os amigos, o show mesmo vem mais tarde", comentou à tarde, em entrevista na gravadora EMI. Havia tempos que o ex-integrante dos Inimigos Do Rei e do Garganta Profunda falava em produzir um disco diferente e investir na manipulação de ruídos. "Minha primeira idéia foi chamar o Suzano para produzir", conta ele. O percussionista mais querido da MPB gravou horas de batidas, grooves e levadas em seus instrumentos, a partir da fita em que Paulinho registrou as canções em voz e violão. E daí nasceu *Móbile*, um disco sem bateria, sem guitarras elétricas e cheio de samplers, tudo valorizando as composições de Paulinho. "Eu queria brincar com essas coisas, mas torná-las pouco perceptíveis ao ouvido", comemorou ele.

Suingue e telecotecno

Foto: Divulgação

Enquanto Marky Mark é residente em Londres, Ricardo *(acima)* arrebenta em Berlim

Sepultura, Angra, Caetano Veloso... e os DJs **Ricardo NS** e **Marky Mark**? Os dois últimos entraram para a seleta lista de profissionais brasileiros da música que foram descobertos pelos gringos: estão causando furor na Europa. Depois de anos no circuito underground do tecno carioca, Ricardo foi chamado para a Love Parade, a maior rave do mundo, que toma conta das ruas de Berlim, Alemanha, por três dias, em julho. E o paulistano (da Zona Leste) Marky Mark – ou DJ Marky, para os ingleses – conseguiu furar o bloqueio da panelinha do drum'n'bass londrino e pretende passar seis meses na Inglaterra pilotando uma festa semanal ao lado de medalhões do gênero, como Roni Size.

Marky Mark foi descoberto pelo DJ inglês Brian D, que viu o colega detonando seu estilo performático numa festa na boate Lov.E, em Sampa. Ele foi chamado para tocar no Bar Rumba, em Londres. "O Roni Size não queria deixar que eu tocasse, mas quando me viu nas pick-ups, liberou", ri o nosso Marquinhos. O DJ sempre foi elogiado pela animação e mixagens elaboradas, fruto da dedicação de quem toca desde os 10 anos de idade – está com 26. "Os DJs gringos são meio fechados, paradões." Acho que o DJ brasileiro chama atenção pelo suingue e vibração", acredita.

Ricardo NS já era conhecido pelos alemães e ingleses por ter tocado com nomes como o alemão Oliver e o inglês Julian Libertor aqui no Brasil. Os contatos deram fruto no ano passado, quando foi chamado para tocar na Tresor, na Alemanha, templo do tecno pesado. Tocou numa ingrata noite de quarta-feira, abrindo seu set com... samba! "Foi uma maneira de brincar, mas não estou tocando samba-pra-gringo-ver", esclarece o DJ. A brincadeira rendeu: Ricardo voltou em julho, tocou por treze horas seguidas e garantiu sua participação na Love Parade. Pena que perdeu o "trio elétrônico" onde iria tocar. Ele já pegou a manha de tocar para estrangeiro. "Aquilo lá para eles é uma indústria e o público é muito bem informado em relação a tecno. Você só pode tocar coisa nova", conta Ricardo, que comprou 260 discos de vinil na turnê.

Trigêmeos do rock

Um esteve no Brasil recentemente; outro está vindo para o Free Jazz; um terceiro liderava uma banda de rock pesado e está prestes a lançar seu primeiro disco solo. Leitor de todos os sortilégios, diga-nos: quem é quem?

a) Eagle-Eye Cherry; b) Kirk Hammett, do Metallica; c) Chris Cornell, ex-Soundgarden

Acabou o show, começou a confusão: jovem dança sobre o fogo enquanto outro contribui com a baderna

Sinfonia de destruição

Por acidente ou não, enquanto Hendrix, o fogo e a confusão tomavam conta do palco leste (o principal), do outro lado o Megadeth mandava brasa com "Almost Honest", "Trust" e a recente "Crush 'Em", trilha semi-oficial da Liga de Hóquei americana. Depois da sintomática "Symphony Of Destruction" ["sinfonia de destruição"], o vocalista Dave Mustaine anunciou: "Estão vendo aquela luz ali? Significa que faltam cinco minutos para o fim do Woodstock 99". Então ele dedicou o show ao baterista original da banda, Gar Samuelson, que morreu no dia 14 de julho e encerrou a festa com "Peace Sells... But Who's Buying".

Fogo no pau da barraca

Vândalos incendeiam a festa de trinta anos do Woodstock ao final de três dias de rock e nudismo

Os trabalhos abertos por um rechonchudo James Brown e seu terninho roxo, sob o sol de meio-dia em uma base aérea abandonada de Rome, no interior do Estado de Nova York, já davam sinais de que a coisa seria meio esquisita. Naquele bom humor inicial – quando as primeiras bundas, seios e órgãos genitais começavam timidamente a tomar sol –, até que o papa do soul se deu bem. No entanto, ao longo de três dias de calor insuportável, lama, preços extorsivos (uma fatia de pizza a 12 dólares!), rock e rap, a paciência do povo foi minguando.

Quando os Red Hot Chili Peppers encerravam a festa no palco principal, um grupo de bichos-grilos resolveu distribuir velas aos convivas. Foi a senha: em poucos minutos, carros, trailers e barracas estavam em chamas. Até a polícia chegar, os vândalos queimaram e quebraram tudo o que viam. No final, além da sujeira na saída, o prejuízo: nenhum ferido grave, algumas prisões e pelo menos quatro estupros, um deles na frente do palco durante o show do Limp Bizkit. Moral da história: não, caro leitor, preferimos poupá-lo dessa.

Letras revoltadas

O quinteto Korn foi responsável pelo maior agito da primeira noite. Coberto de suor e vestido com um ridículo saiote kilt (ele é metido a escocês, até sopra uma gaita de foles, nos shows), o vocalista Jonathan Davis fez a galera esquecer o cansaço e berrar com ele as letras revoltadas de canções como "Break Things", "Got The Life" e "Freak On A Leash". O maior latido coletivo foi conseguido na homofóbica "Faget". Outro show forte da primeira noite foi do Bush. Bem-humorado após o acerto de contas com a gravadora Trauma – que vai permitir ao quarteto que finalmente lance seu novo disco, *The Science Of Things*, até o final do ano –, Gavin Rossdale cantou ótimas canções, como "Glycerine", e surfou no público, sempre com aquela cara séria de quem não é só um rostinho bonito.

Gavin e o Bush agitaram os enlameados na primeira noite

Domínio heavy metal

"Este é o maior show do mundo. Então, com vocês, a maior banda do mundo, Metallica!", anunciou o locutor na noite de sábado. Com as mais de 100 mil pessoas na palma das mãos, James Hetfield, Kirk Hammett, Lars Ulrich e Jason Newsted subverteram o roteiro dos shows apresentados no Brasil. Músicas dos discos *Load* e *Reload* foram minoria, esmagadas por clássicos como "Master Of Puppets", "Creeping Death", "Fire Fire With Fire" e "Wherever I May Roam". Descansados – a atual turnê por festivais não chegou a ter vinte shows, pouco para uma megabanda como o Metallica –, os quatro fizeram valer o preço do ingresso.

Incêndio de imitação

Wyclef Jean, dos Fugees, que levou ao festival sua banda solo, os Refugee All-Stars, quis lembrar Jimi Hendrix e incendiou uma guitarra. Mais esperto foi Brian Setzer, que usou apenas guitarra, carisma e topete para sacudir o público, acompanhado por sua *big band*.

Brian Setzer

Tecnopelados

A música eletrônica, que ainda não se cria muito em terras americanas, teve representantes de peso. Em um belo espetáculo de computação gráfica, os Chemical Brothers fizeram sucesso com suas colagens sonoras pornada. No final da noite de sábado, uma rave – embalada a muito strip-tease – ferveu até o sol raiar.

Pimenta para queimar

A tarefa de encerrar o Woodstock – antes de um tributo a Jimi Hendrix que não aconteceu – ficou com os Red Hot Chili Peppers. Em alta com o bom disco *Californication* e com o retorno do guitarrista John Frusciante, o quarteto justificou o cachê, agitando o público com "Give It Away" e a versão para "Higher Ground", de Stevie Wonder, além das novas "Scar Tissue" e "Got On Top". Para o bis, o baixista Flea, que ostentava uma cabeleira verde, voltou nu em pêlo, e não fez questão de esconder nada com o baixo. Conseguiu ser pior do que o cabelo descolorido do cantor Anthony Kiedis. Quando o RHCP deixou o palco, as chamas eram maiores do que as torres de som e luz. Woodstock pegou fogo enquanto o telão passava Jimi Hendrix tocando o hino nacional americano na edição de 1969.

frases

"Na primeira vez que fui ao auditório municipal de Sheffield, em 1971, ver o T Rex, o lugar me pareceu imenso. Quando tocamos lá, eu podia jurar que conseguiria cuspir na parede dos fundos."
***Joe Elliot**, cantor do Def Leppard, na revista inglesa* Q

"Quantas de suas canções podem ser tocadas em um violão, na frente da fogueira?"
***Rick Rubin**, produtor, pergunta a Trent Reznor, do Nine Inch Nails, na revista americana* Rolling Stone

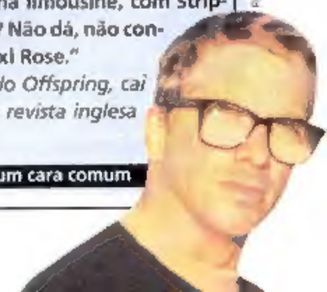
"Está bem, vou te mostrar, vou me sentar ao piano e compor músicas do Billy Joel."
***Trent Reznor**, respondendo a Rubin*

"Foi a heroína que me ajudou a ficar conservado assim. Eu dormia muito."
***Steven Tyler**, cantor do Aerosmith, dá dicas na revista inglesa* Kerrang!

"Suponho que agora, com este visual, todos vão se convencer completamente que sou sapatão."
Mel C, das Spice Girls, comenta seu novo look de cabelos curtos, músculos, tatuagens e um dente de ouro na revista inglesa Q

"Meu único problema em ser mulher é que não posso ter uma esposa para cuidar dos meus filhos. Talvez seja por isso que eu e outras mulheres somos guitarristas tão retardadas."
***Chrissie Hynde**, dos Pretenders, na revista americana* Total Guitar

"Outro dia eu estava no banco de trás de uma limousine, com strippers... viu? Não dá, não consigo ser Axl Rose."
***Noodles**, do Offspring, cai na real na revista inglesa* Kerrang!


Noodles é um cara comum

Feirão sem xepa

Mesmo com preços acima do esperado, a CD Expo atraiu 150 mil paulistanos no final de julho

O clone de Tiazinha foi uma das atrações bizarras da CD Expo

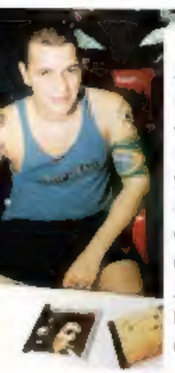
Ofertas realmente vantajosas, tais como anunciado na TV e nos jornais, foram poucas e não tão boas. Ainda assim, a quarta edição da CD Expo – "maior feira da indústria fonográfica da América Latina" – foi um programa legal para quem passou pelo Pavilhão da Bienal, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, de 20 a 25 de julho. Além de visitar os estandes dos 180 expositores (gravadoras, selos, produtoras, rádios, TVs, revendedores de CD, editoras musicais e estúdios, entre outros), o público pôde comprar roupinhas descoladas no Mercado Mundo Mix, destruir CDs piratas com um triturador e assistir a vários artistas emergentes que se apresentavam em dois palcos. Quer dizer, os zilhões de shows – Junk, João Suplicy, Toy Shop, Dudu Nobre, Nocaute,

Uma das diversões era esmigalhar CDs piratas

Big Gilson, Boato, Lucas Santana, Rita Ribeiro, Negril, Mestre Ambrósio, e covers de Tiazinha e Backstreet Boys – aconteciam em locais inadequados e com má acústica. Mas o balanço comercial mostrou-se positivo: o público foi maior do que o das edições anteriores, realizadas no Rio de Janeiro: 150 mil pessoas contra as 137 mil do ano passado. Foram vendidos 200 mil CDs a mais do que em 1998. SHOWBIZZ fez uma enquete entre o público para saber o que rolou de bom e de ruim na feira...

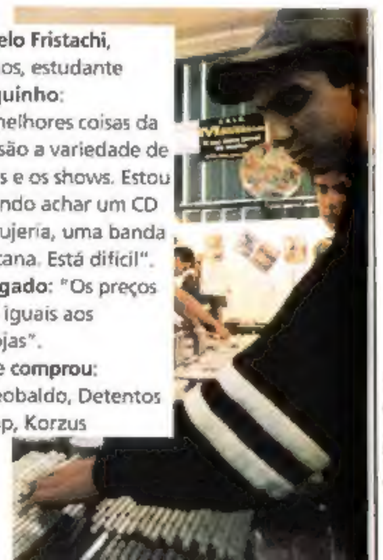
Laura Wrona, 19 anos, estudante
Fresquinho: "Tem preços bons".
Estragado: "Está tudo meio confuso. Os caixas não funcionam e os preços variam demais".
O que comprou: Ed Motta, Daúde e 10 000 Maniacs

Daniel Pereira, 17 anos, estudante
Fresquinho: "A variedade está ótima, dá para achar CDs que você não encontra em lojas".
Estragado: "Os CDs mais baratos estão bagunçados, tem que procurar muito para achar e vários estão com as caixinhas quebradas".
O que comprou: Red Hot Chili Peppers, Jimi Hendrix, Jon Scofield



Marco Aurélio Lima, 21 anos, estudante
Fresquinho: "A organização está legal".
Estragado: "As ofertas. Só tem os CDs mais comuns. Parece que estão querendo vender discos encalhados".
O que comprou: Tribo de Jah, Counting Crows, Bob Marley & The Wailers e Screaming God Head

Mariane Chieco, 21 anos, estudante
Fresquinho: "Se você estiver a fim de CDs antigos, vai achar".
Estragado: "Paguei para entrar e encontrei CDs aos mesmos preços das lojas".
O que comprou: Sublime e Jamiroquai



Marcelo Fristachi, 16 anos, estudante
Fresquinho: "As melhores coisas da feira são a variedade de títulos e os shows. Estou tentando achar um CD do Brujeria, uma banda mexicana. Está difícil".
Estragado: "Os preços estão iguais aos das lojas".
O que comprou: Ostheobaldo, Detentos do Rap, Korzus

Negro com poder

BLACK GROOVE

Azeitem os quadris. O selo Black Groove, filhote da gravadora Sony, chega prometendo abrir espaço para a black music brasileira – hip-hop, soul, rap, funk e quaisquer híbridos dessas vertentes. Segundo **Primo Preto**, ex-apresentador do programa *Yo! MTV Raps* e agora diretor artístico do selo, o Black Groove chegou "para proporcionar uma nova estrutura para a música alternativa". "Vamos dar uma chance para essa garotada que está aí ter qualidade de estúdio, clipes decentes..." Parte do investimento inicial de 500 mil dólares será usado na construção de um estúdio ou "centro de produção". "Vamos convidar os artistas, da gravadora ou não, para fazer um som. Queremos que o estúdio seja um ponto de encontro da cena alternativa e desse convívio temos certeza que vai sair muita coisa boa", avisa Primo Preto. O selo já tem dois artistas contratados: Nocaute *(veja texto abaixo)* e Zâfrica Brasil. Primo Preto também deixou no ar a intenção de lançar coletâneas de rap paulista e carioca. Se anos atrás era impossível pensar em rap no Brasil, o Black Grooves está aí para mostrar que hoje a coisa anda bem diferente.

Primo Preto é o cérebro do selo Black Groove

Primeiro soco

Orgulhosamente vindo de Belford Roxo, Baixada Fluminense, o **Nocaute** faz um rap bem carioca e cheio de suingue. O grupo já existe há sete anos, mas só agora conseguiu o apoio de uma gravadora para levar seu som além dos bailes e shows no Rio. Agora, com um CD oficial – após um independente, aliás bem-sucedido – pronto para ser lançado em setembro, já tem uma música tocando nas rádios paulistas: o single "Men's", aperitivo para o disco que está chegando às lojas.

Eddi MC e Nino Rap estrearam bem em palcos paulistas

No palco, Nino Rap (vocalista com minidreadlocks oxigenados que divide os microfones com Eddi MC) mostra carisma e rebeldia na medida certa – nem bonzinho e sorridente demais a ponto de ficar com cara de bobão, nem revoltado-chato a ponto de encher o saco de quem está a fim só de curtir um som. Andréa (uma bem-vinda baterista) manda bem na cozinha, junto com o baixista Cézar Belieny. Completa a formação o guitarrista Ed Esteves. Guitarra? Sim. O Nocaute faz um rap híbrido, com pitadas de rock que não chegam a comprometer a personalidade hip-hop. No show de lançamento do single, na CD Expo, a acústica do local foi inimiga, mas a banda passou no teste da cintura do público presente.

notas

Menos um no Oasis

Após oito anos, o guitarrista-base Paul "Bonehead" Arthurs esperou o final das gravações do novo disco do **Oasis** (ainda sem nome) para anunciar sua saída da banda. Segundo o anúncio oficial da gravadora Creation, a separação se deu de modo absolutamente amigável. "Me diverti muito, mas agora quero me concentrar em outros objetivos", disse Bonehead. O disco estava sendo mixado em agosto.

Divulgação
Paul *(de branco)* saiu

Max violento

As coisas não vão bem no **Soufly**. Max foi preso em Atlanta, no final de julho. Ele chutou um policial que estava esganando um fã e teve armas apontadas para si. "Me algemaram na frente dos meus filhos", lamentou o cabeludo, falando à revista inglesa *Kerrang!*. Para piorar, brigou com o baterista Roy Mayorga, pegando-o pelo pescoço. Segundo ele, Roy anda arrastando asa para a nova banda do guitarrista Logan Mader, Mystriss, com o ex-vocalista do Ugly Kid Joe e do Life Of Agony, Whitfield Crane.

Divulgação/Roadrunner
"Dá o pescoço aqui, dá"

PQP! Mataram o Kenny!

O longa-metragem do **South Park**, chamado em inglês *Bigger, Longer and Uncut*, bate um recorde de *Pulp Fiction*: a quantidade de palavrões, gestos obscenos e atos de violência por minuto. O filme do diretor Quentin Tarantino tinha 411 *fuck* ou assemelhados, em duas horas de projeção, enquanto Kyle, Cartman e sua turminha emplacam 399 palavras de baixo calão em apenas 80 minutos.

Coelhinhos entre nós

O **Echo And The Bunnymen** confirmou a vinda ao Brasil. Os astros dos anos 80 liderados pelo cantor Ian McCulloch tocam no Bar Opinião, em Porto Alegre, dia 21/9; na Via Funchal, em São Paulo, dia 23; no Forum de Curitiba, 24; e encerram a turnê no Metropolitan, Rio, dia 25.

Brown, Ice Blue, KLJay e Edy Rock vão repensar a relação

Manos de férias

Racionais se separam e investem em projetos solo

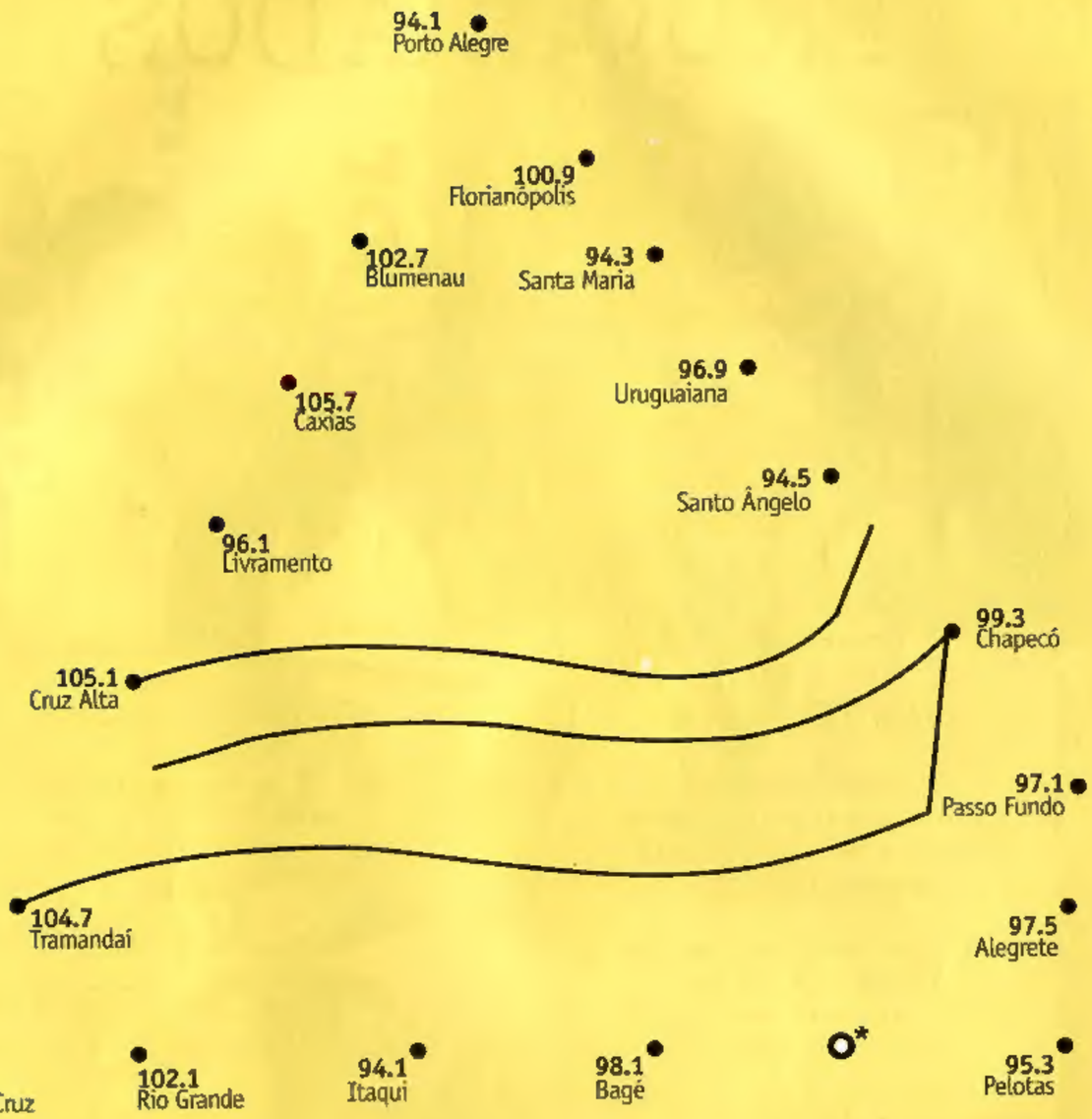
Já se vão alguns meses desde que o boato apareceu circulando nas filas de banco, fliperamas, restaurantes de prato comercial a R$ 3, lojas das grandes galerias do centro de São Paulo, lotações, rádios comunitárias e outros lugares freqüentados pela galera hip-hop: Mano Brown, Edy Rock, Ice Blue e KLJay, os Racionais MCs, iam se separar. Depois de três LPs e quase 2 milhões de discos vendidos, seria o fim do mais popular grupo de rap do Brasil?

Só o último CD do grupo, *Sobrevivendo No Inferno*, lançado no final de 97, vendeu mais de 1 milhão de cópias e projetou os rappers paulistanos ao primeiro escalão da música pop nacional, levando o manifesto virulento da periferia pobre da terceira maior metrópole do mundo até os bem-nascidos de todo o Brasil.

Depois de muito sacrifício e muito sucesso, o grupo agora pretende dar um tempo. Como os nova-iorquinos do Wu-Tang Clan ou os Titãs, os Racionais MCs querem investir em projetos solo. Edi Rock deve lançar um CD com duas músicas até o fim do ano. Ele quer convidar para o disco grupos novos de sua região, a Zona Norte de São Paulo, além de se dedicar à produção musical. Sua primeira incursão pela área já está nas rádios, um remix de "Há Aço", do DMN, em que participa como MC, vociferando: "Fernando Henrique fez o Brasil virar um puteiro!".

KLJay, por sua vez, além de já apresentar o *Yo! MTV Raps* e participar como sócio de três diferentes selos independentes, deve lançar até o ano que vem *KLJay Na Batida – Volume 1*, CD em que exercita suas habilidades de DJ. Mano Brown e Ice Blue também devem lançar CDs solo, mas ainda não anunciaram nada.

Spensy Pimentel



Ligue os pontos e se ligue na maior rede de rádio jovem do sul do país.

* Este ponto está reservado para você ligar para a gente e fazer parte da rede Atlântida: (51) 218.5700 - rede@atlantida.com.br

Atlântida

A maior rede de rádio jovem do sul do país.

PROCURADOS

LOS HERMANOS

ANNA JULIA
está desaparecida. Seus
amigos e namorados estão
desesperados.

Para qualquer informação,
comprar o CD de
estréia dos
LOS HERMANOS

ULTRAJE A RIGOR

Há 18 anos sem tirar,
está à procura de
seu monstro de duas
cabeças.

Se você não tiver
nada pra dizer,
eles vão enfiar
um palavrão.

Abril Music
A NOVA CARA DA MÚSICA
DO ROCK!

GRÁTIS:
1 MÊS* DE INTERNET
*até o limite de 50 horas
+
CD RAUL SEIXAS
AO VIVO
Apoio:
UOL

NU e CRU

por José Flavio Jr.
Fotos: Marlos Bakker

Aos 43 anos, Roger, do Ultraje A Rigor, tem muito a dizer: sem enfiar palavrões, ele revela mágoas com colegas de geração, defende FHC e diz que o rock nacional nunca mais vai ter a importância que teve nos anos 80

"Nada impede que os gays já estejam se masturbando vendo uma foto minha vestido"

Por ter vivido a ditadura, a gente teve um período de letras mais profundas, uma preocupação muito maior com o sentido. E eu usava o humor para não ficar pedante.

Você acha que o rock nacional evoluiu desde Nós *Vamos Invadir Sua Praia*?
Musicalmente, sim. Acho que o que o Raimundos faz é uma invenção deles. O Ultraje é assim também, incorporamos o lance das marchinhas de Carnaval, as letras com duplo sentido.

Sua simpatia por essas bandas novas não se deve ao fato de você ser reverenciado por todas elas?
Eu descobri que era reverenciado há pouco. Teve um período aí em que parecia que as bandas tinham até vergonha de falar que eram influenciadas pelo Ultraje. Depois fiquei super contente com a música do Raimundos que me cita nominalmente (*"Boca De Lata"*). Os caras são fãs mesmo, ficam orgulhosos de tocar comigo.

Você se dá bem com todo o pessoal da década de 80? Acompanha as carreiras, tem prazer de ouvir uma música deles?
Eu me dou bem com eles. Mas eles sempre foram diferentes. Os Titãs mesmo eram bregas, aí ficaram eletrônicos, tiveram a fase punk, tocaram grunge, fizeram acústico, depois outro acústico em seguida. Eu prefiro outras fases do que a atual. Concordo com o que o Lobão disse à SHOWBIZZ (*ed. 169*). Como movimento, chegou uma hora em que a gente se dispersou, meio que entregou o ouro pro bandido. Esse negócio de gostar do Caetano. Eu gosto de Jorge Ben, do Chico, mas não é a minha praia, não tento ser eles, não tenho capacidade e não quero. Se a banda de rock começar a virar MPB, acho que tá errado. E hoje em dia você diz "banda de rock" e se for ver, só duas ou três são de rock. O resto continua [illegible].

Como é seu relacionamento com o Herbert Vianna?
No começo, éramos bem ligados. Um sempre ia no show do outro, dava canja. Mas fiquei muito decepcionado com ele uma certa época. No Rock In Rio *(1985)*, os Paralamas foram escalados para tocar e o Herbert não me deu nem convite, mandou ver com o Bi ou com o Barone. Aí começou com aquela demagogia: fez uma homenagem – entre aspas – às bandas paulistas, tocando "Inútil". Eu estava a 10 metros dele, no *backstage*. Se o Herbert quisesse fazer uma homenagem realmente, me chamaria para tocar com eles. Não era obrigação, mas então, pô, não fala que vai homenagear. Ele precisava de uma música mais política na época e tocou "Inútil", que já era um sucesso. Então eu fiquei ressabiado um tempão. Depois, fui ver um show em que ele me elogiou pra c***, me elogiou tanto, que cheguei a desconfiar que ele estava sendo sarcástico. Pediu desculpas pelo ocorrido no Rock In Rio e eu fiz uma letra. Mandei pra ele, que não me deu nem resposta. Aí eu falei: "Então vai a m***". Fiquei chateado, mais porque a gente era bem chegado no começo. Aí teve o especial da HBO, que ele me convidou e eu nem queria ir. A gente começa a ficar desconfiado. Um especial sobre o rock e o Paralamas conduzindo, que p*** é essa? Negócio esquisito. Mas não gosto de ter inimizade com ninguém, então, fui lá, tudo bem, passou... Agora, me dou muito melhor com o Ira!, com o Lobão, acho que ele tem uma lucidez incrível. Gosto dos Maquinhos, gosto do Léo Jaime.

Teve alguma banda ou artista com quem você brigou no decorrer da carreira e gostaria de retomar contato?
Não. Eu vou e falo com as pessoas. Por exemplo, a gente era amigo do Fernando Deluqui e ele pediu para que o RPM abrisse nosso show. Nós, "estouradaços", tocávamos "Louras Geladas" no Brasil inteiro. Na hora que eles estouraram, o Paulo Ricardo saiu falando m*** que só eles eram legais e que o Ultraje fazia música descartável. Eu fui falar com ele: "Você falou umas m***". Não posso concordar com a carreira dele e olha ele aí (risos, *aponta pra televisão, que está passando uma novela, cuja trilha sonora é uma balada de Paulo Ricardo*), mas isso é à parte. Teve o Herbert falando em triunvirato. Paralamas, Legião e Titãs. Triunvirato é forma de governo (*risos*). Foi numa época em que eles estavam por cima.

Em agosto de 1985, você disse à revista *Veja* que o samba é uma música conformista, que exalta a miséria. O que você pensa desses novos grupos de pagode?
(*Risos*) Eu falei isso porque tavam criticando o rock. Fora do contexto é que acaba virando uma declaração bombástica. O que eu acho, na verdade, é que a mentalidade do brasileiro é um dos principais motivos de nós ainda estarmos no Terceiro Mundo.

Em 1984 você disse que o brasileiro é um indolente, que reclama e não faz nada pra mudar o país...
Ó que beleza. Tá vendo? "Preguiça" é sobre isso. Você vê a coerência (*risos*). Dizem ▶

Roger é tímido, mas gosta de fazer mágica para os amigos: o Mister R

Ultraje hoje

Nome: Flávio Suete
Apelido: "Tentaram vários, até Jotalhão. Nada pegou".
Idade: 30 anos
Instrumento: bateria
A declarar: "A primeira banda que tive, com o Serginho Petroni, tocava cover de Ultraje. Eu tinha uns 9 anos. Ganhei um festival com a banda Nem e o Roger me viu. Também faço parte de uma banda cover de Frank Zappa, chamada The Central Scrutinizer Band. Entrar no Ultraje nem parecia verdade. Em quase nove anos de banda, é a primeira que a gente chega pra fazer show e é chamado pelo nome"

Nome: Heraldo Paarman
Apelido: "Umas 32 variações, como Aldo, Geraldo, Everaldo, Hideraldo..."
Idade: 30 anos
Instrumento: guitarra
A declarar: "Achava que meu trampo seria em estúdio. Um dia, estava tomando banho e pintou um anúncio na rádio dizendo que o Ultraje procurava guitarrista. Quando ensaiamos pela segunda vez, falei 'caramba, acho que vai rolar'. Até que chegou o dia, o Roger começou a falar e eu pedi licença para ir ao banheiro. Me tranquei e fiquei comemorando: 'yesss, yesss!'. Metade da história do Ultraje está com a gente. Também me formei bacharel em música e tenho um quarteto de guitarras, o Quadrivium"

Fotos: Divulgação

Nome: Mingau (Rinaldo Oliveira Amaral)
Apelido: "Batatinha. É coisa do Bicudo (*Roger*)"
Idade: 31 anos
Instrumento: baixo
A declarar: "Entrei no Ratos De Porão com 14 anos. Depois fui pro Inocentes, depois 365, tive uma passagem pela Legião Urbana, voltei pro Inocentes, fiz o Vertigo com o Dinho Ouro Preto e o disco solo dele também. Toquei na turnê do *Benzina*, disco solo do Edgard Scandurra. Gravei um disco com o Olho Seco recentemente. Sempre gostei do Ultraje, fui assistente de som deles quando ainda tocava no Ratos. Daqui eu não saio, só se me tirarem. Adoro ficar na estrada. Parece que eu tô há anos tocando com os caras, rolou uma química".

"Toquei em comício do PSDB e do PT, mas não acho legal. Dou minha contribuição ao país, humildemente, com minhas letras"

que nós somos amistosos, nós somos é colonizados. Somos amistosos com americanos, franceses. Para o paraguaio, viramos a cara. Voltando a sua pergunta, eu gosto de samba, mas isso que tá aí é música brega. Tem uns caras que nem sabem sambar, tem aquela dancinha ensaiada. Essa jogada agora do Marcelinho Carioca *(o grupo de pagode Divina Inspiração)*, foi uma "divina inspiração" do cara da gravadora *(risos)*

No início da carreira, você era muito procurado para dar opinião sobre o cenário político nacional. Qual é sua opinião sobre o atual presidente? E sobre os sem-terra?

Sempre admirei o Fernando Henrique. Já estive com ele várias vezes, fiz campanha pro PSDB. Ele é bem preparado, mas esperam demais dele. Ele fica ridículo fazendo política, subindo no burrico porque é muito intelectual. Mesmo assim, acho que o saldo do governo dele é positivo.

Eu cheguei a tocar em comício do PSDB, do PT também, mas não acho legal fazer esse tipo de coisa. Dou minha contribuição ao país, humildemente, com minhas letras. Sou a favor da reforma agrária, assim como o Fernando Henrique parece ser. Mas o Movimento dos Sem Terra tá virando baderna, quase de terrorismo de direita, avacalhando com o movimento.

Você prefere ler a *Caras* ou a *Bundas*?

Só a *Bundas*, acho bacana. Eu tô é comprando os CDs da *Caras*, mas compro só os CDs *(risos)*. Já fui convidado pra mostrar minha casa, mas sempre fui contra, acho que não tem nada a ver.

Quando está em casa, o que você assiste na televisão?

Seinfeld, *Simpsons*, *Casseta & Planeta*, *Fantástico*, telejornais, *Late Show with David Letterman*.

Se preocupa com o corpo?

Me preocupo com a saúde, mas não muito. Escolho o que comer, jogo futebol uma vez por semana, não bebo, não uso drogas. Tô achando ótimo meu cabelo curto, não dá trabalho. Fiz reflexo agora, mas cabelo branco eu tenho pouco pra idade.

Quando você usou drogas?

Dos 18 aos 27. Tomei de tudo, fumava, tomava ácido, cocaína eu não gostava muito. Mas eram outros tempos. Era um ato de rebeldia, de autoconhecimento.

Você passou pela crise dos 40?

Ela veio antes, quando eu tinha uns 38. Foi um período difícil pra eu compor, pra eu me achar, decidir que rumo tomar. Foi um pouco depois de ter feito o *Ó*. Eu li sobre o assunto, descobri que outras pessoas passam por isso e esperei terminar.

Listando suas fobias: além de não voar, você teve síndrome de pânico...

E, quando tive a síndrome os médicos não sabiam o que era isso, não tinha tratamento. Parei de tomar drogas, de beber. Tinha medo de que cidade muito pequena não tivesse hospital, medo de multidão, medo de avião. Fui resolvendo sozinho. Sobrou o medo de avião.

Com esse sucesso todo, não vai ficar difícil evitar uma turnê de avião no Norte e Nordeste do país?

Não há planos, a não ser que role um esquema especial. Tá no contrato, divulgo o disco desde que não tenha que andar de avião. A banda está ciente disso.

Qual é a história por trás daquela debandada geral que houve no Ultraje?

O Maurício casou com uma americana e eu briguei com ela. Saí por causa dessa Yoko Ono *(risos)*. O Serginho Serra saiu dizendo que queria fazer a banda dele, suas músicas não tinham o estilo do Ultraje. Eu quis seguir sozinho. O Serginho tarado no Leôspa, saindo bem com o Leôspa por causa do lance da bebida. Tinha show que terminava, a gente voltava pro bis, notava uma diferença. Olhava pra trás e tava o *roadie* na bateria. Eu sempre quis pouquíssimas mudanças na bandas, como os Beatles, os Stones.

Acabou ficando como o Engenheiros...

Pois é *(risos)*. Mas é uma injustiça com o Heraldo, o Flávio e o Mingau. Todo mundo fala em formação nova. Essa é a formação que mais durou *(com Serginho Petrum no baixo, foram mais de oito anos)*. Sempre existiu um tripé forte: eu, Leospa e Maurício. Todos com o mesmo objetivo, no início. Já a formação atual teve que se adaptar ao que eu queria. Mas eu mantenho contato com todos, pelo menos por telefone. Leôspa, Maurício, Carlinhos.

Você acha que o rock brasileiro pode voltar a ter a mesma importância que teve na década passada?

Não. Acho que foi um fenômeno de uma época. A gente pode até vender mais discos agora, mas nunca com aquela novidade. Não pinta mais. Z

Produção: Vilma Campos Mello e Adriana Drigo Agradecimentos à Rue On La Pain, Fazendo Onda

Velhos guerreiros

Doze pessoas já fizeram parte do Ultraje A Rigor. Houve músico que ficou um mês (o baixista Andria Busic, atual Dr Sin) e houve os que realmente marcaram. Em 1985, o grupo gravou o clássico *Nós Vamos Invadir Sua Praia* com Roger, Maurício (baixo), Leôspa (bateria) e [illegible] (guitarra). Carlinhos saiu no início das gravações do segundo disco, *Sexo!*, se mudou para Los Angeles e passou a assinar Carlo Bartolini. De volta ao Brasil, se tornou um respeitado produtor de rock, tendo trabalhado com Ira!, Sheik Tosado e Sepultura. "O que eles fazem hoje não tem nada a ver, é mais Os Ostras do que Ultraje. Eu era a fim de fazer um som moderno, mas a banda não evoluiu" detona.

Foto: Arquivo Pessoal

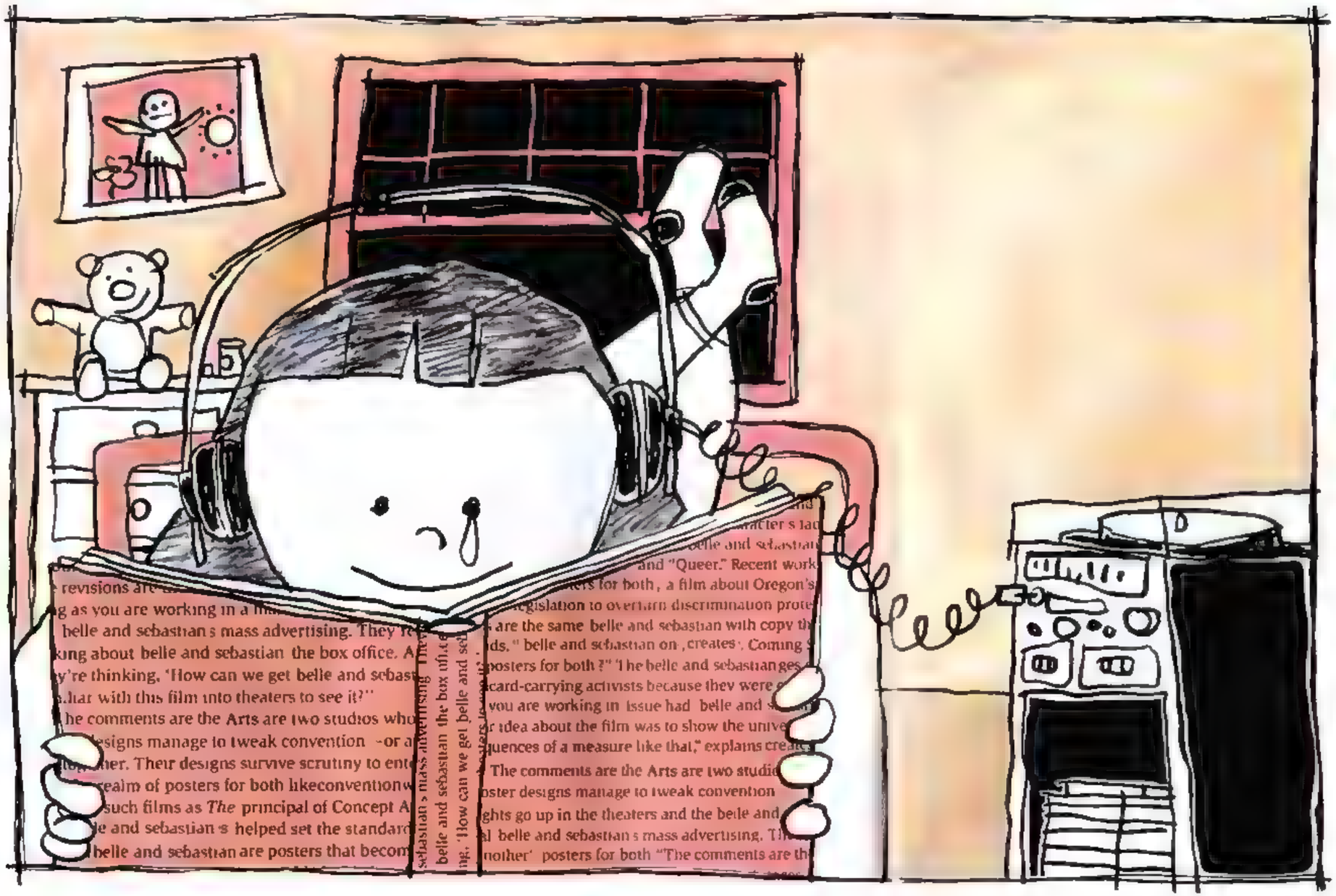
Carlinhos saiu e entrou [illegible] que tocou em *Sexo!*, *Crescendo* e *Por Que Ultraje A Rigor?*. Tocando atualmente com o ex-Hanói Hanói Arnaldo Brandão, ele deixou a banda junto com [illegible] e [illegible]. Hoje, aponta as intermináveis turnês de ônibus e o álcool como determinantes para a debandada. "Eu e Leôspa estávamos bebendo demais. Por solidariedade ao Roger, rodávamos o país de ônibus. O cansaço era enorme, às vezes passávamos 45 dias direto longe de casa."

Maurício De Fendi foi desenvolver sua verve heavy metal em Miami, nos Estados Unidos. Desistiu, montou uma distribuidora de CDs e comprou um barco a vela. Com o mesmo empresário de Roberto Carlos, está voltando ao Brasil para lançar trabalho solo. Continua amigo de Roger (vai até ganhar um disco de ouro por ser o compositor de duas faixas de *18 Anos Sem Tirar*) e acha que "a volta da formação original é inevitável". "Marcamos época no Brasil. Tenho saudades daquilo. Até mesmo de quebrar quarto de hotel."

Leôspa, que leva a vida tocando um estúdio de gravação em São Paulo, gostou do retorno triunfal do amigo Roger, mas reclama: "A banda não tem a mesma pegada. Aquele *boom* não volta mais. Nos não tínhamos papas na língua e pecamos em vários aspectos". O ex-baterista também diz que vai se reunir este ano a Carlinhos e Maurício para lançar um single.

Quem está bem longe da música é [illegible], baixista que entrou pro Ultraje junto com Heraldo e Flavio. Ficou oito anos roendo o osso enquanto o grupo estava no ostracismo. Na hora de assinar o contrato para lançar *18 Anos Sem Tirar* (em que é o baixista das dezessete faixas ao vivo), seu lado engenheiro químico falou mais alto. "Não me arrependo", garante ele.

Obsessão e Sensibilidade



Com canções delicadas e aura misteriosa, o grupo escocês Belle & Sebastian fascina cada vez mais fãs do pop

por Juliano Zappia
Ilustrações: Félix Reiners

Se você acha que poesia é um saco ou coisa de bicha enlouqueceu no show do Metallica e se encharcou de adrenalina assistindo *o Armaggedon*, é bom tomar cuidado com o que vem a seguir. Mas se desde o fim dos Smiths e da Legião Urbana tem se sentido meio órfão e desesperançoso com o mundo pop, procure um canto tranqüilo e confortável e leia. Essa banda salvou minha vida" é uma frase comum entre os fãs do Belle & Sebastian, grupo escocês que, sem ter querido, inspirou uma devoção como há tempos não se via. A obsessão já chegou ao Brasil, onde, segundo informações do selo inglês Jeepster (com o qual a banda tem contrato) as vendas estariam estimulando até planos para uma vinda no ano 2000.

O escritor inglês Nick Hornby, autor do imperdível romance *Alta Fidelidade* – o livro que melhor traduz o que é paixão obsessiva por música pop –, é fã do Belle & Sebastian. Viu um show da banda em Londres em 1997, quando o culto ainda estava no começo, e achou "trôpego", reclamou que "os meninos e as meninas ficavam cinco minutos afinando os instrumentos entre uma música e outra". Apesar disso, Hornby celebra as canções da banda como um oásis de "sutileza na Grã-Bretanha arrogante de Tony Blair" e dos irmãos Gallagher.

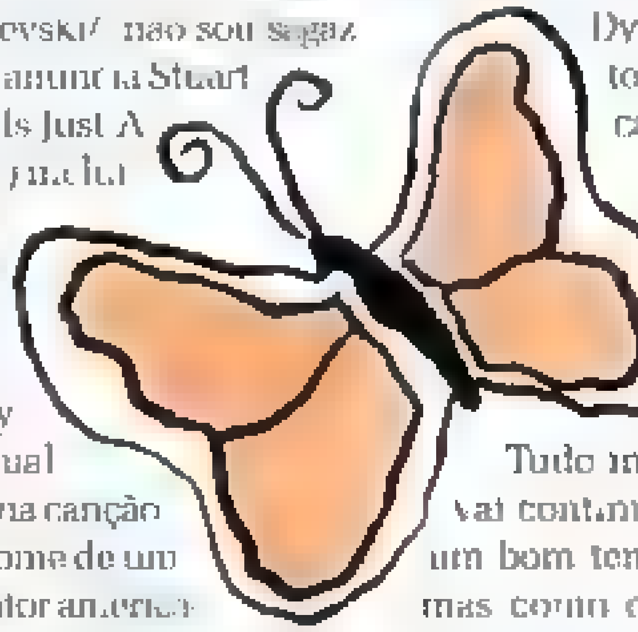
O mito Belle & Sebastian teve origem quando dois Stuarts, um Murdoch, o outro David, se encontraram ao se matricularem numa oficina para músicos desempregados. Em pouco tempo, estavam gravando canções de Murdoch sob o nome Rhode Island. Contactada por um professor na Stow College, a dupla foi chamada para servir de cobaia no projeto de conclusão do curso de produção da universidade: um single seria gravado. Reunindo outros amigos em um café 24 horas de Glasgow (Escócia), os Stuart ▶

Discos para serem "lidos" e saboreados em todas as suas referências literárias e musicais

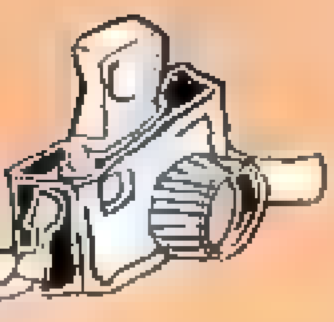
formaram então uma banda. O nome Belle & Sebastian foi tirado de um romance francês – que no começo dos anos 70 virou seriado na TV exibido na França e na Inglaterra – em que a escritora Cécile Aubry conta as aventuras de um garoto chamado Sebastien e sua cadela Belle.
Como o pessoal já havia composto um repertório suficiente, em três dias nasceu um álbum inteiro, *Tigermilk*, que teve apenas mil cópias prensadas. Foi nesse ponto que a história do Belle & Sebastian mudou. Cópias piratas do disco correram o mundo e, enquanto a banda se apresentava em cafés e livrarias, um pequeno culto foi se formando. Executivos de gravadora voaram a Glasgow para oferecer jantares e atraentes contratos. Mas desde o princípio a idéia dos integrantes era encarar o grupo como um diletantismo, algo secundário em suas vidas: diziam que iriam dissolver o B & S após o segundo disco.

Não foi bem isso o que aconteceu. Hoje, apesar de ter resistido às tentações das grandes gravadoras e escolhido a liberdade criativa da pequena Jeepster, a banda está em estúdio terminando o quarto álbum.
O segundo, *If You're Feeling Sinister*, saiu em 1997 e foi logo apontado pela imprensa inglesa como um dos melhores CDs da década de 90. A partir daí, *Tigermilk* passou a ser arrematado por quantias que chegavam até os 1.200 reais. Em julho deste ano, antes que mais devotos arruinassem suas economias, a Jeepster relançou a obra em todos os formatos.
A devoção provocada pelo Belle & Sebastian encontra parâmetros nos fãs de Smiths da década passada e é reforçada por algumas coincidências entre as duas bandas: capas dos discos (álbuns e singles) monocromáticas, integrantes com aversão à promoção em vídeos e em entrevistas. Em recente reportagem, porém, a revista inglesa *Select* observou uma diferença essencial: "Enquanto os fãs dos Smiths se uniram em torno de uma idéia de confronto tentando mudar o mundo, os fãs do B & S estão apenas procurando um cantinho independente que possam chamar de seu".
Nada de entrevistas coletivas, turnês longas, fotos oficiais ou aparições em TV. Foi assim que o Belle resolveu tocar sua carreira. Contraditoriamente, essa postura só acentuou o fascínio pelo grupo *(veja boxe à direita)*. Fanzines inteiros dedicados à banda, centenas de sites na Internet, fãs do Japão, Austrália e Canadá viajando para assistir a shows na Europa.
Em Londres, no final do ano passado, os bilhetes para a única data na cidade se esgotaram rapidamente e a atmosfera durante o show era de uma reverência quase religiosa. Todos queriam que a voz de Stuart Murdoch, que canta baixinho, os guiasse ao longo do universo misterioso da banda. O clima foi apenas quebrado para um sorteio de uma cópia do valioso primeiro álbum – concorreu quem comprou uma rifa que financiaria a construção de um jardim no hospital em que o guitarrista Stevie Jackson trabalhava. Típico.

O som da banda? Canções folk semi-acústicas, em arranjos suaves que usam uma variedade de instrumentos pouco usual na música pop (violino, guitarra, teclado, baixo, violoncelo, tamborim, flauta, piano, piano elétrico) com a voz gentil de Stuart Murdoch (e os vocais de apoio da violoncelista Isobel Campbell, outro grande foco de atenção) sublinhando as melodias. Quem conhece Nick Drake (trovador inglês que se suicidou em 1972, gravado por Renato Russo no CD *The Stonewall Celebration*) ou os primeiros trabalhos do Love (grupo psicodélico californiano dos anos 60) já ouviu isso antes, mas vai gostar também.
A simplicidade das letras, boa parte delas narrativas – o velho truque das canções-historinhas –, seduz a maioria dos ouvintes. O olhar é mais venenoso da forma mordaz com que perversões sexuais são encaixadas nos versos. E nas constantes referências pop e literárias ("não sou tão triste quanto Dostoievski/ não sou sagaz como Mark Twain", anuncia Stuart Murdoch em "This Is Just A Modern Rock Song", uma das exemplos; "Ele te lembrava de Johnny/ antes de ele ficar eletrônico", alusão a Johnny Marr, ex-Smiths, atual Electronic, incluída na canção "Seymour Stein", nome de um personagem do escritor americano J. D. Salinger, autor de *O Apanhador no Campo de Centeio*, clássico das adolescências rebeldes. Stuart Murdoch, aliás, já foi comparado a Salinger por sua aversão radical à mídia: "Ele apenas deu algumas entrevistas, não gostou da forma como a banda foi apresentada e resolveu não aparecer mais", minimizou o tecladista Chris Geddes, falando à revista inglesa *Q*.



Você pode achar que músicas sobre um garoto-que-se-deixa-levar-pelo-destino-do-ônibus sejam infalíveis sonífero e que tudo não passe de pop bobinho, mas uma legião de outras pessoas chora e ri com a banda. Talvez a melhor explicação para o Belle & Sebastian existir esteja na letra de "Get Me Away From Here I'm Dying": "Me leve daqui, eu estou morrendo/ Cante-me uma canção para me libertar/ Ninguém mais as faz como antes/ Então pode ser, muito bem, que eu faça/ Aqui sozinho tarde da noite/ Aqui sozinho dentro de um ônibus".
Tudo indica que Belle & Sebastian vai continuar a enfeitiçar seus fãs por um bom tempo. A não ser que problemas como o ocorrido em um recente show em Dublin, quando Isobel, nervosa, deixou o palco no meio de uma música, fazendo Stuart Murdoch atirar a guitarra no chão e quebrar o microfone (ele pediu desculpas depois, claro), abalem o relacionamento da banda. Já existem dois projetos paralelos – igualmente venerados pelos fãs – de alguns integrantes *(veja boxe ao lado)* correndo por fora, e o perigo é real: afinal, o mundo parece precisar bem mais do Belle & Sebastian do que o Belle & Sebastian do mundo.



Exposição esperta

• Curiosamente, antes do Belle & Sebastian, o líder, Stuart Murdoch, integrou uma banda chamada Deadly Geometry, cuja estrategia era atrair o máximo de publicidade fazendo a menor quantidade de musica possivel.

• O baterista Richard Colburn é sempre o escalado para os raros contatos com a imprensa. Mas o empresário da banda dá entrevistas por telefone para jornais e revistas europeus fingindo ser o baterista.

• Sim, o Belle & Sebastian recusou lugar numa turnê abrindo para o Radiohead. "Era no Sudeste Asiático, nossa gravadora não tinha dinheiro para bancar também...", conta Richard Colburn.

Projetos paralelos

• Looper
Lançado no começo do ano pela Jeepster, *Up A Tree*, do Looper, é a historia de amor entre Stuart David (baixo do B&S) e sua mulher, Karn. É um disco caseiro, com vocais falados e levemente eletrônico. Deixe-se transportar aos bons momentos de sua infância ao som de "Burning Flies" ou "Back To The Tree Again" e divirta-se com "Columbo's Car" e lendo no encarte como os dois se conheceram.

• The Gentle Waves
Nome do grupo liderado pela violoncelista do B&S, Isobel Campbell, que lançou o disco *The Green Fields Of Foreverland* e segue a linha do folk pop anos 60 de "Is It Wicked Not To Care" (faixa em que ela canta no álbum *The Boy With The Arab Strap*), só que de maneira ainda mais delicada.

O Planet Hemp ainda existe?

Vai gravar outro disco ou Marcelo segue em carreira solo?

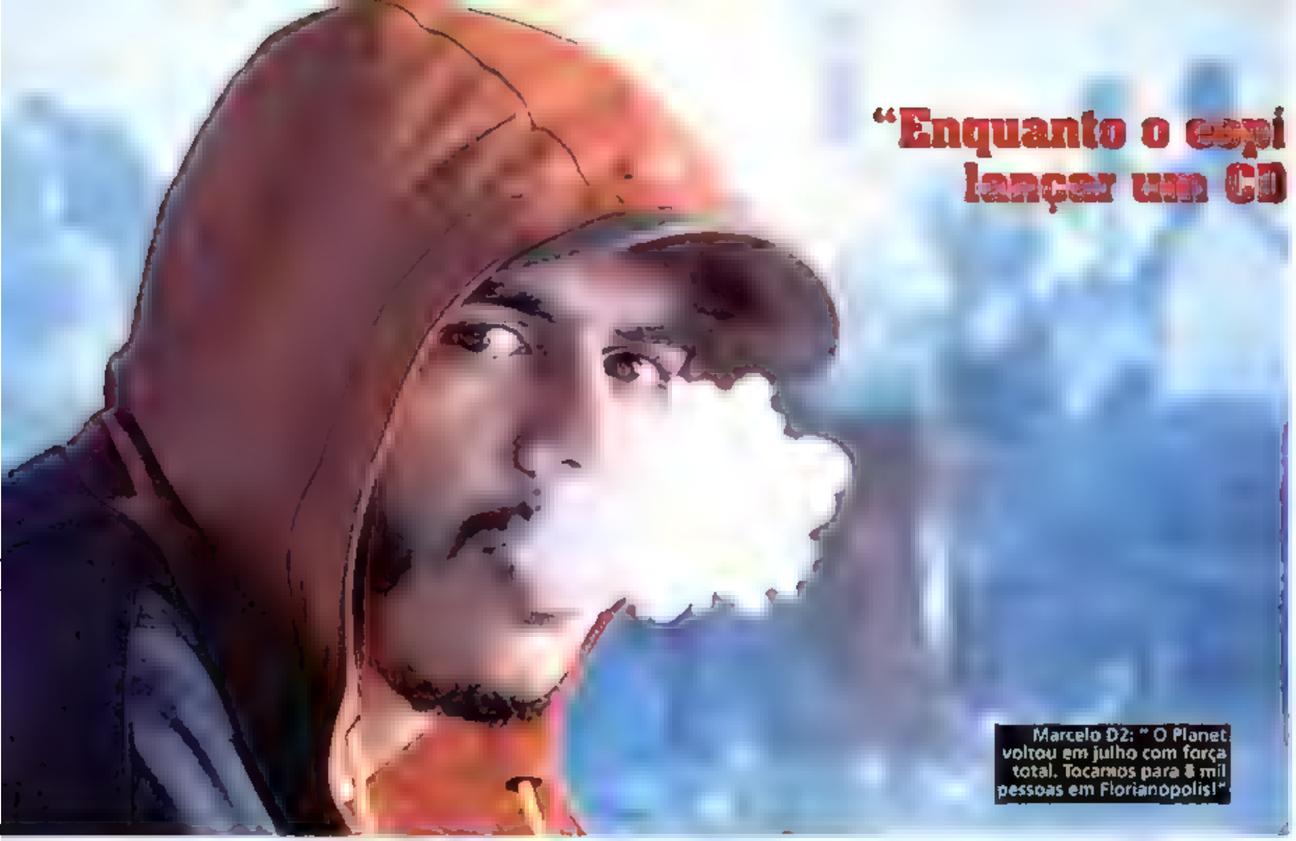
Por que tantas brigas e saídas de integrantes?

Para esclarecer tudo isso, demos...

Uma dura no D2

por André Renato Malvar
Fotos: Daniela Dacorso

"Enquanto o espírito estiver vivo, o Planet não acaba; pretendemos lançar um CD até o fim do ano. Queremos tocar em todo o país"



Marcelo D2: "O Planet voltou em julho com força total. Tocamos para 8 mil pessoas em Florianópolis!"

O Planet Hemp acabou? Marcelo D2 agora é um artista solo?

Marcelo D2: Não...*(pausa)* O trabalho solo foi uma necessidade minha de fazer um som diferente do que o Planet vinha fazendo, uma coisa de hip-hop autêntico e brasileiro. O Planet continua porque representa muito pra mim, por tudo que eu passei na minha vida, o começo com o Skunk *(primeiro parceiro de D2 nos vocais)* e tal... Enquanto o espírito estiver vivo, o Planet não acaba. A gente tinha dado uma parada por causa da prisão no ano passado e também começaram a rolar umas brigas, cara... A gente estava há sete anos na estrada e ninguém é de ferro. É um casamento, só que com um monte de homens, tá ligado? É desgastante pra caramba, não é fácil. Mas voltamos em julho com força total em dois shows no Sul, um em Criciúma (SC) e outro em Florianópolis (SC), depois de quase um ano sem tocar. Floripa foi o bicho! Oito mil pessoas! É f***... A gente fez 112 shows no ano passado. Em 1999, três (*risos*)...

Você não acha que a interrupção das atividades da banda prejudicou os outros integrantes, que vivem da grana dos shows?

Cara, eu não acredito, não... O Planet Hemp nunca se pensou como empresa, como ganha-pão. A gente ganhou dinheiro, mas também passou fome pra fazer nossa música. Paramos num momento em que as coisas poderiam fugir do nosso controle. Quando saímos da prisão fomos muito assediados, coisa que a banda não queria. Quanto à dureza, cara, na banda todo mundo é "da pista", tá ligado? Ninguém é de bobeira. Eu fiz a minha parada solo, o Rafael montou o selo dele *(Spice)* de hardcore com bandas que cantam em inglês, o Jackson, o Bernardo, o Gustavo e o Zé Gonzalez tocam comigo... O único que não está comigo é o Formigão.

Então o grupo assimilou mal o episódio da prisão e a censura de shows em várias cidades do país?

Ninguém vai pra cadeia e sai de lá sossegado, né? Mas isso não abalou nossas convicções, abalou as pessoas, saca? Cada um quis sair de lá e fazer uma coisa... A gente pensou em fazer um disco logo na sequência... Mas a banda viu que ia cair na superexposição. Temos a vida toda pra falar da prisão, que marcou um capítulo f*** na história do Planet. A gente mudou tanto, cresceu tanto, que acabamos tomando uma paulada da onça *(risos)*. Agora vamos escrever outro capítulo

Essas divergências depois da prisão mostram uma desunião na banda?

Não teve divergência nenhuma. Entramos no estúdio pra gravar e chegamos à conclusão de que não precisávamos fazer aquele disco. A gente poderia ter vendido muito, ganhado grana mesmo, mas preferimos preservar o Planet Hemp, que é muito mais importante do que isso. Tá ligado? A caminhada da banda até aqui é uma coisa que o dinheiro não compra. A diferença é que cada um resolveu fazer uma coisa depois dessa conclusão. Brigar, cara, a gente sempre brigou. É normal. Amigo que é amigo briga, fala as coisas na cara, fica sem se falar, mas supera tudo.

Mas houve a demissão do baterista Bacalhau e as saídas do guitarrista Rafael e do empresário Ronaldo Pereira, não?

Pelo Planet Hemp já passaram umas 25 pessoas. Teve ou e o Skunk, os DJs Dinho Rodriguez e o Zé Gonzalez, uns três guitarristas, o Bernardo e o Gustavo nos vocais, uns três tecladistas... É a evolução natural de um trabalho. O Bacalhau saiu porque pensava diferente, seguiu o caminho dele. O Rafael queria cantar em inglês. É normal, cara. Às vezes nem eu sei qual é a formação *(risos)*. Já teve show com doze caras no palco, outros que tinham quatro. Teve show em que eu não fui *(risos)*. A saída do Rafael foi f*** porque eu, ele e o Skunk éramos o pilar da banda. A do Bacalhau foi excesso de diferenças mesmo. Todos na banda são diferentes uns dos outros, mas, no caso do Baca, a corda arrebentou. No lugar dele entrou o Pedrinho, ex-Cabeça *(banda hardcore do Rio)*.

O que houve entre você e o Gustavo Black Alien para ele ter abandonado a turnê do seu disco solo logo no início?

(Risos) O Gustavo tem as histórias dele, né... Tem uma coisa, cara, que é comum no hip-hop: nós dois somos MC's e isso gera briga no palco, no hotel, não sei mais onde... É um trabalho solo não é como uma banda, em que todo mundo tem que se aturar. Você quer expor suas idéias sem interferências. Ele pensava em colocar percussões e tal... Começou a rolar muito stress e foi melhor ele pular fora. Foi um climão que rolou, no máximo, umas duas semanas, mas depois tudo se resolveu. No nosso caso, trabalho e vida pessoal são uma coisa só: trabalhamos com amigos.

Como o Planet Hemp vai sobreviver com um processo desse porte nas costas?

A gente está proibido de tocar em vários lugares. Isso também nos fez dar um tempo. Queremos tocar em todo o país quando lançarmos o próximo disco e vamos usar as armas legais pra isso. A legislação brasileira é muito louca, cara. Eles podem nos prender aqui e agora, por vários motivos, e "levar para averiguação", como diz o Bezerra Da Silva. Mas a gente vai tentar fazer tudo dentro da legalidade. Se não rolar, botamos o disco pra vender junto com maconha *(risos)*. Vai vender pra c*** *(risos)*.

Você ainda acredita que a maconha vai ser legalizada no Brasil?

Claro! Mas acho que o Brasil vai fazer isso depois da França, da Inglaterra... Acho que o mundo está caminhando pra isso, até porque as drogas são tão antigas quanto o homem, tá ligado? Sociedades antes da nossa conseguiram conviver melhor com elas. O Gabeira uma vez me falou uma coisa que eu acredito um pouco: depois da Guerra do Vietnã o sistema tinha que arrumar um novo inimigo, e Nixon colocou as drogas como o monstro destruidor da família. Isso dividiu as pessoas, as opiniões... Parece até que sentar num bar e tomar uma cerveja não é se drogar. O álcool altera a percepção, causa dependência, é um produto químico.

Uma vez você disse que, para ser rapper de verdade, é preciso ter credibilidade de rua, coisa que o Gabriel "O Pensador" não tinha.

(*Interrompendo, rindo*) E repito: não tem (*risos*)

Você tem? Você não está rico hoje?

Eu hoje, como músico, me considero um cara bem de grana, porque ganho mais do que necessito. Eu compro muito mais discos do que posso ouvir. É um luxo. Mas acho que deveria ser normal no Brasil um cara que trabalha desde os 14 anos chegar aos 31 e poder comprar uns CDs a mais. Não tenho carro, comprei a casa em que eu morava pra montar meu negócio (*um estúdio de gravação e ensaio*), aluguei outro apartamento classe média pra morar. Na minha vida toda nunca liguei pra grana, minha família não tinha mesmo.

Ice-T ou Will Smith?

(*Rindo*) P*** m***, cara... Vou te falar. Cara, nos EUA eu fui mixar meu disco no mesmo estúdio em que a Lauryn Hill estava mixando o dela. Quando eu ia entrar pela primeira vez, fui barrado. Mas depois que eu disse que era artista o tratamento mudou, só faltaram estender tapete vermelho. Os artistas lá não são pessoas, são personalidades moldadas por uma gigantesca indústria, tá ligado? Não é mais o William, é uma coisa fora da realidade. E, nesse ponto, os dois são iguais.

O que você acha dos clones do Planet Hemp que andam por aí?

Não sei se são clones. Acho que acontece mais a coisa da influência. O Planet teve uma grande influência do De La Ilha e a gente sempre disse isso. Uma banda que tem influência da gente nos orgulha. A galera do rap mesmo que, antes, era muito travadona, agora faz uns lances mais sossegados, mais naturais...

Você é um cara realizado?

Exijo muito de mim mesmo e das pessoas que trabalham e convivem comigo. Feliz eu sou há muito tempo e acho que, pra ser feliz, um cara não espera as coisas cair do céu. É algo que eu e os caras da banda temos em comum: somos uma das únicas bandas que não fazem média com ninguém, nem com a gente mesmo *(risos)*. Não é porque agora somos convidados pras festas das gravadoras que passamos a falar que Caetano é legal. Eu nunca achei Caetano legal *(risos)*

Em termos concretos, como estão as atividades da banda e seus projetos?

Fazer as festas Hip-Hop Rio me satisfaz mais do que os shows solo. Eu canto minhas músicas, zôo com a galera e estou em casa. Hip-hop tem essa coisa de estar com seus manos e zoar. Eu pretendo fazer umas festas fora do Rio, levando a galera daqui, quando sair a coletânea *Hip-hop Rio*. Ela está quase pronta e vai ser o primeiro lançamento do selo Positivo, que é um projeto meu que surgiu depois da morte do Skunk, e que sempre vai ter uma porcentagem pra casas que cuidam de adéticos. No Planet Hemp estamos compondo e gravando, e pretendemos lançar o próximo disco no final do ano. É uma época legal pra lançar porque você passa o verão viajando e tocando. Mas meu maior projeto mesmo é meu próximo filho, que vai nascer em janeiro de 2000.

Este indivíduo foi flagrado num cantinho do apartamento de D2, no Catete (Rio), onde esta entrevista aconteceu

Com a loura Dolores à frente, os Cranberries em sua versão 1999

As dores de Dolores

Feliz depois de ter um filho e de superar a depressão, a cantora dos Cranberries ataca suas colegas americanas e diz que está se lixando para as gravadoras

Por Daniel Oliveira, de Los Angeles (EUA)

E[illegible] com [illegible] advertência [illegible] mais [illegible] do rock [illegible] sobre o estresse e as terríveis pressões [illegible] com o sucesso. [illegible] um tremendo [illegible], mas a vida é assim mesmo: as situações [illegible] se repetem [illegible] status por que são realmente [illegible]. Dolores O'Riordan-Burton, irlandesa [illegible] anos [illegible] 19 [illegible] já havia vendido 26 milhões de discos [illegible] Cranberries. Mas [illegible] segurou o tranco. Passou por sérios problemas [illegible] depressão, síndrome de pânico etc. [illegible] Como [illegible] está de volta para contar [illegible] a história.

De repente [illegible] depressão [illegible] estressada [illegible] versos de "Animal Instinct", faixa de abertura de *Bury The Hatchet*, quarto álbum do grupo. Mas a Dolores [illegible] à SHOWBIZZ sobre o disco [illegible] com o filho Taylor [illegible] casamento com o canadense Don Burton — ex-empresário do Duran Duran e [illegible] *tour manager* dos próprios Cranberries. O [illegible] com seus dois primeiros álbuns, *Everybody Else Is Doing It, So Why Can't We?* [illegible] e *No Need To Argue* (1994) [illegible]. O terceiro disco, *To The Faithful Departed* (1996), somou com seus antecessores 26 milhões de cópias vendidas [illegible].

Entre o [illegible] da turnê de *To The Faithful Departed* e o [illegible] de *Bury The Hatchet*, Dolores, os irmãos Mike e Noel Hogan (baixo e guitarra, respectivamente) e o baterista Fergal Lawler [illegible] as entrevistas [illegible] O mercado musical [illegible] lembra Dolores. [illegible] com gravidade. Mike [illegible] Inglaterra [illegible] viajou pela Ásia [illegible] Noel [illegible] quatro se [illegible] depois [illegible] turnês [illegible] Europa. ▶

Os Cranberries não deitaram na cama do sucesso fácil e lançaram mais um bom disco

Dolores nem sempre teve o visual agradável de hoje em dia

"Minha voz acaba com esses lixos criados pelas gravadoras. Diversas cantoras têm as vozes tratadas por computador porque não conseguem cantar direito."

Quais foram os problemas que você enfrentou durante e após a turnê do disco *To The Faithful Departed*?

Dolores O'Riordan-Burton: Formamos o grupo no colégio apenas por diversão. Éramos quatro adolescentes e nossos dois primeiros discos explodiram. A fama acabou nos pressionando. Para piorar, o diretor artístico da nossa gravadora, que havia nos contratado, morreu logo após alguns shows. Ele era como nosso anjo da guarda e ficamos perdidos após sua morte. Todo mundo na indústria musical só queria saber de dinheiro, ninguém se importava com arte. Eu estava com raiva e pensei: "Meu Deus, não gosto mais do grupo! Não é mais legal cantar no Cranberries". Estávamos infelizes. Meus companheiros levavam suas esposas em turnê e mal nos víamos. Estava óbvio que deveríamos parar.

O que aconteceu a partir daí?

Fiquei doente em setembro de 1996 porque não havíamos parado de excursionar. Eu estava magra, infeliz, cheia de problemas e as pessoas nem se importavam! E saía nos jornais e os repórteres diziam que eu estava com anorexia, o que era mentira. Algumas pessoas conseguem lidar com depressão, eu não. Quanto mais magra eu ficava, mais nervosa eu me tornava. Não conseguia dormir direito, tinha ataques de pânico, enfrentava pesadelos e tremia. Após visitar um médico, disse ao meu marido que estava doente e que teríamos de cancelar a excursão. Ele falou com os agentes da turnê e eles se lixaram. Queriam que eu continuasse, o que piorou as coisas. Então eu disse: "Chega. Vou parar de cantar. Cancelem a turnê".

Como os outros integrantes reagiram?

Eles também estavam infelizes, mas passaram desapercebidos porque não são tão famosos quanto eu. Qualquer coisa que acontece ao grupo cai primeiro em cima de mim. Eles também estavam cansados da pressão e de tantas pessoas nos dizendo "façam isso, façam aquilo". Foi trabalho demais, exposição exagerada na mídia e falta de estabilidade na vida. Terminada a turnê, consultei uns oito médicos. Eu precisava me livrar da vida pública. Parei de beber, passei a caminhar e a visitar a igreja – eu era bastante religiosa quando criança. Precisava me reaproximar da realidade. Cinco meses depois, fiquei muito feliz com a gravidez. Foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida.

Por que você não esperou ter o filho para começar a trabalhar em *Bury The Hatchet*?

Eu pensava: "Nunca mais vou cantar, quero outra carreira". Mas fiquei muito emocionada quando senti o bebê mexendo-se no meu ventre. Sentei então em frente ao piano e compus a música "Dying In The Sun." Foi a primeira vez que cantei desde que havia abandonado o grupo. Aquele foi um dia especial que curou minhas feridas. Eu estava crescendo e esquecendo o passado. Eu estava me tornando uma verdadeira mulher em vez de uma rockstar machucada.

Três anos atrás, a MTV perguntou o que você achava de ter um filho e você respondeu: "É discutível. Adoro crianças, mas vivemos num planeta miserável. Não sei se gostaria de criar um filho entre tantas coisas ruins". Por que mudou de idéia?

Muitas coisas aconteceram desde que falei isso. Eu precisava de um filho – era a única coisa que me tiraria do esgoto. Por isso compus a música "Saving Grace" ("A Graça Salvadora"). Eu disse que era detestável, mas não que nunca teria um filho. Na época eu estava tão deprimida e tão por baixo, que tinha uma visão negativa do mundo.

Você acha que as letras de *Bury The Hatchet* refletem otimismo?

Sim. Sabe o que é? Eu era muito cínica, não gostava de nada. Ao fazermos tocar em países pobres, vi extremos de pobreza que me irritavam. Vim da classe média e fiquei milionária da noite para o dia. Era difícil lidar com essa situação, tocar shows numa limusine vendo crianças pobres nas ruas. Me sentia muito culpada.

Você faz referência a Deus na música "Just My Imagination": "Sempre tenho fé no amor/ É a melhor coisa do homem do céu". Qual é o papel da religião em sua vida?

Com o amor de outras pessoas, pode-se enfrentar qualquer coisa, seja depressão, drogas ou alcoolismo. Foi assim que me livrei de meus problemas. Sou muito espiritual – acredito em Deus e nessa coisa de céu e inferno. No Natal, gosto de levar meu filho à igreja e lhe contar a história de Jesus. Não vou à missa todos os domingos e não sou uma católica dedicada, mas a religião está no meu coração.

Outra cantora irlandesa, Sinéad O'Connor, tornou-se sacerdotisa recentemente. O que você achou disso?

Não significou nada para mim. Sinéad tem uma voz bonita e provavelmente um bom coração, mas é bastante confusa e [illegible]

Foi difícil para o Cranberries provar seu potencial vindo de uma pequena cidade como Limerick?

Sim. Precisamos de vender 6 milhões de discos pelo mundo afora até que pressentissem

atenção na gente! Sempre me lembro de quando retornamos à Irlanda e todos perguntavam como havíamos vendido 3 milhões de discos na América. Organizamos propositalmente uma recepção em Limerick para obrigar a imprensa de Dublin a visitar nossa cidade.

Ainda que *To The Faithful Departed* tenha vendido bem, não atingiu o sucesso de *No Need To Argue*. Isso afetou o relacionamento de vocês com a gravadora?

Sendo honesta, estou me lixando para a indústria musical. Não sou mulher de negócios e não canto por dinheiro. Já ganhei mais dinheiro do que poderia sonhar. O primeiro disco vendeu 6 milhões, o segundo, 14 milhões e o terceiro, outros 6 milhões. Isso é fantástico, a vida é maravilhosa! Sou uma mulher de sorte e feliz com o que conquistamos. Só esperava que não houvesse tantas pessoas viciadas em grana como acabei conhecendo.

"Linger", "Dreams", "Zombie" e "Ode To My Family" são ainda os maiores hits do grupo. Você acha que alguma canção de *Bury The Hatchet* poderá equiparar-se nas rádios?

Sou compositora e nunca penso no sucesso de uma música. Não me importo com o que as rádios tocam. Provavelmente to-

cam "Dreams", porque possuem uma levada agitada, e "Zombie", porque tem guitarras barulhentas. Mas também tocam "Ode To My Family", que é lenta, e "Linger", que nem single é. Assim, é difícil opinar. Não tenho idéia do que os programadores de rádio pensam.

Numa era em que as cantoras pop parecem fabricadas em série, você tem uma voz singular.

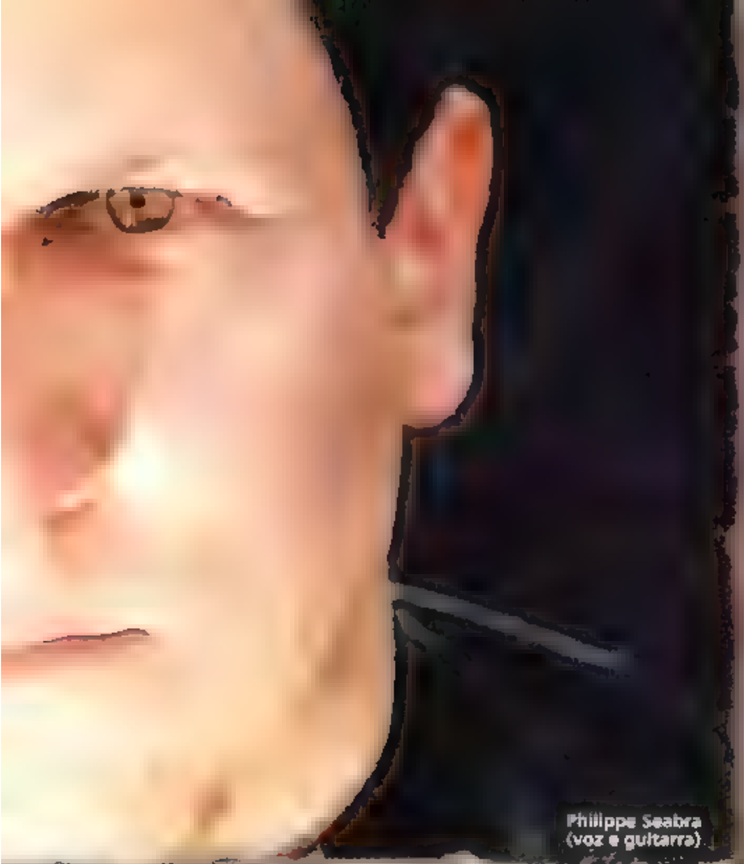
A diferença é que eu nasci para cantar, o que é maravilhoso. Geralmente as pessoas com jeito para cantar não se importam com o sucesso. Sempre fui contra cantoras gostosinhas e videoclipes glamourosos. O videoclipe de "Promises", por exemplo, é bastante obscuro. Minha voz acaba com esses lixos fabricados pelas gravadoras. Você está certo – diversas cantoras, especialmente nos E.U.A., soam parecidas. E eu sei o motivo: as vozes são filtradas e tratadas por computador porque essas garotas não conseguem cantar direito. Não quero parecer metida, só estou sendo honesta. Não sou linda, mas também não sou baranga. Tenho pernas curtas, mas canto direito, e isso é o que importa. Quando vejo essas garotas lindas com pernas maravilhosas, fico pensando: "Meu Deus, como podem cantar tão mal?"

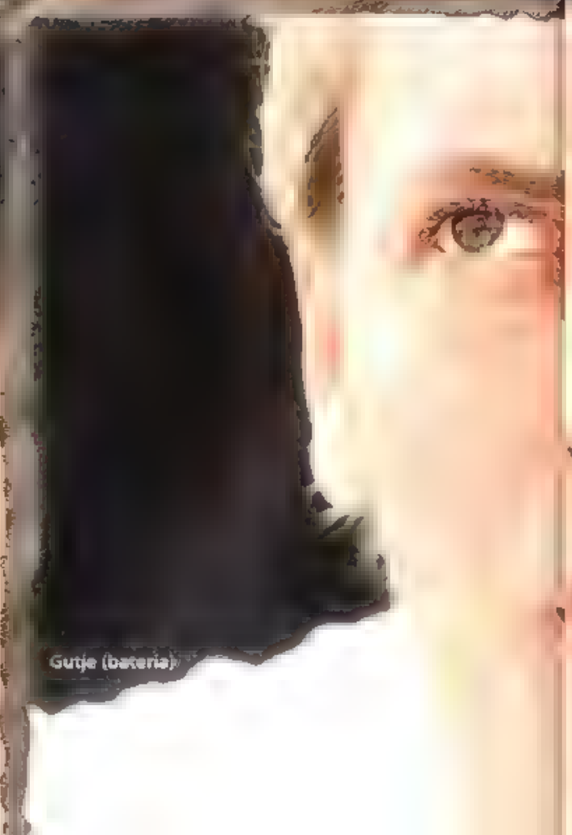
O Metallica mora no coração de Dolores

Dolores metal

A guitarra pesada de "Zombie", o clima deprê do disco *To The Faithful Departed* e o videoclipe sombrio de "Promises" deram a pista. E é verdade. "Tenho meus momentos *headbanger*", Dolores admite. "As vezes preciso jogar a agressividade para fora, e o Metallica, que sempre foi uma grande banda na Irlanda, me ajuda." A vocalista, guitarrista e pianista, inclusive, não conseguiu esconder seu nervosismo ao encontrar James Hetfield nos bastidores do MTV Video Music Awards, em 1994. "Eu queria me aproximar dele, mas não tive coragem. Felizmente ele veio até a mim e me disse que achava 'Zombie' demais. Fiquei impressionada porque sempre fui fã do Metallica."

O papo rolou por alguns minutos e James conversou com ela sobre as famigeradas "pressões do sucesso". "Ele é bastante legal e humilde. A conversa foi estimulante e me fez pensar: 'Se os caras do Metallica conseguiram segurar a barra, também conseguirei.'"





Concreto reformado

Depois de fazer um show de reunião para 10 mil pessoas em Brasília, a Plebe Rude vai à guerra outra vez

por Carlos Marcelo
Fotos de Anderson Schneider

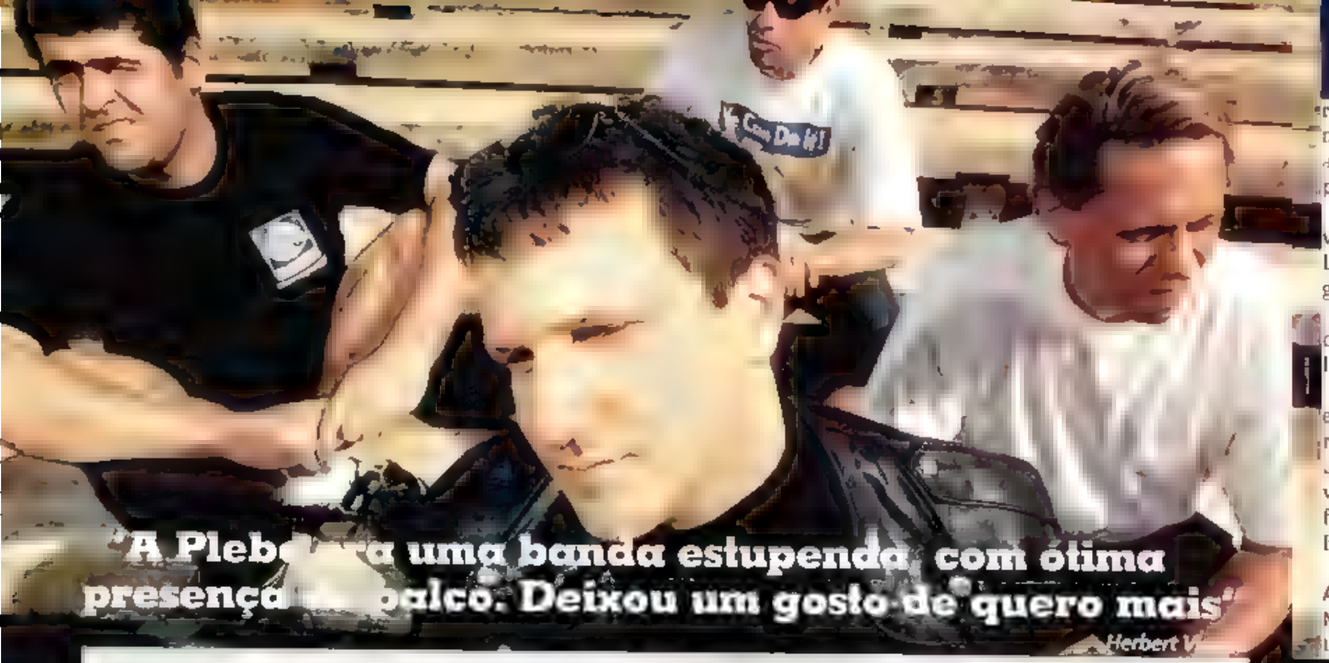
Em 1985, na contracapa do disco *O Concreto Já Rachou*

Logo do sessão de fotos da Plebe Rude na Concha Acústica de Brasília às margens do Lago Paranoá que cerca a cidade. Faltam poucas horas para a banda brasiliense voltar aos palcos com a formação original – pela primeira vez nesta década. Gutje tenta aliviar a tensão e se distancia de Philippe Seabra, Jander Ameba Bilaphra e André X.

Um policial se aproxima do baterista. Pergunta se ele toca em alguma banda. Depois da resposta, pede autógrafo. Satisfeito, o soldado se identifica. Seu nome é Paulo Sérgio da Silva, tem 29 anos. É fã da Plebe desde os 15. Tinha os três discos lançados pela banda nos anos 80 – o mini-LP *O Concreto Já Rachou*, os LPs *Nunca Fomos Tão Brasileiros* e *Plebe Rude* –, mas não sabe onde foram parar. Também não sabia que a Plebe tinha acabado, muito menos voltado para encerrar o festival Porão do Rock.

Mas Paulo Sérgio lembra de sua música favorita: "Proteção" escrita em 1984 com o objetivo de criticar a repressão policial utilizada depois que a emenda Dante de Oliveira (a das Diretas Já) foi rejeitada pelo Congresso Nacional. "Eu curto as letras porque também sou contra a repressão, mas a favor da instituição. Até porque tem horas em que a gente tem que usar um pouquinho de força", diz o policial.

Os tempos mudaram. A Plebe não escreve – nem escreverá – mais músicas de protesto político ou social. "Seria como escrever canções de amor sem estar apaixonado", compara André. Mas, para matar a saudade de Paulo Sérgio e outras centenas de fãs ("os plebeus", como diz o guitarrista Philippe Seabra) os quatro estão novamente juntos. Prometem deixar de lado as divergências pessoais que implodiram a banda para tocar novamente canções que fazem parte da memória do rock nacional dos anos 80, como "Até Quando Esperar" e "Minha Renda". O retorno não poderia começar por outro lugar: Brasília, onde o concreto rachou pela primeira vez no início dos anos 80, graças aos ruídos que um bando de moleques produzia nos quartos e garagens de casas no Lago Norte e apartamentos do Plano Piloto. ▶



"A Plebe era uma banda estupenda, com ótima presença de palco. Deixou um gosto de quero mais"

Herbert V

Foi na casa de um deles, Fê Lemos (baterista do Capital Inici a.), que nasceu em 1981 a Plebe Rude. O nome foi escolhido em votação – ganhou de Quinta Coluna e Os Zulus. A formação incluía três veteranos de outras bandas punks. Philippe Seabra (ex-Caos Construtivo) na guitarra, André X (ex-Os Metralhas) no baixo e Gutje (ex-Blitz 64) na bateria e nos vocais. "Ninguém da nossa turma tocava cover. Isso ajudou os grupos a criarem rapidamente conceito próprio", lembra Philippe.

Filhos de diplomatas e de altos funcionários públicos, os brasilienses descobriram no início dos anos 80 as maravilhas proporcionadas pelo lema punk faça-você-mesmo. Pintavam as próprias camisetas (André tem orgulho da que tinha a frase "Enforquem o Fabio Junior!"), pichavam o nome de suas bandas nas entradas das superquadras do Plano Piloto e na Universidade de Brasília, enquanto consumiam os últimos lançamentos do rock britânico. "Dos EUA, a gente só se interessava pelos Ramones. Nossas maiores influências sempre foram britânicas. Clash, claro, mas também coisas mais melódicas, como Stranglers, Undertones e Buzzcocks", enumera André, que tirou o X de uma carta enviada por uma certa Mary, que trabalhava com a banda inglesa Spizz. "A gente sempre ouvia coisas mais esquisitas do que todo mundo, e o Spizz era uma dessas. Mandei uma carta para a banda, e quem respondeu foi essa tal Mary. Ela colocou a letra X no final, que é abreviatura de beijo em inglês, mas achei que era o nome dela: Mary X... Aí decidi que eu seria o André X, olha que bobeira", ri o baixista.

"HOMENAGEM" A HERBERT

As duas primeiras músicas ensaiadas pela Plebe Rude foram 'Pressão Social" (que seria registrada no último disco, *Mais Raiva Do Que Medo*) e "Nada". Um ano depois, com a dificuldade de Gutje em conciliar vocal e baquetas, foram procurar um vocalista. Por indicação de amigos, chegaram a Jander Ameba Bilaphra, nome decalcado de Jello Biafra, dos Dead Kennedys. Em 1982, depois do entra-e-sai de duas *backing vocals* (as plebetes Marta Detefon e Ana XYZ), estava fechada a formação do grupo. 'A Plebe era a melhor banda da nossa turma" declarou Renato Russo, em 1996. "Eles sempre tiveram senso de humor ácido, muito divertido", analisa Herbert Vianna.

Foi o guitarrista dos Paralamas quem levou a Plebe Rude à sua primeira gravadora, EMI Odeon. Depois, produziu o mini-LP *O Concreto Já Rachou* e o disco seguinte, *Nunca Fomos Tão Brasileiros*. "Eles tocavam há muito tempo e muito bem, já tinham os arranjos todos prontos. Por isso, meu trabalho foi mais de técnico do que de produtor", lembra. Nem Herbert escapou do humor ácido da Plebe. Em "homenageado" na faixa "Minha Renda", que enumerava os mecanismos para fazer sucesso (e

terminaram
ow de reunião
"Should I Stay Or
uld I Go", do Clash,
ia seguinte,
jiram voltar mesmo

radio: "Já sei o que fazer para ganhar muita grana, vou mudar meu nome para Herbert Vianna". Detalhe: o próprio Herbert canta a frase. "Os Paralamas só estavam num estágio mais avançado porque tinham contrato", justifica o paralama.

O mini-LP era um formato que estava sendo testado pela gravadora, que lançou no mesmo pacote as bandas Zero, Muzak e Lado B. O máximo eram seis faixas por vinil, mas a Plebe conseguiu emplacar sete porque "Brasília" (ornada pela gravadora) continha a frase que batizava o disco. Apesar do sucesso (mais de 100 mil cópias vendidas), o formato não deu certo porque os lojistas vendiam o EP pelo preço de um disco normal.

A agenda lotada de shows, a maioria em danceterias, como era a onda da época, não deixou brecha para a banda compor repertório para o *Nunca Fomos...* que foi quase todo preenchido com coisas antigas. "Esse foi nosso primeiro grande erro. Deveríamos ter voltado a Brasília e se trancado numa casa para ficar quebrando o pau e fazendo músicas, como fizeram os Red Hot Chili Peppers no *Blood Sugar Sex Magic*", acredita André.

A NÃO-IDA AO CHACRINHA

Mas foi com o *Nunca Fomos...* que a banda realizou a primeira turnê pelo Brasil, impulsionada pelo sucesso de "A Ida", considerada por Philippe Seabra sua "obra-prima". Depois, a Plebe recusou um convite para fazer *playback* no Chacrinha. "Isso criou tensão com a gravadora", lembra Philippe.

A escolha do nome do terceiro disco refletiu a divisão na banda. metade queria "Plebiscito", outra metade preferia "A Serra" – Gutje foi para a sessão de fotos da capa com uma motosserra. Acabou ficando o original *Plebe Rude*. A incursão por ritmos regionais em faixas como "Valor" e "Repente" tinha o dedo de Jander, cada vez menos ligado em Dead Kennedys e mais interessado na viola de Elomar e em Luiz Gonzaga. Mas o LP foi fracasso de crítica e de público.

'Era uma época muito ruim. Tinha muita briga interna, a gente nem se via, nem se reunia para compor. As composições nasciam isoladas, tanto que os dois vocais *(marca registrada da banda)* quase desapareceram. A gente devia é ter saído pra chutar lata junto, como era em Brasília", analisa Andre.

Quando acabou o contrato com a EMI, a situação interna ficou insustentável. As brigas de Philippe e Jander terminaram, com a demissão do segundo pelo telefone. "Eram diferenças musicais e pessoais", limita-se a comentar Philippe. "Desde o dia em que fui despedido da Plebe eu não tocava guitarra", comentou Jander logo após o show em Brasília.

O próximo a sair – ou a ser saído – foi Gutje, dispensado depois de uma briga feia com André em um quarto de hotel em Foz do Iguaçu (PR). A dupla sobrevivente bem que tentou continuar, e até lançou pelo selo carioca Natasha o razoável *Mais Raiva Do Que Medo*. Porém a distribuição precária do selo e o péssimo momento da indústria fonográfica brasileira fizeram o disco passar batido. Philippe se mudou para Nova York e lá montou a banda Daybreak Gentlemen. André passou em concurso público do Banco Central e voltou a morar em Brasília.

QUASE DEZ ANOS SEM SE FALAR

Depois que a série *Portfólio* resgatou em CD os três primeiros LPs do grupo e teve tiragem esgotada, começou a ser cogitada a volta da Plebe. Mas as conversas – todas por e-mail – entre Gutje, André e Philippe só evoluíram depois que surgiu uma proposta concreta: encerrar a segunda edição do festival Porão do Rock, destinado à divulgação das novas bandas brasilienses.

Os três toparam o desafio e se reuniram em Brasília para ensaiar pela primeira vez em cinco anos. "Nunca nos dedicamos tanto nos ensaios", revelou Gutje. Jander, preso ao trabalho como *roadie* dos Engenheiros Do Hawaii, só pôde chegar no dia do show. Mesmo na correria, o trio aprontou dezoito músicas, quase todas da coletânea da série *Preferência Nacional*, lançada em 1998.

O que era uma temeridade – reunir quatro pessoas que não se encontravam nem se falavam há quase uma década – acabou se tornando um mimo. Não houve tempo para discussões e o show aconteceu sem maiores problemas, "tranquilo", segundo Ameba. Tratada pela geração dos anos 90 como lenda, a banda ficou quase uma hora recebendo cumprimentos depois do show.

A Plebe feliz, em 1986

No dia seguinte, os quatro se reuniram para definir o futuro da banda. 'Resolvemos que a gente está disposto a ouvir propostas, mas só se for para fazer uma coisa muito especial, como foi o próprio show, que foi fenomenal. A idéia de gravar um disco ao vivo, acompanhado de uma nova turnê, é a que mais nos atrai", revela Philippe, descartando uma volta em tempo integral.

"Quero fechar um ciclo na minha vida para poder me dedicar à minha nova banda, o Daybreak Gentlemen, essa é a minha prioridade", revela o guitarrista, definindo seu projeto atual. "É como se a Plebe tivesse continuado na linha de 'A Ida', explorando um lado mais melódico e mais pesado, mas sem ter que recorrer a guitarras esporrentas mal tocadas nem palavrões. É um som agressivo e elegante", completa.

' Foi ótima a oportunidade de rever os amigos, mostrar um pouco de atitude e tentar ganhar muito dinheiro", define Gutje, sincero. "O melhor vai ser voltar pelo resgate da cumplicidade que nós tínhamos no início. Chegou a hora de fechar com chave de ouro um caso de amor mal resolvido", aposta André.

1981
Em julho, depois de ensaios na casa de Fê Lemos, do Capital, a Plebe estréia no Clube da Imprensa, junto com o Aborto Elétrico.

1982
Entrada de Jander e das *backing vocals* Marta Detefon e Ana XYZ (que ficaram só alguns meses).

1983
Show no Teatro da Associação Brasiliense de Odontologia (ABO), junto com uma banda que estreava, Legião Urbana.

1984
Assinatura do contrato com a EMI Odeon. Philippe passa a dividir os vocais com Jander.

1985
Lançamento de *O Concreto Já Rachou*, que rende disco de ouro.

1986
Turnê nacional. "Ganhamos muito dinheiro", lembra André. "E conhecemos as primeiras tietes", emenda Philippe.

1987
Lançamento do segundo disco, *Nunca Fomos Tão Brasileiros*. A banda se recusa a ir ao Chacrinha. A Censura censura "Censura", depois libera. Fracassa a turnê que a banda faria com uma estrutura maior. "Começamos a perder o dinheiro que tínhamos ganhado", conta André.

1988
Ninguém da gravadora apareceu no show de lançamento do terceiro LP, *Plebe Rude*, com influências regionais que assustam alguns dos fãs mais fiéis.

1989
A EMI sugere a regravação de músicas de Cazuza e Raul Seixas. A banda não aceita e seu contrato não é renovado.

1990
Jander Bilaphra sai.

1991
Os shows, cada vez mais raros, incluem guitarristas e tecladistas convidados.

1992
Gutje se desentende com André e é expulso.

1993
Reduzida a uma dupla, a banda lança *Mais Raiva Do Que Medo*, que repercutiu pouco e vendeu menos ainda, prejudicado pela má distribuição do selo Natasha.

1994
André, Philippe e o baterista Márcio (*ex-roadie*) fazem o último show da Plebe, junto com o Iral, na Praia de Ipanema, no Rio.

1995
Philippe se muda para Nova York e André volta a morar em Brasília para trabalhar no Banco Central.

1999
1º de agosto: show na Concha Acústica de Brasília *(abaixo)*, encerrando o Porão do Rock 99.

QUEM PEGAR AS
MELHORES
ONDAS DO PLANETA
GANHA UM
VERÃO SEM FIM.
(NÃO... NÃO É UM SONHO.)
LEVE CINCO
GRANDES ONDAS
PELO PREÇO DE
UMA MAROLA
E AINDA GANHE
O CLÁSSICO
VÍDEO DE SURF
"ENDLESS SUMMER II"
IMPERDÍVEL
PIPELINE
WAIMEA
SUNSET
G-LAND
JEFFREY'S BAY
DE R$ 14,50
POR R$ 9,80
GRÁTIS!
Endless Summer II
NAS
BANCAS
5 EDIÇÕES COMPLETAS PARA COLECIONADORES
5 PÔSTERS GIGANTES! 92x62cm
1 VÍDEO ALUCINANTE
EDITORA PEIXES
Fluir
SURF É FLUIR

Toneladas de rock

O homem-enciclopédia da Brasil 2000 FM tem **22 mil discos!** E garante que consegue achar tudinho no meio de seu monumental acervo

Não, você não leu errado. O sujeito tem 22 mil discos em casa. Simples e humilhante assim: 12 mil CDs, 10 mil LPs. É uma loucura, um desvario, um despautério, sim. Mas também é profissionalismo. Afinal, o paulistano Roberto Miller Maia, 40 anos, é sinônimo de radialismo informativo e inteligente, artigos raríssimos nas FMs brasileiras. Conhecido pelos ouvintes da Brasil 2000 (107,3 Mhz) de São Paulo como "homem-enciclopédia", ele mora com a mulher e as duas filhas numa casa no Jardim dos Estados (Zona Sul de São Paulo). Junto com 250 livros sobre música, seus discos habitam uma espécie de dúplex (três cômodos espaçosos em dois andares) que funciona como estrutura independente na organização do ambiente. É uma espécie de batcaverna.

Para se manter atualizado e abastecer a emissora com o que há de mais novo no mercado, Maia gasta até mil dólares por mês encomendando CDs do exterior. "Já sou conhecido na Receita Federal", brinca. Em viagens internacionais, seus recordes são 800 dólares gastos em meia hora numa loja Tower Records de São Francisco, nos EUA, e uma mala de volta abastecida com 150 CDs. A fama corre o mundo: a revista inglesa *Record Collector* já o citou em matéria espantada com a profundidade do envolvimento de um exótico brasileiro com a cultura rock.

O que ele tem em suas dezenas de prateleiras? Bem, com falta de sorte, você encontra um LP do Cheiro de Amor perdido no meio de toneladas de rock. Há cantinhos reservados para jazz, blues e ska, edições promocionais que recebe das gravadoras – o que lá fora são valorizadíssimas como item de colecionador, mas não despertam um décimo do interesse no Brasil –, caixas e mais caixas... Na arrumação, que segue uma ordem alfabética pouco rigorosa, os discos de um mesmo artista não ficam juntinhos, mas misturados com os dos colegas que têm a mesma inicial. "Eu consigo achar tudo, pode demorar um pouco, mas sempre encontro", garante.

Maia começou a trabalhar em rádio em 1977. "Eu escrevia roteiros do programa *Música De Um Novo Tempo*, que tocava King Crimson e Van Der Graaf Generator", lembra. Não que ele fosse bitolado em progressivo: um dos troféus de sua coleção é um compacto dos 101ers, banda em que Joe Strummer tocou antes de fundar o Clash (e antes de o punk existir oficialmente). De qualquer maneira, o Enciclopédia sabe reconhecer o valor de trabalhos de Robert Fripp (guitarrista do King Crimson) e recomenda a quem não tiver preconceitos o disco *Nadir's Last Chance*, de Peter Hammill, vocalista do Van Der Graaf: "É um clássico do desespero".

No final dos anos 70, estudante de Engenharia, Maia tocou guitarra numa banda chamada Flor De Lótus – "cantava também meio falando, tipo Lou Reed". Com Tom Zé trabalhou como técnico de som e desenvolveu projetos revolucionários. "A gente criou vários instrumentos. Usamos enceradeiras, fizemos uma orquestra de buzinas... Infelizmente, estávamos à frente do nosso tempo", lembra. Apesar dessa experiência marcante na MPB, sua discografia do gênero é proporcionalmente pequena.

Não tem jeito: entre caixas exóticas como The Babenzélé Pygmies (música de uma tribo de pigmeus) e Wally Whyton And The Vipers Skiffle Group (banda inglesa da onda skiffle que influenciou os Beatles quando meninos), fala mais alto o rock'n'roll. A memória de Maia registra *Band Of Gypsies*, de Jimi Hendrix, como primeiro disco comprado "com o próprio dinheiro" – aos 11 anos. Ex-sócio de um fã-clube de David Bowie, ele cita como artistas "de estimação" Lou Reed, Talking Heads, Mott The Hoople (grupo de Ian Hunter que Bowie produziu na porção glam dos anos 70) e Argent, banda inglesa com tendências progressivas formada em 1969 pelo tecladista Rod Argent depois do fim da formação pop The Zombies. Seu maior arrependimento como audiófilo: ter demorado a descobrir as maravilhas da soul music – Otis Redding, Four Tops e Smokey Robinson –, que atualmente animam seus fins de semana. "Por isso é que eu, hoje compreendo os meninos radicais que ligam para a rádio xingando o que não é do gosto deles", explica, professoral. A maior lição do homem-enciclopédia, porém, é outra: "Rock não deve ser levado a sério demais".

Pedro Só

Roberto cercado pelos CDs (à esq.), no primeiro andar; e no segundo, sentado em trono esplêndido (do Kiss), com Lou Reed no colo

Prateleira especial

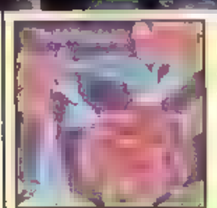
GRAVIKORDS WHIRLIES E PYROPHONES
Gravikords Whirlies e Pyrophones
"Este CD gravado só com instrumentos experimentais vem acompanhado por um livro com prefácio de Tom Waits. É muito interessante."

PETER HAMMIL
Nadir's Big Chance
"É um clássico do desespero. Peter Hammil foi vocalista do Van Der Graaf Generator, um grupo progressivo que também deixou ótimos trabalhos *(este disco solo, lançado em 1975, é tido como antecipador do punk rock)*."

ROBERT FRIPP
Exposure
"Este é um dos grandes guitarristas de todos os tempos *(notório por seu trabalho no King Crimson)*, em um de seus discos mais interessantes *(seu primeiro álbum solo, de 1975)*."

BOB MOULD
Workbook
"Este cara fez uma revolução sonora no Hüsker Dü *(grupo americano dos anos 80 que antecipou o som que tornou o Nirvana conhecido)*. Aqui, solo *(o primeiro de sua carreira, lançado em 1989)*, ele mostra canções mais melancólicas, reflexivas..."

HUMBLE PIE
Thunderbox
"Depois deste disco, que é de 1974, eles *(banda inglesa de rock e boogie que contava com o talento de Peter Frampton à guitarra)* fizeram coisas meio medíocres. Mas eu adoro a voz do Steve Marriott *(que também fez história no grupo Small Faces e morreu em 1991, num incêndio)*.



TODD RUNDGREN
Something/Anything
"Sou grande fã desse cara *(cantor e compositor americano que integrou os grupos The Nazz e Utopia)*. Ele sabe usar as linguagens do pop, e *Something/Anything* (de 1972, com hit "I Saw The Light") é o disco que melhor resume suas habilidades."

PATTI SMITH
Wave
"Sou suspeito, gosto de todos os discos dela *(cantora e poetisa americana que marcou os anos 70 e é idolatrada por gente como Michael Stipe, do R.E.M.)*. Mas coincidentemente este disco *(de 1979, com textos mais místicos)* foi produzido pelo Todd Rundgren *(risos)*."

...para você entender a NEW WAVE

Depois da crueza do movimento punk, bandas coloridas apareceram para animar o mundo pop no fim dos anos 70

New wave é a versão família do punk. Lá pelos idos de 1978, quando a fúria de Sex Pistols e Cia. já havia sido absorvida e começava a ser explorada pelas gravadoras multinacionais, surgiu um novo rock, mais palatável, multifacetado e bem menos radical. Sempre em busca de novidades, a imprensa musical inglesa cunhou a expressão new wave. Do punk, a nova onda herdou a economia (dois, três acordes e estamos conversados), a tendência a trazer de volta a urgência dos primórdios do rock, o visual ousado e o culto à urbanidade. Com uma diferença fundamental: enquanto o punk era essencialmente rock de guitarras tocado nos mais altos decibéis, a new wave era um balaio de misturas. Funk, ska, reggae, música eletrônica e rockabilly se misturavam ao som da Motown e dos *girl groups*. A new wave era, ao mesmo tempo, futurista (abarcava sons eletrônicos) e retrô (no visual e no rock básico). Mas essa volta ao passado não significava ingenuidade. Afinal, os punks já tinham tirado o que restava do hímen do rock'n'roll. Artistas como B-52's, Go Go's, Devo, Madness, Nina Hagen usavam humor e ironia para fazer dançar, num clima "alegrinho". Mas havia Joe Jackson, Elvis Costello, The Police e Gang Of Four, de discurso mais sério ou politizado. Na outra ponta, o pop eletrônico dançante de Kajagoogoo, Human League e ABC. A new wave marcou também o começo do império do videoclipe. Depois da festa, o rock deu uma guinada "cabeça" com a explosão de U2, Smiths, R.E.M., Cure e Echo & The Bunnymen.

Divulgação/WEA

BILLY IDOL
***Rebell Yell* (1984)**

Ex-integrante do Generation X, o inglês Billy Idol (William Broad) é a versão punk de butique de David Lee Roth (ex-vocalista do Van Halen). Roupas de couro, cabelo arrepiado, soquinhos no ar biquinho "rebelde" no canto da boca. Apesar da figura caricata – que hoje parece mais ridícula ainda –, o fanfarrão Idol fazia um pop rock de qualidade. Ao lado do talentoso guitarrista Steve Stevens, gravou este que é seu melhor disco. A faixa-título, um clássico das danceterias brasileiras, e os hits "Eyes Without A Face" e "Flesh For Fantasy" misturam metal, eletrônico e funk com a boa voz de Idol.

THE B-52'S
***Time Capsule – Songs For A future Generation* (1998)**

Em qualquer festinha lá por 1985, aos primeiros acordes de "Legal Tender", valetes e raparigas desandavam a pogar pelo salão. Ainda na ativa, o "bafo-comtutu" é a quintessência da new wave. Do som econômico – a guitarra do falecido Ricky Wilson só tinha quatro cordas! – às capas de discos coloridíssimas, tudo nesta banda formada em 1976 em Athens, Geórgia (a terra do R.E.M.) é "muéve". Esta coletânea dá uma geral nas carreiras de Fred Schneider, Kate Pierson, Cindy Wilson (vocais) e Keith Strickland (bateria, teclados). As principais faixas estão lá: "Rock Lobster", "Planet Claire" e "Private Idaho". Órgão com som podreira, corinhos e bateria eletrônica.

DEVO
***Q: Are We Not Men? A. We Are Devo* (1978)**

Surgido em Akron, no Estado de Ohio (EUA), o quinteto Devo é uma das coisas mais esquisitas do rock. No bom sentido. Mark Mothersbaugh (vocais, teclados), Bob Mothersbaugh, Bob Casale (guitarras), Gerry Casale (baixo) e Alan Myers (bateria) se juntaram em 1972 para propagar a idéia de "devolução" – isto é, o homem moderno estaria regredindo. Este disco de estréia é perfeito. Produzido por Brian Eno, junta vocais robóticos e letras hilárias a riffs de guitarra... esquisitos. A versão de "Satisfaction", dos Rolling Stones, permanece um clássico. "Jocko Homo", "Mongoloid" e "Space Junk" também são imperdíveis.

BLONDIE
***The Platinum Collection* (1995)**

Tendo à frente a gostosíssima Deborah Harry (ex-coelhinha da *Playboy*), o sexteto nova-iorquino completado por Chris Stein, Frank Infante (guitarras), Nigel Harrison (baixo), Clem Burke (bateria) e Jimmy Destri (teclados) era uma fábrica de singles palatáveis. Formado em 1976 e grosso da cena nova-iorquina de Talking Heads e Television, o Blondie era um *girl group* de uma garota só. Esta coletânea dupla, além dos deliciosos hits "Heart Of Glass", "Rapture", "The Tide Is High", "Dreaming" e "Call Me", tem inéditas. A banda voltou à ativa este ano.

DURAN DURAN
***Rio* (1982)**

Simon Le Bon (vocais), Andy Taylor (guitarra), John Taylor (baixo), Nick Rhodes (teclados) e Roger Taylor (bateria) inicialmente eram encarados como uma espécie de Backstreet Boys da new wave. Representantes da vertente *new romantic* (pop vocal e por marmanjos de sexualidade dúbia vestidos com roupas cheias de babado), esses ingleses causavam *frisson* entre as mocinhas. Formada em 1978, a banda foi [illegible] explorar melhor as possibilidades do videoclipe. Seu segundo álbum, *Rio*, mistura pop e funk com um glacê de sintetizadores, e inclui as gudentas "Hungry Like The Wolf" e "Save A Prayer", tocadíssimas até hoje nas FMs.

ELVIS COSTELLO
***My Aim Is True* (1977)**

O disco de estréia do cantor londrino Elvis Costello, [illegible] de Declan MacManus e pop rock com pretensões, letras bem [illegible] uma economia mas caprichar. As treze faixas têm menos de 3 minutos. Quitutes como "Allison", "Welcome To The Working Week" e "Watching The Detectives" são ótimos exemplos. O som de Costello apontou um caminho para o punk rock, gênero suicida por essência. O visual nerd (paletó, óculos grossos de aro preto à Buddy Holly) acabou virando uniforme new wave.

THE HUMAN LEAGUE
***Dare* (1981)**

O grupo inglês formado em 1977 com ambições experimentalistas entra na lista como representante da face eletrônica da new wave. Mas este disco feito com melodias cantaroláveis e um olho nas pistas de dança marca uma virada pop em sua carreira. Sob a influência do Kraftwerk, Adrian Wright, Ian Burdon, Jo Kallis (sintetizadores), Phil Oakey (sintetizadores e vocais), Jonanne Catherall e Susanne Sulley (vocais) gravaram funk ariano. "Don't You Want Me", hit mundial – e faixas quase tão boas como "Things That Dreams Are Made Of" e "Do Or Die", que abriram caminho para a cena dance que dominou a Inglaterra nos anos 90.

THE POLICE
***Regatta De Blanc* (1979)**

O trio formado na Inglaterra em 1977 por Sting (baixo e vocal), Andy Summers (guitarra) e Stewart Copeland (bateria) foi a superbanda daquela era. Este seu segundo LP funciona como uma verdadeira cartilha da new wave "séria": guitarras decalhadas ("Message In A Bottle"), reggae louro de farmácia ("Walking On The Moon") e punk de apartamento ("It's Alright For You"). Baixo e bateria na frente, guitarra como coadjuvante de luxo, precisa. E Sting mostrando sofisticação como compositor em "Bring On The Night" e "The Bed's Too Big Without You".

THE PRETENDERS
***Pretenders* (1980)**

Certamente o mais querido de todos os discos citados nestas páginas. O quarteto inglês, liderado pela guitarrista, compositora e cantora americana Chrissie Hynde e completado por James Honeyman-Scott (guitarra), Pete Farndon (baixo) e Martin Chambers (bateria), estreou com um petardo. A sequência das cinco primeiras músicas é de tirar o fôlego: debaixo da voz de veludo de Hynde e de seu feminismo corrosivo, ouve-se uma seção rítmica de matar. Honeyman-Scott, morto em 1982 aos 26 anos, era um dos mais talentosos músicos de sua geração. Contém o hit "Brass In Pocket".

Luiz Henrique Romanholi

MADNESS
***One Step Beyond* (1979)**

A recuperação do ska – ritmo jamaicano precursor do reggae – é um dos grandes legados da new wave. Formado na Inglaterra em 1978 por Suggs (vocal), Mike Barson (teclados), Kix Thompson (sax/vocal), Chrissie Boy Foreman (guitarra), Mark Bedford (baixo) e Dan Woodgate (bateria), o Madness era capaz de salvar qualquer festinha meia-bomba. tocava-se este seu disco de estréia e ninguém era mais de ninguém. *One Step Beyond* inclui alguns singles fundamentais: "The Prince" (homenagem ao jamaicano Prince Buster), "Night Boat To Cairo" e "My Girl".

Discos independentes, CDs e fitas-demo
Envie para: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, SP

Moqueca sonora

Tati, do Crivo, e Rodrigo, do Dead Fish, suando a camisa

Woodstock em Vitória: um clone de Hendrix tira uma soneca (*acima*), enquanto o Mukeka Di Rato (*ao lado*) e o Pé Do Lixo (*abaixo*) mostram o que sabem sobre o palco, com direito a apoio da prefeitura

Se você fosse um alienígena e no dia 3 de julho de 1999 escolhesse a capital do Espírito Santo para aportar sua nave na Terra pela primeira vez, acharia que Mukeka Di Rato, Lordose Pra Leão, Pé Do Lixo e Dead Fish dominam o cenário rock do Brasil. Uma multidão de 7 500 jovens compareceu à "Praça do Papa" para o festival **Dia D**, que congregou mais de vinte bandas nativas, numa celebração da cultura capixaba. Mesmo tendo o apoio da Secretaria da Cultura da cidade de Vitória, o evento teve seu sucesso ameaçado. Uma infeliz coincidência fez com que uma apresentação do Cidade Negra fosse agendada para o mesmo dia 3 de julho. Só que o público escolheu ficar do lado dos conterrâneos e apenas mil pessoas foram ao show de reggae.

Um palco secundário abrigou bandas menos conhecidas na cena local. O destaque foi a banda **Crivo**, que tem na vocalista Tati sua esperança de triunfar nacionalmente. Depois de fundar o grupo como baterista, a gatinha assumiu os vocais e esbanjou energia no show, fazendo o pop rock pesado do quinteto se sobressair na tenda "alternativa". No palco dos "grandes", **Mukeka Di Rato** e **Dead Fish** provaram que podem ser as duas melhores formações de hardcore do mundo. Mas quem não é iniciado no estilo, não gosta de skate ou nunca leu as letras deles nos encartes dos discos nem deve ter notado diferença quando uma banda deu lugar à outra no palco.

O Mukeka é bem mais divertido. "Aux lio Paleto", "Minha Escolinha" e "Deturpação Divina" são geniais. Faltou só a quebradeira característica que eles promovem no final de cada show, ao som de "Capetalismo". Ainda assim, deram o recado. Já o Dead Fish colheu o sucesso que o CD *Sonho Médio* vem fazendo com a moçada hardcore, fruto de nove anos batalhando no underground. "Coração Bobo" de Alceu Valença, foi a surpresa que os veteranos da **Lordose Pra Leão** reservaram para sua cidade natal. A música, inserida na pesada versão de "Frevo Mulher" (Zé Ramalho), constituiu um belo momento na apresentação do sexteto. Mas o que o capixaba queria conferir mesmo era o desempenho do **Pé Do Lixo**. "Eles são nosso ouro", comentava uma fã, segundos antes de a batucada de "América Sob O Sol" tomar conta do local. Casando guitarra à Jane's Addiction com boas sacadas percussivas, o Pé Do Lixo a nda descarregou as nervosas "Zingane" e "Terra Prometida" na platéia, que, desde o início, provara que o festiva seria a consagração de uma boa idéia.

O Garage Fuzz é uma lenda do underground caiçara

Santos punk

Formado às pressas há mais de oito anos, para abrir o show de uma outra banda de Santos (SP), o Garage Fuzz é hoje um dos nomes mais respeitados no cenário alternativo nacional. Sentado em frente ao seu computador Macintosh – o mesmo que usa para criar as capas e fazer o controle da distribuição dos discos do grupo –, o vocalista Alexandre Farofa relembra a lista de bandas estrangeiras para quem já abriu shows desde os obscuros californianos do All You Can Eat, passando por nomes fortes do hardcore americano, como Shelter, Sick Of It All e Fugazi, até o Seaweed que esteve pelo Brasil em abril.

Jello Biafra, lenda do punk americano e ex-líder dos Dead Kennedys, viu o Garage Fuzz no extinto clube paulistano Der Tempel e chegou a sondá-los para um contrato com seu selo Alternative Tentacles. "Ele disse que tinha gostado bastante do som, mas que seria bom pensarmos sobre uma possível mudança no nome da banda...", conta Alexandre, explicando por que o projeto não vingou. Respeitado por suas vigorosas apresentações ao vivo, o Garage Fuzz segue firme e forte. Seu mais recente trabalho, *Turn The Page... The Season Is Changing*, foi lançado simultaneamente no Brasil (pelo próprio selo da banda), EUA e Europa – pela One Foot Records.
Contatos: tel. (0__13) 238-5753

Raio-D Um exame nas demos mais interessantes do mês

Ack

Som: Hardcore melódico
Origem: Rio de Janeiro, RJ
Auto-retrato: "Muito punk 77, hardcore californiano e *guitar bands*. Estamos crescendo com a cena independente"
Resumo crítico: O Ack leva um som que lembra muito o que o quinteto californiano Bad Religion produziu em sua fase áurea. No CD *Play*, o destaque é a nervosa "I Don't Know What I Want"
Produção: Boa
Contatos: tel. (0__21) 537-1686; e-mail: ack@starmail.com

Carbona

Som: Punk pop
Origem: Rio de Janeiro, RJ
Auto-retrato: "Estamos aí pra tocar rock'n'roll, sem sonhar alto, pois cantamos em inglês. Mas este ano lançaremos dois álbuns"
Resumo crítico: Ramones é a principal influência no rock desse trio. Em *Go Carbona Go*, a voz de Henrique Roque ro faz lembrar a do vocalista do NOFX, o que não compromete o divertido CD.
Produção: Boa
Contatos: tel. (0__21) 294-7388; e-mail: melvin@infolink.com.br

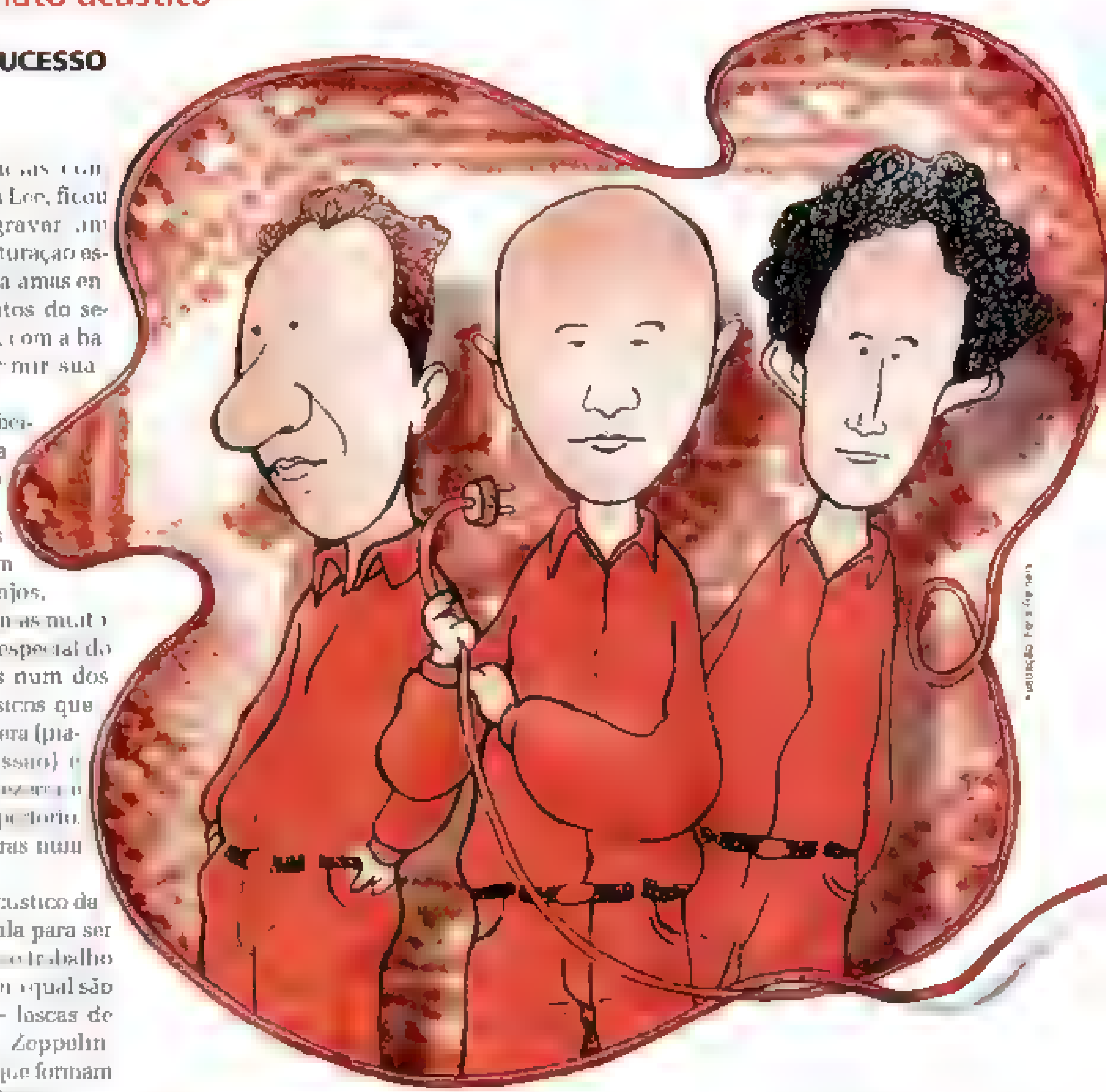
Stado

Som: Pop soul
Origem: Rio de Janeiro, RJ
Auto-retrato: "Músicas dançantes, brincando com funk, discoteca e até rock. Abordagem bem popular e letras falando de mulheres e das pistas de dança"
Resumo crítico: O CD *Não Pare De Dançar* aposta nas guitarras suingadas e num naipe de metais que remete à melhor fase do mestre Tim Maia
Produção: Boa
Contatos: tel. (0__21) 239-6140 , e-mail: phnovo@airnet.com.br

Caldeirão desplugado

Notas de 0 a 10 dadas pelos críticos e colaboradores de SHOWBIZZ

Sem orquestra e esbanjando *latinidad*, Paralamas revitalizam o formato acústico



OS PARALAMAS DO SUCESSO
Acustico MTV (9)
EMI

Depois das experiências com Titãs, Gal Costa e Rita Lee, ficou difícil um artista gravar um *Acústico MTV* sem cair na saturação estética do formato. Mas os Paralamas entraram no jogo aos 40 minutos do segundo tempo e conseguiram, com a habitual personalidade, imprimir sua marca à fórmula.

O trio Herbert Vianna, Bi Ribeiro e João Barone começou a driblar o impasse em outubro de 1997. Na época, eles passaram a fazer apresentações acústicas para convidados em algumas cidades. Nos arranjos, nada de orquestra e maestro, mas muito peso, inovações e a presença especial do legionário Dado Villa-Lobos num dos violões, além dos bons músicos que acompanham o grupo (João Fera (piano), Eduardo Lyra (percussão) e Monteiro Junior, Demetrio Bezerra e Bidu Cordeiro (metais). No repertório, poucos hits e muitas releituras num clima lado B.

Um ano e meio depois, o acústico da banda estava em ponto de bala para ser gravado. O resultado [illegible] o trabalho [illegible] o qual são [illegible] — loscas de brasilidade, ska, salsa, Led Zeppelin, funk, Beatles e outros [illegible] que formam o *melting pot* chamado Paralamas.

Velharias como "Selvagem", [illegible] e "Uns Dias" ganham [illegible] renovados. Canções que passaram despercebidas na carreira fonográfica da banda são tiradas da zona fantasma, revelando belezas incompreendidas, casos de "Vai Valer", "Tendo A Lua" e de "Brasília 5.31", esta com acento orientalizado à Jimmy Page & Robert Plant.

As releituras/homenagens também são bem boladas e criativas. Chico Science & Nação Zumbi são reverenciados em "Manguetown"; Tim Maia e James Brown na ensandecida dobradinha "I Feel Good (I Got It)"/"Sossego"; Beto Guedes em "Feira Moderna"; Talking Heads em "Life During Wartime" e Legião Urbana em "Que País É Este?" (dá até para perdoar Herbert se esgoelando, com suas assumidas limitações vocais).

Com apenas uma inédita, a salsona "Sincero Breu" (parceria de Herbert com a trupe carioca Pedro Luís E A Parede), o acústico dos Paralamas só não foge da mesmice do formato ao receber Zizi Possi para dividir os vocais em "Meu Erro". Pelo menos não rolam mais convidados especiais e Zizi canta que é uma beleza, mano!

Hagamenon Brito

Os textos são de responsabilidade dos críticos que os assinam, não necessariamente expressando a opinião oficial da revista

WILSOM SIDERAL
1 (7)
Universal

Estréia comprometida por excessos e deslizes

Um artista dono de uma proposta que já deu fama e fortuna a Lenny Kravitz não parece o bastante para a indústria do disco hoje. Se domina o palco com seu carisma, pouco interessa. Compor com talento e potencial radiofônico também não impressiona. Bacana mesmo é que ele seja irmão de Rogério Flausino, do Jota Quest, e que seja produzido por Dudu Marote.

Foi todo arquitetado sobre as idéias "infalíveis" das gravadoras: versão de "Bem Que Se Quis", capa modernuda, as obrigatórias "influências brasileiras" em "Xote Atômico". A produção "infalível" reforça a impressão, especialmente em "Wilsom", rockão que precisaria de menos grife e mais guitarras.

O nível sobe nos baladões setentistas, como "Não Vou Dizer Adeus" (versão de "So Very Hard to Go", do Tower Of Power). Nas outras faixas, o que deveria ser black vira alma de borracha e o que seria pop vira pastiche de Jota Quest. Tudo ótimo para ouvir dirigindo o carro, nada capaz de marcar época, coisa que um trabalho personalíssimo como o de Sideral poderia bem fazer.

Ricardo Alexandre

LIMP BIZKIT
Significant Other (7)
Interscope/Universal

Sensação do novo metal suaviza seu som

O negócio de Fred Durst é vender discos. Perguntado por uma revista americana – ele esteve em todas as capas quando seu grupo, o Limp Bizkit, lançou este *Significant Other* em julho – onde pretendia estar daqui a dez anos, respondeu: "Entre 10 e 20 milhões de CDs vendidos".

Para atingir seu objetivo, o rapper branquelo de olhos azuis exerce controle completo sobre as atividades da banda, a ponto de dirigir os videoclipes. E já que o negócio é vender discos – e o LB ficou três semanas em primeiro nas paradas –, a banda que já foi pouco mais do que um pastiche do Korn se tornou bem mais acessível. Além dos vocais bem pronunciados de Durst, o resto do quinteto se esmera na pesquisa de sons (com destaque para o guitarrista Wes Borland) e manda bem nas batidas espertas da dupla Sam Rivers (baixo) e John Otto (bateria), com o auxílio do DJ Lethal. De resto a coleção é um pouco repetitiva, e faz pensar se o refrão "Shut The Fuck Up" ("Cale a p*** da boca"), da música "N" não é uma piada malsucedida.

Bernardo Araujo

Som de gente grande

DIANA KRALL
When I Look In Your Eyes (8)
Verve/Universal

HARRY CONNICK JR.
Come By Me (9)
Columbia/Sony

FRANK SINATRA
His Way (9)
Summit Deluxe/ST2

O swing, que levava a juventude dos anos 30 e 40 à loucura com seus *crooners* e *big bands*, continua influenciando artistas contemporâneos, casos de Diana Krall e Harry Connick Jr.

Linda e loura, Diana Krall não precisava abrir a boca, mas canta e toca piano como poucas. Em *When I Look In Your Eyes*, a moça desfila um repertório de standards, escudada por uma formação básica – piano, baixo, guitarra, bateria – e por uma orquestra. São delicias como "Let's Face The Music And Dance", com levada de bossa-nova, "Let's Fall In Love" e "Pick Yourself Up" revividas com graça e elegância.

Depois de um flerte com o pop, Harry Connick Jr. volta ao swing, em *Come By Me*, trazendo clássicos e inéditas. No terreno das releituras, ele arrasa em "Change Partners", "Love For Sale" e no gospel "Danny Boy". Como compositor, mostra em melodias criativas como "Nowhere With Love" e "Come By Me" que soube ouvir George Gershwin e Cole Porter. Na instrumental "Next Door Blues", estraçalha ao órgão Hammond.

Melhor só ouvindo Frank Sinatra, o original, o pai de todos. Em *His Way*, CD triplo vendido a preço econômico, estão 49 gravações de shows e programas de rádio e TV dos anos 40 e 50. É interessante notar a evolução de The Voice em interpretações exemplares para obras-primas, como "Night And Day", "Blue Skies", "Begin The Beguine" e "Stardust". É a melhor música na maior voz.

Tommho Spessoto

HARPIA
A Ferro E Fogo (8)
Baratos Afins

Clássico do heavy metal nacional chega ao CD

O Harpia foi um dos melhores grupos paulistas de metal. Liderado pelo vocalista Jack Santiago, fazia um som agressivo e direto, com influência do Black Sabbath. Este disco é o primeiro e único com a formação original da qual também fazia parte o guitarrista Heluio Aguirra, do Golpe De Estado. "Salém (A Cidade Das Bruxas)" é um clássico do heavy metal em português, mas o álbum também tem petardos, como "Incitatus" e "Náufrago".

Fabian Chacur

ERIC CLAPTON
Blues (8)
Polydor/Universal

O melhor do lado blues do deus da guitarra

Apesar de ter andado gravando babas, Eric Clapton sempre foi e continua sendo um bluesman. Esta coletânea dupla é prova disso. Estão aqui gravações de 1970 a 1980, com clássicos de blues e R&B, como "Alberta", "The Sky Is Crying" e "Crossroads". Como atrativo adicional, há cinco faixas inéditas, entre elas uma versão alternativa (*out take*) de "Before You Accuse Me". Tal a essência do deus.

Ayrton Mugnaini Jr.

Manos certos

VÁRIOS
Rima Forte (8)
Trama

Atenção, amigo burguês, atenção, colega playboy... Se você ainda acredita que Racionais MCs é a única banda de rap do Brasil, precisa conhecer *Rima Forte – Novos Colaboradores Da Cultura Hip-Hop Mandando Suas Idéias*. DJ Hum, que nos anos 80 mandava ver com o amigo Thaíde na estação São Bento do metrô de São Paulo, é o produtor. Ele faz quase todas as bases e programações. O fato de ser uma coletânea aumenta a qualidade do disco e é uma constatação de que o rap paulistano amadureceu e começa a ter voz mais ativa no panorama musical da cidade.

Os rappers do Zona Proibida abrem o CD com o libelo anticrack "O Caminho Das Pedras" e exigem imediatamente seu lugar nas rádios. Letra boa, interpretação de primeira, com personalidade e coragem. Para minha surpresa, o disco segue o bom nível em quase todas as faixas. R&B definitivamente se mistura com MPB, eletrônico e soul e tudo rapeado confirmam que a periferia paulistana entrou de vez e para sempre na cultura musical e social brasileira. Vale ouvir a faixa 7, "João E Maria", dos Revolucionários MC's, e lembrar de "João E Maria" de Chico Buarque... Óbvio que, além do título, não há nada em comum. Uma fala de princesas e de um amor que se cantava à exaustão nos saraus de colégios ricos e intelectualizados. "João E Maria" aqui são nordestinos que chegam à grande cidade e na favela tentam sobreviver.

Tanta barra-pesada e discurso de "movimento" às vezes cansa, mas faz parte e é um mal necessário. Mesmo que tal radicalismo acabe afastando gravadoras e compradores mais abastados, essa rapaziada sabe a responsabilidade que tem. E no final das contas, o que cansa os playboys (me incluindo, sob protestos, mas me incluindo) é arma de união para a maioria da galera da periferia.

Quer saber? Compre, ouça, dance, viaje e ajude os manos a criarem mais manos até que tantos se amem que fique difícil delimitar onde termina o bairro e começa a periferia. É estranho e animador perceber que a postura política, tão importante em nossa música, passou dos intelectuais aos manos. A invasão já começou faz tempo. Vai ficar de olhos fechados embaixo da cama ou vai sair pra vida?

André Vaisman

2PAC
Greatest Hits (7)
Death Row/Virgin

Coletânea do camisa 10 do rap bandido

O gangsta rap, estilo consagrado por 2Pac Shakur e asseclas, é moralmente condenável. Trata-se de um apanhado de bravatas e letras machistas, em que o rapper nomeia mulheres e desafetos de maneira pouco elogiosa. O diacho é que 2Pac era bom pra dedéu. Tinha ritmo, proseava como poucos e ainda vinha com grandes sacadas. Boa parte dessas gols estão nesta coletânea, como a presença do falecido funkeiro Roger Troutman (do Zapp) em "California Love" ou o recado açucarado – na medida do possível – para a própria mãe ("Dear Mama"). Politicamente incorreto, mas extremamente saboroso. 2Pac era gênio.
Sérgio Martins

WEEN
Paintin' The Town Brown: Ween Live '90 - '98 (8)
Elektra/WEA – IMPORTADO

Quinze anos de demência e tiração de sarro ao vivo

Desde 1984, Dean e Gene, que formam a dupla Ween, vivem num universo paralelo. Cultuam seu próprio Deus (Boognish, representado pela carinha na capa do CD), idolatram Prince, fazem piadas com o HIV e com crianças à beira da morte, além de não possuírem restrições sonoras, indo do country ao metal com naturalidade. Este álbum duplo, com dezenove faixas ao vivo, traz músicas que não fazem parte de nenhum dos discos oficiais do Ween ("Mushroom Festival In Hell", "Mountain Dew"), intercaladas com outras mais conhecidas, casos de "Mister Would You Please Help My Pony?" e "Mister Richard Smoker". E mesmo que o consumo assumido de maconha, álcool e cogumelos tenha afetado a memória da dupla, o encarte traz notinhas tentando explicar as circunstâncias em que cada canção foi executada. Belo esforço.
José Flávio Júnior

THE BEATLES
Yellow Submarine (7)
Apple/EMI

Clássico relançado em edição remasterizada

Trinta anos depois de seu lançamento, o psicodélico desenho *Yellow Submarine*, dos Beatles, recebe novas versões em vídeo e DVD. A trilha também volta em som digital, remixada e com nove faixas inéditas. Algumas das antigas estão melhores, como "Yellow Submarine" (com a voz de Ringo mais alta e os sons incidentais mais claros), "Hey Bulldog" (com a voz de John Lennon límpida) e "All You Need Is Love" (no final dá para ouvir trechos impossíveis de se identificar na versão original). O único senão fica por conta de "Lucy In The Sky With Diamonds", tem-se a impressão que a voz de Lennon ficou descompassada do ritmo de vaisa do original e o psicodelismo se perdeu no caminho.
Valeria Rossi

SANTANA
Supernatural (8)
Arista/BMG

Festa para o herói latino da guitarra

Este é um dos melhores discos do guitarrista Carlos Santana. Ele faz festa sem esquecer suas raízes latinas, em boa parte o sucesso da salsa-rumba "(De Le) Vacco" ou o cha-cha-chá "Smooth". Há ainda o funk moderno "Love Of My Life" (com participação de Dave Matthews na guitarra) e a balançada "Maria Maria" (não a do Milton, mas poderia ser). Santana já gravou músicas de Dorival Caymmi e Nonato Buzar; a produção aqui é de Wyclef Jean). O CD tem ainda outras presenças especiais, como Everlast (em "Put Your Lights On") e Eric Clapton ("The Calling"). Uma celebração musical regada a guitarras de qualidade.
Ayrton Mugnaini Jr.

JOÃO NABUCO
João Nabuco (7)
Kiwi

Novo talento da MPB canta a *dolce vita* carioca

O carioca João Nabuco é autor da trilha de *Pequeno Dicionário Amoroso*, filme-declaração de amor ao Rio. Este primeiro disco expõe sua voz e sensibilidade nas letras. O problema é uma certa falta de direção. Misturar Noel ("Último Desejo"), Caymmi ("Só Louco"), Caetano ("Muito Romântico") e Chico ("Partido Alto") serve para o exercício do arranjo, mas nada acrescenta às originais.

Por outro lado, as canções de João empolgam. O samba "Carolina Na Praia" descreve singela e brilhantemente uma paquera malsucedida na praia. Outro bom momento é "Cada Manhã" com melodia terna e letra confessional. Se João tivesse dispensado as releituras, incluindo no disco temas instrumentais das trilhas que compôs, o resultado impressionaria mais.

Vale para acompanhar o início na carreira de um talento promissor. Também para registrar a leveza de ser jovem na Zona Sul carioca.
Felipe Zobaran

VÁRIOS
Black Files (7)
Globodisk

Visão pouco abrangente do som negro americano

Estes três CDs se propõem a mapear a música black americana a partir dos anos 50, mas o resultado deixa a desejar. A coleção centra fogo na era de ouro da gravadora Motown, os anos 60, e no funk pré-discothèque da década seguinte. Entre as 45 faixas estão maravilhas como "I Heard It Through The Grapevine" (Marvin Gaye), "Papa Was A Rolling Stone" (Temptations) e "ABC" (Jackson 5). No quesito funk aparecem grupos como Funkadelic (com "(Not Just) Knee Deep") e Kool & The Gang ("Let's Go Dancin'"). Há ainda Barry White, Chuck Berry, Little Richard e até Jimmy Cliff, mas falta o soul das gravadoras Atlantic e Stax/Volt. Uma história contada pela metade.
Toninho Spessoto

DONNA SUMMER
Live & More Encore (7)
Epic/Sony

Rainha da discoteca recria seus hits ao vivo

Donna Summer conheceu o auge há duas décadas, quando sons dançantes descendentes do soul dominavam as paradas do mundo ocidental. Ela era senhora do que havia de melhor, mais apurado no gênero, parceira de mestres como Giorgio Moroder e Quincy Jones.

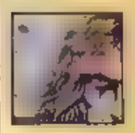
Este disco foi gravado num espetáculo do início deste ano, realizado para tornar-se programa especial do canal a cabo VH1. Donna Summer havia acabado de completar 50 anos. Até aí nada: a voz é a mesma de vinte anos atrás. A energia das interpretações idem. Ouvindo o CD, parece que a passagem do tempo não foi um problema para a rainha da discoteca.

O repertório inclui dez grandes hits da cantora, entre eles "MacArthur Park Medley", "Dim All Your Lights", "Dance", "On The Radio" e "I Feel Love". Mas em discos ao vivo sempre existem versões melhores de todas as faixas conhecidas.

Há três músicas novas no CD: "I Will Go With You" (versão em inglês de "Con Te Partirò", gravada originalmente pelo tenor italiano Andrea Bocelli), "My Life" e "Love Is The Healer". Nenhuma delas sobrevive quando ouvida ao lado dos clássicos da fase áurea.

Se você só conhece Donna Summer dos remixes que modernos DJs insistem em perpetrar, vale experimentar este original. Quem foi rainha, nunca perde a majestade. Nem depois dos 50.
FZ

VÁRIOS
Humanary Stew – A Tribute To Alice Cooper (9)
Roadrunner



"Ih, lá vem mais um tributo daqueles cheio de bandas desconhecidas e loucas para aparecer, estragando as músicas do meu artista querido", pensa o desavisado, cobra criada. Mas graças a Deus (e olhe que Lemmy e o Motörhead nem estão no disco) desta vez a tradicional receita de bolo não reaparece, e o resultado é bem mais saboroso do que a media. O guitarrista Bob Kulick – veterano do mundo do rock pesado e irmão de Bruce Kulick, que por doze anos defendeu as cores do Kiss – responde por uma produção simples e competente. Bem-relacionado no universo das guitarras distorcidas (e com o ótimo argumento de homenagear Alice Cooper, bisavô de Marilyn Manson), ele reuniu um inacreditável time em torno de onze clássicos do cantor. E o melhor: não são bandas que inventam covers para aparecer no disco, mas músicos de diferentes procedências que se unem no estúdio. Joe Elliot e Phil Collen, voz e guitarra do Def Leppard, abrem os trabalhos com "Under My Wheels", seguidos por Dave Mustaine e Marty Friedman, do Megadeth, que soltam os bichos com "School's Out". No baixo e na bateria, em vez dos desconhecidos músicos de estúdio de sempre, estão feras como Rudy Sarzo (do Quiet Riot, ex-Ozzye Whitesnake) Pat Torpey, do Mr. Big, e Eric Singer, ex-Kiss. Curiosamente, Bruce Kulick não dá as caras. E nem faz falta. As guitarras são pilotadas por ninguém menos do que Paul Gilbert (recém-saído do Mr. Big), Adrian Smith (do Iron Maiden, recriando o clássico "Black Widow" com o companheiro Bruce Dickinson), Slash e George Lynch, ex-Dokken. E não acabou. "No More Mr Nice Guy" tem Roger Daltrey, do Who, "Welcome To My Nightmare" apresenta Ronnie James Dio, e "Go To Hell" encontrou a garganta perfeita em Dee Snider, com direito a Zakk Wylde na guitarra. Absoluto. Necessário.
Bernardo Araujo

DUDU NOBRE
Dudu Nobre (8)
Universal

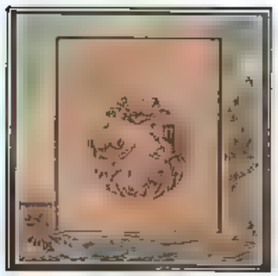
Moleque talentoso faz partido alto de responsa

Ele tem nome de mauricinho – João Eduardo (nome composto...) Sa.les (com dois l) Nobre –, carinha quase imberbe, usa óculos, estudou Direito... E daí? Conhecido nas melhores rodas de samba de Ramos (Zona Norte do Rio) como Dudu Nobre, o moleque é autor de alguns dos partidos altos mais malandros da história recente: "Vou Botar Teu Nome Na Macumba" e "Chico Não Vai Na Cumuba", ambos gravados por Zeca Pagodinho. Antes de assinar com a Universal, Dudu, 25 anos, tocava cavaquinho na banda do *Xerém man*

Este disco de estréia tem produção e arranjos impecáveis do craque Rildo Hora, capricha na inclusão de clarinetes, flautas e trombones. A primeira faixa, a amaxixada "No Mexe Mexe, No Bole Bole", incluí uma guitarra elétrica. E daí? O que se ouve poderia muito bem estar num disco dos Novos Baianos da década de 70

Dudu assina dez das catorze músicas, mostrando o teco de compositor, mas a trinca Barbeirinho Do Jacarezinho, Marcos Diniz e Luiz Grande, velha fornecedora de Bezerra Da Silva, é quem comparece com a inédita mais gaiata: "Reverendo Blá Blá". O padrinho Zeca Pagodinho também dá uma leve roubada de cena participando de "São José De Madureira", samba em feitio de oração (do próprio Zeca em parceria com Beto Sem Braço) para a querida Serrinha de Madureira. E daí? Esse Dudu é nobre mesmo.

Pedro Só



10,000 MANIACS
The Earth Pressed Flat (6)
Bar None/Abril

Banda folk começa a refazer a vida com nova vocalista

A saída da cantora Natalie Merchant dos 10.000 Maniacs, em 1994, por pouco não decretou o fim do grupo. O guitarrista John Lombardo, que tinha participado da primeira formação foi reconvocado e Mary Ramsey efetivada nos vocais. O som continuou o mesmo, com melodias inspiradas no folk rock americano. *The Earth Pressed Flat* é o segundo disco da nova fase. Mary ainda tateia em busca de um estilo. Quando acerta o tom é uma maravilha, como em "On And On", "Beyond And Beyond The Blue" e na bela releitura de "Who Knows Where The Times Goes", do Fairport Convention. Um pouco mais de paciência e os Maniacs voltarão a fazer discos magistrais.

Sérgio Martins

CÁSSIA ELLER
Com Você... Meu Mundo Ficaria Completo (4)
Mercury/Universal

Cai a máscara da cantora "selvagem"

Então esta é a "rebelde" que revolucionaria a MPB com seu canto agressivo e postura incorrigível? Bem a rigar por *Com Você*... Cássia Eller soa mais como um freak ingênuo esperando as bênçãos do *establishment*. Dá para imaginar que ela sempre fora assim, sem cheiro nem sabor, bater do humilde à porta do *status quo*, sem que ninguém abrisse. O que se ouve em seu sétimo disco é a "feroz" cantora abaixando a cabeça para o *high society* que desfila pelas faixas – tem inéditas de Caetano (qualquer caso de despersonalização da música brasileira tem de ser o dedo dele), Carlinhos Brown e Marisa Monte tem celo de Jaques Morelembaum, tem produção de Nando Reis. Soa como uma máscara vodu que novos-ricos compram em safáris exóticos, penduram na sala e exibem nas páginas de *Caras*. Diabolismo para o sistema, anarquismo patrocinado pela indústria.

Ricardo Alexandre

SIXPENCE NONE THE RICHER (6)
Sixpence None The Richer
Elektra/WEA

Terceiro disco de banda americana de pop cristão

Se você não aguenta mais Teletubbies MCs a repetir ladainhas tipo "periferia violenta (violeenta...)", "polícia malvada... (malvuuada)" e "a vida no presídio é dura... (é duuura...)" vá direto à faixa 4: "Kiss Me" é uma fofura, uma gracinha.

Se você fica nervoso ouvindo essas músicas que o povo mete em bandas por minuto – que foi feito das velhas notas? –, pule para a 12. "There She Goes Again", cover do cultuado grupo independente inglês The La's. Se fosse um compacto duplo com essas duas músicas, o disco seria um docinho pop perfeito. Como álbum, é enfadonho. Quando é ruim, lembra o pior dos Cranberries. Quando é bom, lembra The Sundays, banda inglesa de certa fama no começo da década. Entre altos e baixos a Sixpence vale por uma fuga a um mundo bucólico. Mas perde um ponto por estragar um poema de Pablo Neruda.

P. S.

VÁRIOS
The Fire Beneath The Machine (8)
Teenager In A Box

Nova geração alternativa traz pancadaria e emoção

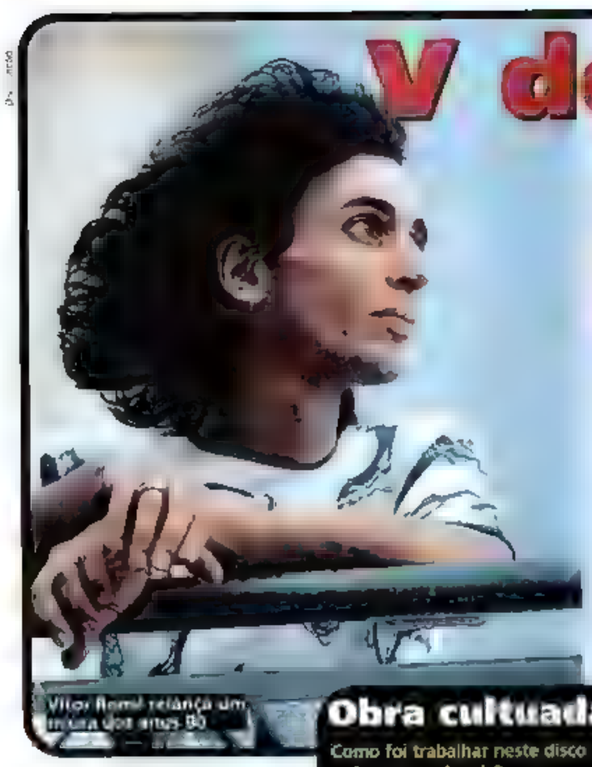
Este CD dá boas mostras do que vem acontecendo de novo no mundo dos solos e bandas independentes. Traz grupos ainda pouco conhecidos, porém muito bem falados na cena do chamado pós-hardcore internacional: Silver Scooter, Seven Storey Mountain, At The Drive In, Lanemever, Compound Red, Remington, Default, Ivet e Firesign.

Eles beberam nas mesmas fontes e têm referências que vão do pop rock mais simples ao recentemente batizado emocore, a vertente "mais emocional" do hardcore. Mas não se pode reduzir seus trabalhos a rótulos. Na faixa "Traffic", do Ivet, são percebidas influências do badalado Beck junto ao peso e à despretensão do grunge. "Regret Sets In", do Silver Scooter, tem uma alegria bem diversa.

Entre as quatro bandas que representam o Brasil, os destaques são o punk do Default ("Crystal River, Florida") e o peso incondicional do quarteto Echoplex (em "Blind Man See"). A presença nacional, aliás, mostra que nossos nomes têm sido observados com atenção e interesse no exterior.

César "Lost" Carpanez

V de viagem



Vitor Ramil relança um de seus LPs dos anos 80

VITOR RAMIL
A Paixão de V. Segundo Ele Próprio (7)
EmProArte

reedição

Quando lançou este LP, há quinze anos, Vitor já era um nome "das internas" da MPG – música popular gaúcha –, mas ainda era mais conhecido como o irmão mais novo e mais "cabeça" da dupla Kleiton & Kledir. Enquanto os manos falavam em "deu pra ti" e "trilegal", Vitor citava Augusto de Campos, Jorge Luis Borges e Euclides da Cunha.

Formatado como uma suíte, o disco traz "Semeadura", parceria com o hoje senador José Fogaça, mas se estrutura sobre muitas canções curtas, algumas com menos de 30 segundos. É algo mais elaborado do que se pode esperar de alguém que tinha 21 anos. À terra natal, Pelotas, Vitor dedica "Satolep", com o uso de uma gravação feita na rodoviária da cidade. Como um ciclo, o disco termina 22 faixas depois, com uma citação ferroviária, em "As Cores Viajam Na Porta De Um Trem".

Márcio Pinheiro

Obra cultuada em progresso

Como foi trabalhar neste disco quinze anos depois?
Vitor Ramil: Tive um caso complicado com este LP. Quando o gravei, em 1984, havia uma expectativa grande em torno do que eu iria fazer, principalmente depois de Gal Costa ter gravado "Estrela, Estrela". Acho que surpreendi muita gente e fui cercado por músicos muito competentes. Foi coragem e muita irresponsabilidade. Refazer um disco é muito mais difícil do que fazer um novo.

Por que você optou por este formato, com músicas curtas?
Era uma proposta minha, uma espécie de teste auto-imposto.

Você gostou do resultado final?
Tenho tendência a optar pelo fora do previsível, mas passei a gostar de músicas de que não gostava tanto. Não é um disco com tanta unidade quanto *Ramilonga (lançado em 1997)*, mas consegui interferir em coisas que tinham me desagradado na primeira versão.

PENÉLOPE
Mi Casa, Su Casa (8)
Chaos/Sony

Voz enjoada não tira brilho do pop baiano

Penélope é uma banda baiana quase de meninas (há dois garotos "infiltrados" no quinteto) mas nunca pense na dominante e chata axé music. Não, o rock'n'roll. As referências voluntárias de Penélope quase nunca vêm de muito longe, oscilando entre outros refúgios recentes de garotas, como Sex Beatles (muito presentes em "Jr."), P.U.S. e Pato Fu ou lá de fora, Luscious Jackson.

A banda soube se cercar de gente bacana e descompromet.da: Tom Capone e Antonio Midani na produção, Eumir Deodato no arranjo de cordas de "O Ponto", as programações de Carlos Trilha, uma revisão simples e direta de Tom Zé em "Namorinho De Portão" (gravada originalmente por Gal e Gil em 69), uma apropriação do "Telefone" de Júlio Barroso em "Monday". O resultado é quase um evento à parte a voz enjoada de Erika Martins (que pode e deve ser trabalhada daqui em diante). Há tempos nossa rock não soava tão moderno, nem o pop aparecia tão sabido.

Pedro Alexandre Sanches

ALICE IN CHAINS
Nothing Safe: The Best Of The Box (9)
Columbia/Sony

Coletânea com o fino do quarteto grunge

Ao contrário do Nirvana e do Soundgarden, o Alice In Chains não acabou. Enquanto o baixista Mike Inez toca com Ozzy e o baterista Sean Kinney acompanha a carreira solo do guitarrista Jerry Cantrell, os fãs podem se divertir com esta coletânea, tirada da recém-lançada caixa de CDs do grupo. Além da inédita "Get Born Again", o álbum traz como novidades a demo de "We Die Young", "Rooster" ao vivo e "What The Hell Have I", antes disponível apenas na trilha de *Last Action Hero*. No mais clássicos como "Them Bones", "Man In The Box" e "Would?" lembram que o grunge trouxe contribuições além das calças rasgadas e camisas de flanela.

Bernardo Araujo

FURSLIDE
Adventure (7)
Meanwhile/Virgin

Estréia promissora na trilha de PJ Harvey e Bjork

O trio nova-iorquino Furslide é o primeiro a ser lançado pelo selo Meanwhile..., do produtor Nelle Hooper. Depois de produzir U2, Madonna e Bjork Hooper investe num grupo de pop pesado. *Adventure* é a estréia da banda, que foi contratada após somente três meses ensaiando. Responsável pela maioria das composições, guitarra e vocais, Jennifer Turner analisa seus casos de amor nas letras do disco. Angustiado, dilacerado e rasgado, o barulho do Furslide lembra o que PJ Harvey produziu no auge de sua carreira. "Over My Head", "Shallow" e "Skinny Girl" fazem acreditar que eles têm futuro. Já as baladas devem agradar quem gosta de Alanis Morissette ("Hawaii" é candidata a hit). A dúvida fica se o belo corpinho nu no encarte é o da vocalista ou se rolou uma dublê.

Jose Flávio Júnior

MAX ROMEO
Open The Iron Gate (8)
Blood And Fire – IMPORTADO

Raridades de um craque do reggae

O cantor Max Romeo começa a ter seus discos relançados pelo selo Blood & Fire, de Mick Hucknall, vocalista do Simply Red. *Open The Iron Gate*, de 1978, pode não ter a força de *War Ina Babylon* (de 1976, produzido por Lee Perry e considerado um dos clássicos do reggae), mas traz boas pérolas da devoção rastafári. É o caso de "Every Man Ought To Know", listão de obrigações que o cantante nos empurra deliciosamente goela abaixo. Outras canções vêm com brilhantes versões dub, casos de "Revelation Time/Hammer And Sickle" e "Valley Of Jehosaphat/Version". Mas o melhor é a voz doce de Max Romeo, um dos talentos mais genuínos que a Jamaica produziu.

Sérgio Martins

VÁRIOS
Detroit Rock City (9)
Mercury/Universal

Inédita do Kiss mais rock sem frescuras dos anos 70

Gene Simmons, do Kiss, é o produtor deste filme, que conta a história de quatro jovens que se metem em confusões a caminho de um show da banda nos anos 70. A trilha é uma delícia, rock da época em versões originais e covers espertos. O Everclear trata com respeito o clássico do Thin Lizzy "The Boys Are Back In Town", e a própria banda aparece em "Jailbreak". Pantera e Marilyn Manson também lembram a infância, com versões para "Cat Scratch Fever" (o Ted Nugent) e "Highway To Hell", do AC/DC. O Kiss entra com três faixas: a que dá título ao filme, "Shout It Out Loud" e uma calorenta inédita, "Nothing Can Keep Me From You". Do bau ainda vem Sweet, Cheap Trick, David Bowie.

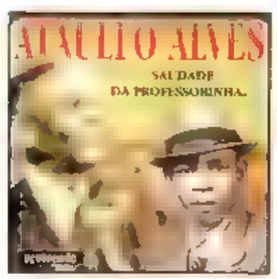
Bernardo Araujo

NU BEGINNINGS
Live At Bourbon Street Music Club (9)
Bourbon Street Music Club

Trio americano em clássicos soul gravados ao vivo

O trio vocal Nu Beginnings é de New Orleans, um lugar onde se respira boa música. Cantores afinados, Melaney Batiste, Erica Falls e Jabial Reed têm repertório formado por clássicos da soul music. Neste CD, gravado ao vivo na casa noturna Bourbon Street, em São Paulo, desfilam pérolas com uma classe impressionante. São interpretações arrasadoras para "Lovin' You" (Minnie Ripperton), "Killing Me Softly With His Song" (Roberta Flack, Fugees), "Baby Come Back" (Player) e "Stand By Me" (Ben E.King, John Lennon). O problema são o encarte e a contracapa do CD com nomes de músicas escritos errados e sem nada sobre os autores. Um discaço como este merecia tratamento melhor. Mas esqueça a embalagem e babe com o conteúdo.

Toninho Spessoto



ATAULFO ALVES
Saudade Da Professorinha (8)
Revivendo

Gigante da MPB em gravações quase novas

Este é o terceiro CD que a brava gravadora curitibana lança com fonogramas do grande Ataulfo Alves (1909-1969). A maioria dos registros é de 1955 e 1956, ele aparece cantando várias músicas que já havia gravado nos anos 40. A qualidade técnica é superior a das versões originais e a voz do compositor (que, segundo os padrões da época, deixava a desejar) está ótima até mesmo na gravação do sucesso "Laranja Madura", de 1966. O repertório inclui clássicos como "Meus Tempos De Infância" (a da "saudade da professorinha"), belezas pouco conhecidas — As Árvores Morrem De Pé" – e curiosidades. Uma delas: "Eu E O Meu Amor", tem música e versos constrangedores de um certo Vinicius De Moraes.

Pedro Só

ATARI TEENAGE RIOT
60 Second Wipe Out (6)
Warner – IMPORTADO

Porradaria eletrônica em pesadelo radical

Poucos sons são tão impermeáveis a não-iniciados como o Atari Teenage Riot, quarteto alemão criador de um clássico do barulho cibernético, *Burn, Berlin, Burn* [1997]. O conceito null stn continua coerente, bem como as letras anarco-socialistas, de cotar radicalzinhos como o Rage Against The Machine. A execução é que pega: pense em Alien Sex Fiend parindo Nine Inch Nails, guitarras alucinadas, drum machines anfetamínicas e toda a tecnologia disponível pra criar barulho. Até aí, tudo bem. Mas da metade do CD pra frente a coisa degenera de vez a desconstrução rítmica é infernal e a sensação é de acordar num filme de David Cronemberg lendo Kafka.

Carlos Eduardo Oliveira

BLACK SABBATH
Black Sabbath (10)
Paranoid (9)
Master Of Reality (9)
Black Sabbath Vol. 4 (8)
Sabbath Bloody Sabbath (10)
Sabotage (8)
Technical Ecstasy (6)
Never Say Die! (9)
Heaven And Hell (9)
Mob Rules (7)
Live Evil (6)
Born Again (7)
The Eternal Idol (5)
Castle/Abril

A gravadora Castle, dona, entre outras preciosidades, do catálogo do Black Sabbath, teve uma rápida passagem pelo Brasil, anos atrás, deixando um rastro de suspeita e um prejuízo ao Viper, que lançou um disco pela companhia e depois foi esado. Baixada a poeira, a Abril Music acaba de se associar à companhia inglesa e põe, de supetão, treze discos do Sabbath no mercado. Afora a coletânea *We Sold Our Soul To Rock 'N' Roll*, de 1976, estão no pacote os doze primeiros discos da banda, oito com Ozzy Osbourne nos vocais, três com Ronnie James Dio e um (o único) com Ian Gillan. Os cinco primeiros são de gritar de tão bons. Já na estréia, com *Black Sabbath*, o quarteto – completo, à época, por Toony Iommi na guitarra, Geezer Butler no baixo e Bill Ward na bateria – inventa a mistura de rock pesado e temática de horror que os consagraria. "Black Sabbath", "N.I.B." e "Behind The Wall Of Sleep" são canções de qualidade inacreditável para um primeiro disco. O nível é mantido – com ligeirissimas chuvas ou trovoadas – até o quinto disco, *Sabbath Bloody Sabbath*, de 1974. É a época de ouro do quarteto, que deu ao mundo clássicos do rock como "Paranoid", "War Pigs", "Children Of The Grave", "Changes", "Sabbath Bloody Sabbath" e muitos outros. O bicho começa a pegar no disco seguinte, *Sabotage*. A exigência de muitas composições em pouco tempo e a vida junkie detonam a qualidade do trabalho, que jamais teria a mesma consistência. É claro que Sabbath é Sabbath, e bons momentos estão por toda parte. A banda põe a cabeça fora d'água no último disco com Ozzy, *Never Say Die!*, de 1978, o melhor desde *Sabbath Bloody Sabbath*.

Fãs mais radicais acham que a banda acabou com a saída do cantor, mas não é bem assim. Ronnie James Dio entrou cheio de disposição e mostrou do que era capaz em *Heaven And Hell*, um álbum merecedor do nome Black Sabbath, com canções como "Neon Knights" e "Children Of The Sea". A bateria de Vinnie Appice é que, infelizmente, não chega aos pés do que fazia Bill Ward. Segue-se o mediano *The Mob Rules* – uma tentativa de repetir *Heaven And Hell* – e o fraquíssimo ao vivo *Live Evil*. Dio se vai e entra a fera Ian Gillan para um sopro de vida, *Born Again*. O que faz *The Eternal Idol* na coleção é um grande mistério.

Bernardo Araujo

E mais...

Surf music, trilhas de filmes, Jair Rodrigues, rock nacional e novas candidatas a musas pop

Disco	Quem?	Como?	Funciona?
BIG SURF HITS (Del-Fi/Abril)	Bandas de surf music populares nos anos 60, como The Lively Ones, The Impacts e Dave Myers & The Surftones.	Coletânea com hits do gênero, como "Wipe Out", "Surf Rider" e covers de "Green Onions" (Booker T.) e "Watermelon Man" (Herbie Hancock).	Sim, pois são gravações originais dos anos 60, auge da surf music gostosamente selvagem.
MARVIN IS 60 (Motown/Universal)	Erykah Badu, Brian McKnight, Montell Jordan, os irmãos El e Chico DeBarge e outros modernosos, recriando clássicos de Marvin Gaye.	Potardos de Marvin, como "Your Precious Love", "Mercy, Mercy Me", "What's Going On" e "Sexual Healing", são recriados.	Não. As performances vão do aceitável ao desastre, formando um painel um tanto indigesto. Na dúvida, fique com o Marvin original.
500 ANOS DE FOLIA (Trama)	Jair Rodrigues, completando 35 anos de carreira.	Em CD gravado ao vivo no Olympia (SP), onde interpreta sucessos como "Disparada", "Casa De Bamba", "O Conde" e "Carinhoso"	Sim, tem sucessos inesquecíveis. Ponto alto é a versão hip-hop para "Deixa Isso Pra Lá", tido como o primeiro rap brasileiro.
WILD SURF! (Del-Fe/Abril)	Algumas das maiores bandas de surf music dos anos 60, entre elas The Lively Ones, The Surfaris, The Impacts & The Sentinals.	Mais uma seleção de clássicos do gênero, incluindo "Wipe Out", "Misirlou", "Bullwinkle Part II", "The Pipe", "Big Surf" e "Surf Beat".	Principalmente para quem não tem discos de surf music. Serve como uma boa iniciação ao gênero.
TRILHA DO FILME *VAMOS MESSA* (Interscope/ Universal)	No Doubt, Natalie Imbruglia, Fatboy Slim, Eagle Eye-Cherry, Air, Leftfie d...	Natalie e No Doubt em inéditas, Eagle em remix, Steppenwolf e o hit disco "More More More" em versões assaltados... O filme se passa numa rave.	No Doubt, o duo francês Air e Fatboy, sim. Um certo Len canibaliza bem o hit disco "More More More". O resto requer aditivos...
JENNIFER PAIGE (Edel America/Abril)	Jennifer Paige, bonitinha americana na mesma praia de Britney Spears.	Em canções gostosamente pegajosas, como o hit dançante "Crush" e as românticas "Sobar" e "Get To Me"	Para fãs de divas como Whitney Houston e Mariah Carey, sim. Se você torce o nariz para elas, evite.
MUSIQUEIRO (STZ)	João Suplicy, irmão caçula de Supla.	Arriscando-se em composições próprias de múltipla personalidade, como as suingadas "Creuza" e "Suingueiro".	João é bom violonista e mexe com levadas funk, soul e samba-rock. Mas ainda está batendo na trave.
SHINY (Del-Fi/Abril)	Kari Wuhrer, atriz do filme *Anaconda* e da série de TV *Sliders* e apresentadora da MTV americana, estreando como cantora e compositora.	As canções "Normal" e "Little Birds" revelam influências de Alanis Morissette. Há uma cover de "Come And Get It", hit do Badfinger nos anos 70.	Dá para satisfazer alguns fãs de Alanis e de pop rock angustiadinho. Só alguns
SANGUE, OURO E PÓLVORA (Antídoto)	Tequila Baby, banda punk gaúcha.	Em seu segundo álbum, com um certo romantismo à Wander Wildner e um pouco mais pesado.	Em três faixas, o Tequila mostra que tem potencial para ser uma grande banda. Mas ainda falta melhorar o nível das composições.

REVISTA SHOWBIZZ
PARA ANUNCIAR AQUI LIGUE
TEL (011) 3037-6860
FAX (011) 3037-4909

Abril Music e Castle apresentam
O Melhor da Música Clássica

BLACK SABBATH

EMERSON, LAKE & PALMER

MOTORHEAD

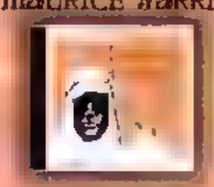
BRUCE DICKINSON

HELLOWEEN

MARILLION

URIAH HEEP

MAURICE JARRE



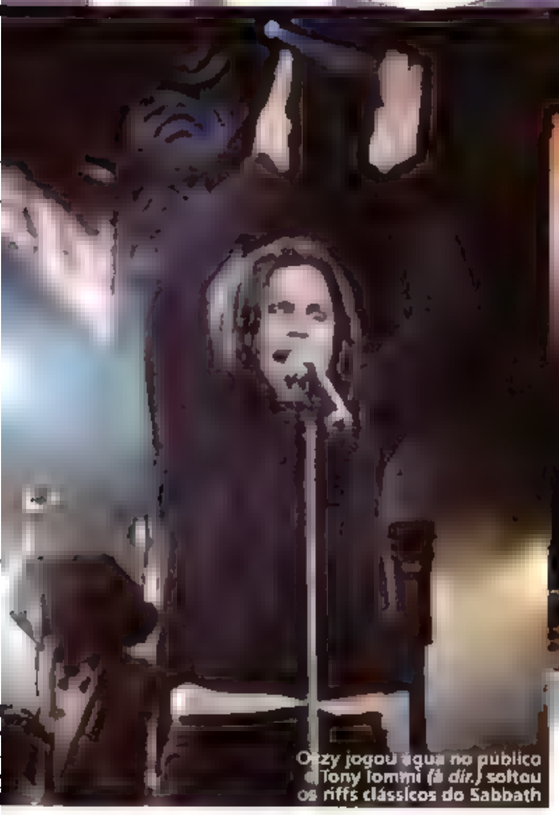
GARY NUMAN

Abril Music
A NOVA CARA DA MÚSICA

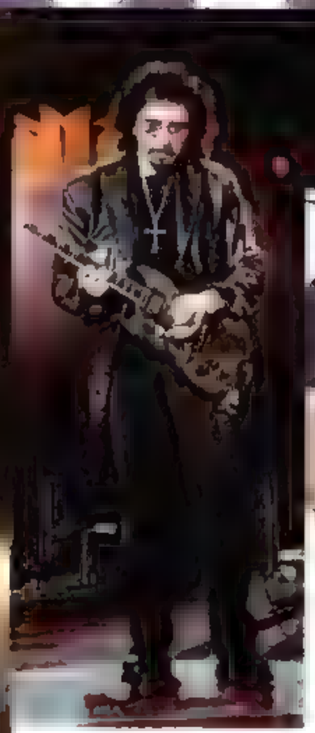
Todos os Grandes Clássicos do Rock Mundial em Versões Remasterizadas.

CASTLE

AoVivo



Ozzy jogou água no público. Tony Iommi *(à dir.)* soltou os riffs clássicos do Sabbath



Dino Cazares, guitarrista do Fear Factory: peso no segundo palco

O guitarrista Kerry King e o Slayer levaram os fãs do thrash ao delírio

O Primus, do baixista Les Claypool, arrebentou no funk progressivo

Sábado negro

Ozzfest

Blockbuster Pavilion (California), 24/7

Uma semana antes da Ozzfest, o festival feminino Lilith Fair – que já ganhou o apelido maldoso de "Lesbo Fair", ou Feira Lesbo –, badalado pela MTV e pelas rádios americanas, alcançava um público de 25 mil pessoas em Los Angeles. A caravana dos horrores inventada por Ozzy e sua mulher, Sharon Osbourne, praticamente ignorada pela grande mídia, levou 50 mil fãs para um estádio a mais de uma hora da cidade, comprovando mais uma prova da força do rock pesado. Essa data (supostamente) marcou a despedida do Black Sabbath de palcos norte-americanos, visto que cada integrante continuará em carreira solo. Mas o quarteto já disse tantas vezes que abandonará a carreira que ninguém acredita mais. De confirmado, por enquanto apenas alguns shows na Inglaterra. A banda pretende encerrar suas atividades em Birmingham, cidade em que foi fundada.

Seja como for, os pais do heavy metal fizeram jus a sua reputação, finalizando sob o luar as 12 horas de duração do festival. Poucos grupos das antigas conseguem transmitir tanta energia ao vivo. O vocalista Ozzy Osbourne pulou como um sapo e atirou baldes d'água no público. O baixista Geezer Butler bateu cabeça sem parar e o baterista Bill Ward esmurrou sua bateria com a mesma força de três décadas atrás, ignorando os recentes problemas cardíacos que levaram a produção a escalar outro baterra, Vinny Appice, a acompanhar a turnê como regra três. O guitarrista Tony Iommi moveu-se pouco, como é sua tradição, e se concentrou em mostrar aos jovens como se faz rock pesado com seis cordas.

Os fãs não pareceram cansados mesmo após enfrentar um dia inteiro de calor infernal. Pularam, berraram e emocionaram-se com "War Pigs", "Children Of The Grave", "Iron Man", "Fairies Wear Boots" e diversos outros clássicos. O show foi puramente de canções antigas. Nem as duas músicas recentes do disco "Reunion" entraram. "Se vocês enlouquecerem ainda mais, vamos tocar outra", berrou Ozzy antes do bis, que contou com nada menos do que "Paranoid". A despedida apoteótica com fogos de artifício deixou saudades e comprovou ao público a supremacia eterna do Black Sabbath.

Cantando antes dos ingleses, Rob Zombie mandou um recado "dedicado ao público – "Que o Woodstock vai se f***!" – ironizando o festival que rolava no mesmo dia na costa leste americana e que acabou mal, ao contrário da Ozzfest. Com explosões, luzes fortíssimas e um palco cheio de caveiras, o show do ex-líder do White Zombie fez a inveja até do Kiss. Maquiado como um monstro, o barbudão não parou de correr e enlouqueceu a multidão com mostras de seu disco solo, incluindo "Superbeast", "Dragula" e "Living Dead Girl", além de clássicos do White Zombie, como "More Human Than Human" e "Thunderkiss '69" – esta com a participação do guitarrista Kerry King, do Slayer.

Surpreendentemente, o Deftones, revelação da nova liga metálica americana – foi a antepenúltima banda a tocar no fim de tarde, depois do Slayer. A vantagem da presença desse quinteto californiano foi trazer um público mais jovem ao festival. As levadas arrastadas das canções do grupo e os berros animalescos do vocalista Chino Moreno tremoram o concreto do estádio e ganharam respeito também dos fãs do velho metal. Mas nada se compara à fúria do Slayer – junto com o Black Sabbath, o grupo mais assassinado do dia. Bastou soar a batida introdutória da clássica "Raining Blood" para as caderas nas fileiras próximas ao palco começarem a voar. Os mestres do thrash metal americano bateram cabeça de acordo com a velha tradição e tocaram músicas de todas as suas fases, incluindo "Chemical Warfare", "Mandatory Suicide" e "Bitter Peace". O baixista e vocalista Tom Araya brincou com o público fazendo uma [illegible] a próxima [illegible] dedicada às garotas presentes" – ao introduzir "Dead Skin Mask", cuja letra [illegible] Edward Gein, que fazia máscaras com a pele das mulheres que executava ou desenterrava e roubava.

Os dois grupos no palco principal também mandaram bem. Liderado pelo baixista e vocalista Les Claypool, o californiano Primus fez o público pular com os ritmos quebrados e pulsantes de canções como "Too Many Puppies". O Godsmack, outra revelação do novo metal americano, não andou bem nos vocais melancólicos e nas guitarras em afinação baixa, tal como uma versão mais porrada do Alice In Chains. Não é por coincidência que o nome do grupo é também nome de uma canção de Layne Staley e companhia.

No palco lateral, os destaques ficaram para o Puya, um quarteto porto-riquenho que mistura salsa e heavy metal, e o Slipknot, grupo de nove músicos mascarados vestidos de macacões vermelhos que mistura death metal, psicodelia e hip-hop. O Fear Factory, atração principal do segundo palco, abusou dos vocais berrados, das guitarras saturadas e dos barulhos eletrônicos num show agitadíssimo, provando por que vem conquistando tantos americanos e europeus com seu metal industrial.

Daniel Oliveira

Mesmo com a interrupção da polícia, o De La Soul pôde mostrar o que sabe

Os Jungle Brothers tocaram house e drum'n'bass e não agradaram

Grandmaster Flash empolgou; Nelson Triunfo (à esq.) deu show dançando ao som do DJ Hum

Muito além do discurso

Festival DuLôco

Sesc Belenzinho e Sesc Itaquera (São Paulo), 6, 7 e 8/8

Afrika Bambaataa já esteve no Brasil duas vezes este ano, pilotando as carrapetas

Com o fascínio da mídia pela mensagem – e só a mensagem – dos Racionais MCs, pouco tem sido divulgado sobre o hip-hop em si. Menos mau que surgiu um evento para comprovar a vitalidade do movimento na cidade e difundir termos como grafite, beat box e freestyle.

Foram três dias de demonstrações de grafiteiros, batalhas de *b.boys* (os dançarinos de break) disputando uma vaga para representar o país num encontro mundial na Alemanha, uma oficina de DJs com KL, dos Racionais, exibições de freestyle (rap improvisado) e muito, mas muito bom rap nacional e gringo.

Na sexta-feira, depois de uma palestra com os pioneiros DJs novaiorquinos Afrika Bambaataa e Grandmaster Scratch Flash, a noite foi de experimentalismo. A ausência de figuras carimbadas e – talvez – o expediente matutino do sábado afastaram o público hip-hop. Quem tomou a área aberta do Sesc Belenzinho foram jovens das classes A e B encantados com drum'n'bass e derivados do rap. O rapper carioca Black Alien abriu o show com versões em ritmo acelerado de canções de reggamuffin (o rap à jamaicana). Depois foi a vez do local Nitro, que alardeou com batidas de raiz e o habilidoso MC Paulo Napoli.

Na sequência, vieram os importados. Comunhão já meio passado, teve alguma dificuldade com os toca-discos e acabou entregando o espetáculo para seus MCs, mas não conseguiu entusiasmar. Passou a bola para o DJ, poeta e intelectual Spooky, que apresentou suas ideias de hip-hop fim de século, ainda pouco digeríveis para a maioria dos presentes. O frio da madrugada e a falta de interação com o público contribuíram para que a noite acabasse melancolicamente.

Sábado, o Consequência, do freestyler paulistano Kamau, abriu para o agitadíssimo grupo americano De La Soul, que fez um dos melhores shows de rap já vistos em São Paulo. A noite, no Belenzinho, Grandmaster Flash animou o público, bem mais numeroso que na sexta, com uma discotocagem simples, mas sincera, acompanhada por *b.boys* puxados da platéia. Em seguida, Thaíde e DJ Hum mandaram uma seqüência de hits matadores, de "Corpo Fechado" a "Senhor Tempo Bom". No palco, dançando, a lendária Funk & Cia de Nelson Triunfo, e o arquivo vivo do rap brazuca, Nino Brown.

Fechando a madrugada, Afrika Bambaataa e os MCs da Soul Sonic Force puseram a platéia para dançar com seu eletrofunk (precursor do miami bass amado pela massa do Rio) só explorando quando quis fazer moral com os paulistanos tocando trechos de funks cariocas. Fingia-se que quem pensava que "Planet Rock", seu grande sucesso, seria o ponto alto da noite. Roubou, a cena a sessão de freestyle com Marcelo D2 e integrantes da Academia, Sileira de Rimas, grupamento de MCs que inclui Thaíde, Kamau, Paulo Napoli, Akuntech (Alphabitos), Max (Carte) SP, Marechal (de Niterói), Fresh (SP Funk) além do DJ Jam Jam. Guarde esses nomes.

No domingo, em Itaquera, Xis (ex-DMN) e Dentinho abriram para o repertório de um afônico Afrika Bambaataa. A melhor atração dos três dias, porém, foi vista por menos de 200 pessoas no Sesc Belenzinho, uma batalha de MCs. O microfone estava aberto para a platéia, mas poucos se atreveram a enfrentar o pessoal da Academia. Gustavo Black Alien, Rashid, do Pavilhão 9, e o impressionante JL, do Território Negro, de Diadema, foram alguns dos que se arriscaram a tomar os versos reservados a quem não segurava o anonimato.

A noite do Zafrica Brasil (contratado do selo de rap da Sony, Black Groove) usou alguns artifícios pouco usuais no rap paulistano, como *beat box* e gaita de boca, e mostrou potencial para estourar.

Em seguida, Mente Zulu, do veterano Rappin Hood, aliviou o público depois de uma série de MCs na pior escola lacrar de joquei. Com estilo sossegado, o grupo levantou o público com o refrão de "Sou negrão, hey! Sou negrão, hey!".

A opção dos renomados Jungle Brothers por batidas house e drum'n'bass desanimou o público. Depois de algum suspense, veio o De La Soul. Começando devagar, o grupo disparou hits como "A Roller Skating Jam Named Saturdays" e "Me, Myself and I". De repente, pouca! Sim, apesar da paz reinante, às 23h15, os homens da lei acabaram com a festa: a fiscalização municipal registrara decibéis além do permitido. Mas tudo bem, a organização prometeu: tem mais no ano que vem.

Spensy Pimentel

Yuri, do Radikal Repz, agitou a noitada carioca

Cena animada

Hip-Hop Pelo Rio

Arcos da Lapa (Rio), 24/7

O hip-hop carioca tem personalidade. Foi isso que mais de 10 mil pessoas comprovaram no show de lançamento da coletânea *Hip-Hop Pelo Rio*. Por mais de dez horas se apresentaram grupos que participaram do disco – Ryo Radikal Repz, Manifesto 021 e Tito – e gente consagrada, como Thaíde & DJ Hum e D2.

Não chega a ser uma cena amadurecida, há sempre discursos gastos ou politicamente corretos demais, mas abriga muita gente de futuro. Manifesto 021 mostrou consistência na parte musical, jam anos 70. Tito, que acompanhava Gabriel O Pensador, revelou a própria cara com letras elaboradas. O Ryo Radikal Repz, de Yuri, mentor da coletânea, agitou a massa. O Afro-Reggae de Vigário Geral misturou rap com percussão, capoeira, malabarismo e dança.

As 3 e meia da manhã, Thaíde e DJ Hum entraram para matar a saudade dos cariocas. Com D2, eles emocionaram levando "Eu Tive Um Sonho". Antes, Marcelo já tinha protagonizado com B Negão e Black Alien o outro grande momento, com a mistura de samba e hip-hop.

A festa incluiu os candangos Gog – com Jono Black, rapper de voz cavernosa classe A e referências antigangsta ("dispense o cano e pegue o livro") – e Câmbio Negro, que fechou a noite. As 5 da madrugada todo mundo estava indo, mas não para casa. O destino era a Zoeira, festa de hip-hop do outro lado dos Arcos, com microfone aberto. Turma animada essa.

Daniela Dacorso e Giovana Hallack

A primeira vez aos 50

Djavan
Teatro João Caetano (Rio) 17/7

Além de gravar 23 músicas ao vivo, Djavan foi para o estúdio registrar três inéditas

Sucesso no Brasil e no exterior com diversas músicas no inconsciente coletivo do povo, faltava algo à biografia musical de Djavan. Em 25 anos de carreira – que serão comemorados em fevereiro do ano que vem –, o enxuto alagoano de 50 anos jamais havia gravado um disco ao vivo. "Eu adoro ouvir os shows dos outros, mas sempre tive receio de gravar o meu, até porque adoro o estúdio, a fase de arranjos, criação", confessa ele. Mas como a data é redonda e as condições dadas pela gravadora eram ideais, Djavan reuniu os músicos da turnê *Bicho Solto XIII* do ano passado, no Teatro João Caetano, centro do Rio (onde Titãs e Rita Lee gravaram seus CDs acústicos) e mandou, em três noites, 22 de seus sucessos do "Flor-De-Lis", gravado em 1976, a "A Carta", do ano passado. Não sem antes quebrar a cabeça com seu esporte favorito, que consiste em rearranjar canções. Todas.

Passada a meia hora de tolerância – com direito à tradicional campainha de teatro –, as luzes se acendem e o guitarrista Max Vianna (sim, filho do cantor e revelação do instrumento) lidera o sumigue. Com a voz ainda fria, Djavan entra sem violão e manda "Samurai", já para levantar a galera. Uma surpresa para quem está acostumado a vê-lo preso ao binômio instrumento-pedestal. Djavan lembra os velhos tempos na noite carioca e comanda o baile requebrando como *crooner* de resposta que é. A trilogia inicial tem ainda "Azul" e "Meu Bem Querer" (uma das favoritas do público, que se esgoela em "meeeeeeu encanto..."), antes de "Nem Um Dia", de 1996 e igualmente conhecida de todos. Já com a garganta no ponto, o cantor se esbalda no *scat* (aqueles "du-bi-du-bi-du" típicos de cantores de jazz), enquanto divide o sofisticado arranjo com Max e o outro guitarrista, João Castilho. Na banda, aliás, sobra competência, com destaque para o veterano baterista Carlos Bala que justifica o sobrenome. Seguem-se sucessos como "Oceano", "Açaí", "Flor-De-Lis" e "Esquinas", em que se forma o tradicional coral dos discos ao vivo.

À medida que o espetáculo vai progredindo – e Djavan ouvindo gritos de "gostoso", "tesão" e "absoluto" –, o público vai se soltando, até um mar de gente deixar as cadeiras e ocupar a frente do palco, para dolírio do cantor e banda. Um arranjo de *big band* e muitas vozes marca o final do espetáculo e a turma sai toda feliz. Pela ótima apresentação e pelo disco que poderá comprar em breve.

Bernardo Araujo

"Um trabalho desgraçado"

Como é gravar o primeiro disco ao vivo?
Djavan: Estou muito feliz, mas é um trabalho desgraçado. Principalmente porque estou rearranjando as músicas todas. É muito mais difícil modificar uma canção antiga principalmente um sucesso, que não pode perder a identidade – do que uma nova. E esse show é composto basicamente de sucessos. Mas estou me divertindo muito nos ensaios, e gostei do que já ouvi.

O disco terá alguma música inédita?
Sim. Depois da gravação dos shows vamos para o estúdio, onde ficaremos cinco semanas mixando o disco e gravando três ou quatro músicas novas. Será um CD duplo.

Por que gravar no João Caetano?
Não sei bem. Acho que o teatro tem uma tradição de discos ao vivo, uma história de que a acústica lá é ótima, sei lá. Mas é legal que a gravação seja no Centro (do Rio) e com ingressos a R$ 5 e R$ 10, assim todo mundo pode ir.

Além do disco ao vivo, o que mais você pretende fazer pela primeira vez?
Existem vários projetos. Um é o disco de voz e violão, que até hoje não fiz porque sou viciado em estúdio, arranjo, mixagem. Outro é um álbum de intérprete. Gosto de cantar músicas dos outros, mas sempre me vem aquela ideia de estar fazendo algo pela metade. Vou vencer essa bestera. Também pretendo gravar um disco com meus filhos, o Max, a Flávia (*Virgínia, cantora e pianista*) e o João (*baterista, atualmente na banda de Cássia Eller*). Só nos falta um baixista.

Stipe, do R.E.M., foi uma presença hipnótica; Brett Anderson *(abaixo)*, do Suede, também brilhou

Firme e forte no palco

R.E.M., Suede e Wilco
Dall'ara (Bolonha, Itália) 11/7

Desconhecido da grande maioria do público, o grupo americano Wilco foi acompanhado por apenas 5% dos presentes. Rouco, o vocalista Jeff Tweedy foi logo explicando: "Nunca tocamos na Itália antes. Espero que da próxima vez eu esteja me sentindo melhor". Depois de cinco músicas, deixou o palco, abatido. Os outros músicos ficaram esperando que voltasse, mas nada. Uma pena.

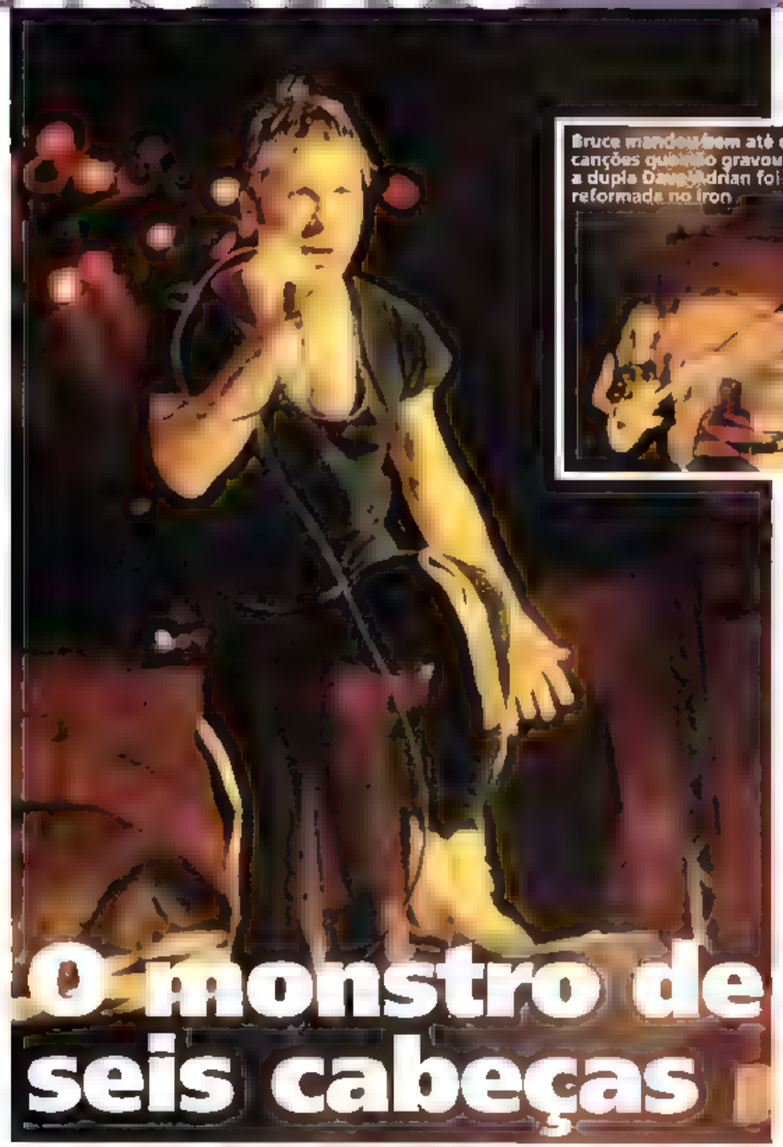
Os ingleses do Suede, por sua vez, apareceram em ótima forma. O vocalista Brett Anderson pula, grita, muda letras, faz tudo que se espera de um *frontman*. A base do show é o novo álbum, *Head Music*, no qual Brett se contenta em repetir algumas de suas palavras favoritas: *she, fucking, gone, uh-uuuuh-uh, cigarette* e *yeah, yeah*. Para os fãs da época do guitarrista Bernard Butler, hoje em carreira solo, três consolos: "Metal Mickey", "The Wild Ones" e "Animal Nitrate". Um bom aquecimento.

Enquanto os acordes de "Airport" anunciavam a noite, o R.E.M. entra "Lotus" e "What's The Frequency Kenneth?". As primeiras músicas já dão a medida da força da banda ao vivo. A multidão pula e canta junto. Os únicos momentos de calma acontecem durante "The Great Beyond", balada que fará parte da trilha (toda composta pelo R.E.M.) de um filme sobre a vida do comediante americano Andy Kaufman.

Mexendo braços, pernas e cabeça com desenvoltura, o cantor é uma presença hipnótica no palco. Difícil prestar atenção nos outros integrantes. Vestindo um bizarro terno de lantejoulas azul, o baixista Mike Mills até tenta aparecer provocando a platéia com a velha bobagem: "Quem veio de Roma? E de Milão?" Já Peter Buck se contenta em tocar sua guitarra, murmurando apenas um "yeah, yeah" antes de "Man On The Moon" (feita para Andy Kaufman).

Ao todo são 25 músicas, a maioria do recente *Up* (oito) e do maravilhoso *Automatic For The People* (quatro). Das mais antigas, apenas "Pilgrimage" e "Gardening At Night". Para terminar, "It's The End Of The World As We Know It (And I Feel Fine)" ("é o fim do mundo como o conhecemos e eu me sinto bem"), deixando um sorriso em 27 mil pessoas que sabiam que aquela poderia ser a última vez que viam esta grande banda.

Juliano Zappia



O monstro de seis cabeças

Bruce mandou bem até em canções que não gravou, e a dupla Dave/Adrian foi reformada no Iron

Iron Maiden, Monster Magnet, Soulfly

Greek Theater (Los Angeles), 30/7

"Há dois tipos de bandas de rock'n'roll: as reais e as porcarias. Sabemos bem em que lado estamos. Vida longa ao heavy metal!" bradou o vocalista Bruce Dickinson para 6,5 mil fãs enlouquecidos pelo retorno do Iron Maiden. Los Angeles nunca viu tanto entusiasmo num show de metal. E não havia como ser diferente. Com sua formação clássica – Bruce, Dave Murray (guitarra), Adrian Smith (guitarra), Steve Harris (baixo) e Nicko McBrain (bateria) – acentuando o peso ao manter o guitarrista Janick Gers, o Iron Maiden explorou todas as características de um grande show de rock: explosões, luzes, panos de fundo, plataformas e coros com o público nas músicas mais queridas.

"Aces High", "The Trooper", "Phantom Of The Opera", "The Number Of The Beast" e outros hinos do heavy metal dominaram os presentes, que cantaram em uníssono durante quase todo o show. O

ensolarado Marcelo Zuma, de 30 anos, adicionou: "Bom pra c***! A banda tocou melhor que até no primeiro Rock In Rio". O ataque triplo de seis cordas sobressaiu em meio à competência geral em canções como "The Trooper", enquanto Dave segurava a base galopada, Adrian e Janick tocaram simultaneamente o mesmo riff com aquele arranjo para duas guitarras típico da banda. Infelizmente, Dave caiu dos ombros de Bruce no final do show, quebrando um dedo da mão esquerda e obrigando o grupo a cancelar duas datas da turnê americana.

O Iron Maiden esbanjou um show puramente nostálgico ao tocar três músicas da fase do vocalista Blaze Bayley – "Man On The Edge", "Futureal" (esta com a aparição do monstro-mascote Eddie) e "The Clansman". Vale lembrar que o repertório do show – tirado do CD que acompanha o jogo *Ed Hunter* – foi escolhido pelos fãs da banda via Internet. Contudo, o público curtiu mesmo o repertório antigo. "Bruce cantou bem as músicas de Blaze, mas seria melhor ouvir 'Flight Of Icarus' e 'Where Eagles Dare' do que 'Man On The Edge' e 'Futureal'", reclamou o suíço Chris Leibundgut, de 32 anos.

A abertura ficou por conta do Soulfly e do Monster Magnet. Liderado pelo guitarrista e vocalista Dave Wyndorf, o segundo é um Black Sabbath de décima categoria, cheio de canções monótonas e barulhentas, que levou vaias. O guitarrista e vocalista Max Cavalera, por outro lado, se deu melhor com o metal pesado e experimental do Soulfly. "F***-se as bandas na MTV! O heavy metal é que é um estilo real de música", falou no microfone, cheio de atitude e de sotaque.

Daniel Oliveira

Canibal, do Devotos, rege a massa na Antiga Rua 20 do Alto José do Pinho

Um morro do c***

Bandas da coletânea Alto Falante

Alto José do Pinho, Recife (PE) 31/7

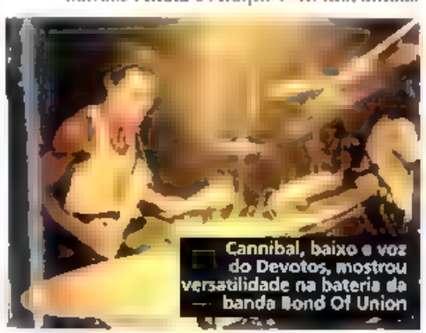
Conhecida no passado pela violência, a comunidade do Alto José do Pinho (Zona Norte de Recife) é hoje um pólo cultural. Reflexo dessa transformação, a coletânea *Alto Falante*, idealizada por Canibal, vocalista do Devotos, dá a quatro bandas do Alto e duas de Peixinhos (bairro de Olinda) a chance de divulgar seus trabalhos, trazendo também duas faixas-bônus do Devotos e duas do Faces Do Suburbio. Para o momento, o projeto pretende disponibilizar dois estúdios de ensaio e gravação de CDs-demo.

O show de lançamento do disco (os interessados em comprá-lo podem ligar para 0 81 268[illegible]4) reuniu as bandas Atuia e Ataque Sonoro, ambas de Peixinhos, mas com estilos bem distintos. A primeira faz um som à Legião e o vocalista Dadado Sá, que canta como se estivesse pregando, conseguiu converter a guns fãs. Ataque Sonoro já abriu a noite para o hardcore e o discurso social, tradição da periferia. "Esta é para os líderes dos movimentos estudantis, que roubam nas carteiras de estudante", dedicou o vocalista Mauricio.

Naruca Papaia veio com reggae de raiz, ska e um protesto do cantor André Dark contra as empresas de ônibus. O Via Sul (*que não é do Alto José do Pinho*) fez uma participação rápida, mas direto e reto. Tocou os hits locais "Daruê Groove", "Zambo Jungle" e "Lamunibal", agradeceu e deixou o público envenenado.

O B.U. (Bond Of Union) trouxe uma formação mista: Cello, baterista do Devotos, no vocal, e Canibal na bateria, segurando os hardcores. A Ostenta foi outra banda a mostrar influências da Legião, com duas músicas, conhecidas da galera, "A Roiva Seca" e "Você Só Tem Um Na Vida".

Matalanamão entrou com a promessa de tocar 22 músicas em 40 minutos. "Vamos conseguir, no Abril Pro Rock tocamos dezoito em 25 minutos", previu o vocalista Adilson Ronrona, vestido de homem da caverna. O grupo detonou seu hardcore sexual – "A Priminha", "Amor à Prova" e "Os Peitinhos" – com direito a dançarina e strip-tease de Adilson, que acabou de cueca, mas não conseguiu



Cannibal, baixo e voz do Devotos, mostrou versatilidade na bateria da banda Bond Of Union

Matalanamão: dançarina e vocalista de

cumprir a promessa cumprida. Foi o show mais eletrizante até ali.

Depois veio o clássico do Alto José do Pinho: Devotos! Canibal, com moral de vereador que tapou os esgotos, puxou o hino: "Punk rock hardcore/ Você sabe onde é que faz?!/ Lá no Alto José do Pinho..." E as 4 mil pessoas: "E do c...!". Eu Tenho Pressa, Futuro Inseguro" e "Mas Eu Insisto" do primeiro disco, criaram várias rodas de pogo no meio da multidão: quem não entrava se espremia entre as paredes e as cotoveladas. O repertório incluiu também as novas "Meu País Alheio" (dedicada aos prisioneiros da ditadura) e "O Horói", inspirada no policial Rambo, de Diadema (SP).

No meio do show, uma intervenção de peso: a Nação Zumbi, tocando "Da Lama Ao Caos" e "Mangueltown". "O subúrbio tem que falar ALTO sempre", gritou Jorge Du Peixe, fazendo o trocadilho. Nação e Devotos, invocando o padrinho Chico Science, proporcionaram os melhores momentos da noite, que terminou em animada jam. A galera mandou brasa e o projeto Alto Falante reverberou mais alto: o morro estava abençoado.

Melina Hickson

Roqueiro bom é roqueiro morto?

No mundo pop é assim: bateu as botas, virou mito. Confira o quanto você sabe sobre a legião de ídolos que foi fazer barulho no além

1 Encontrado morto em um quarto de hotel em Paris, em 1971, o líder dos Doors, Jim Morrison, foi enterrado por lá mesmo. Quase trinta anos depois, querem despejar o corpo. Por quê?
a) Porque a família não terminou de pagar as prestações.
b) Porque os fãs da banda emporcalham o lugar com pichações, comida, e sabe-Deus-o-quê-mais.
c) Porque os fãs picharam tudo com a letra de "The End". E os filhos da dona cujo túmulo amanheceu com "mother, I want to f... you" criaram o maior caso.
d) Porque o Hard Rock Café está oferecendo uma baba para levar o corpo, e o cemitério precisa de um reforço de caixa.

2 Como foi a morte da obesa Mama Cass, dos Mamas & Papas?
a) Caiu nos trilhos do metrô e ninguém conseguiu levantá-la antes da chegada do trem.
b) O bote em que passeava em um fim de semana virou com o seu peso e ela se afogou.
c) Quebrou a bacia com o peso do corpo e teve hemorragia.
d) Entalou um sanduíche na garganta e morreu engasgada.

3 Qual foi o "Dia em que a música morreu"?
a) A morte de Karen Carpenter, por anorexia, em 1983.
b) O acidente de avião que, de uma vez só, levou Buddy Holly, Ritchie Valens e o D. Big Bopper, ídolos do rock em 1959.
c) O avião que caiu com três músicos do Lynyrd Skynyrd, em 1977.
d) O lançamento do primeiro single de Vanilla Ice, em 1991.

4 O baixista Cliff Burton, do Metallica, morreu em 1986, em um acidente de ônibus. Que homenagem ele recebeu?
a) O grupo lançou o vídeo *Cliff'Em All*, um apanhado de gravações piratas de shows com sua presença.
b) O grupo lançou um álbum solo do baixista, *hangin' On The Edge Of A Cliff*, engavetado há três anos.
c) Metade dos royalties do primeiro álbum sem ele, *...And Justice For All*, foi destinada à sua família.
d) O baixista Jason Newsted teve que pedir perdão em todos os shows da primeira turnê.

5 Trinta anos após a morte do Rolling Stone Brian Jones (3 de julho de 1969), uma ex-namorada do guitarrista acaba de divulgar a tese de que ele teria sido assassinado por um empregado com quem brigou por causa de dinheiro. Qual a versão oficial?
a) Dias depois de gravar "Sympathy For The Devil", Jones teve uma repentina e até hoje inexplicada parada cardíaca.
b) Dias após romper com a moça, ele foi encontrado morto em meio a frascos de tranquilizante.
c) Ele foi achado boiando em sua piscina. Suspeita-se que tenha ido nadar bêbado e/ou drogado.
d) Um ano depois de se desligar do mundo, o vegetal murchou de vez. De saco cheio do ex-colega, os Stones fizeram "Let It Bleed".

6 Asfixia por vômito foi uma forma muito popular de morrer nos anos 60/70. Além de Jimi Hendrix, quem mais foi encontrar São Pedro com a boca fedendo?
a) Janis Joplin e Syd Barrett.
b) Alvin Lee (Ten Years After) e Tommy Bolin (Deep Purple).
c) Dick Head (Wormhead) e Debbie Lloyd (Soft Brains).
d) John Bonham (Led Zeppelin) e Bon Scott (AC/DC).

7 Para alguns fãs, o suicídio de Kurt Cobain, em 1994, foi, na verdade, um assassinato encomendado por Courtney Love. Um dos indícios mais fortes seria:
a) Uma caixa de balas teria sido encontrada nas gavetas de Love.
b) Dias antes do suicídio, Courtney teria convencido Kurt a passar à casa em que viviam para o nome dela.
c) Pela quantidade de drogas encontrada no sangue de Kurt, ele não teria conseguido carregar a arma e atirar na cabeça.
d) Ao chegar de uma turnê, Kurt desabafou: "Tô morto!" Courtney, distraída, respondeu: "Ahn? É amanhã! Não, não, nada, nada..."

PONTUAÇÃO

De 0 a 2 respostas certas: *Livin La Vida Loca* – A morte não ocupa nem um pouco os seus pensamentos, você não sabe nem que drogas matavam. Deve estar ouvindo muito Ricky Martin.

Entre 3 e 5 respostas certas: *Die, Die, My Darling* – A palavra overdose já faz parte de seu vocabulário, mas seu conhecimento mórbido ainda pode melhorar. Compre uns discos de black metal e comece a pintar a cara como Marilyn Manson.

Entre 6 e 7 respostas certas: *Joãozinho Podre* – Bem informado não, seu caso é de necrofilia em último grau! Jogue fora agora aquele pedaço dos miolos de Kurt Cobain que você roubou em Seattle! E pare de tomar champanhe a cada *waiter* que morre!

Respostas: 1-B, 2-D, 3-B, 4-A, 5-C, 6-D, 7-C

"Beautiful Stranger"

(Madonna/William Orbit)

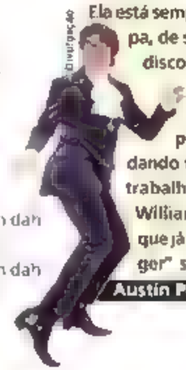
Haven't we met
You're some kind of beautiful stranger
You could be good for me
I have a taste for danger
If I'm smart then I'll run away
But I'm not so I guess I'll stay
Heaven forbid
I take my chance on a beautiful stranger
I looked into your eyes
And my world came tumbling down
You're the devil in disguise
That's why I'm singing this song
To know you is to love you
You're everywhere I go
And everybody knows
To love you is to be part of you
I pay for you with tears
And swallow all my pride
dah dah dah dah dah dah dah dah dah dah
Beautiful stranger
dah dah dah dah dah dah dah dah dah dah
Beautiful stranger
If I'm smart then I'll run away
But I'm not so I guess I'll stay
Haven't you heard
I fell in love with a beautiful stranger
I looked into your face
My heart was dancing all over the place
I'd like to change your point of view
If I could just forget about you
To know you is to love you
You're everywhere I go
And everybody knows
I looked into your eyes
And my world came tumbling down
You're the devil in disguise
That's why I'm singing this song to you
To know you is to love you
You're everywhere I go
And everybody knows
I pay for you with tears
And swallow all my pride
dah dah dah dah dah dah dah dah dah dah
Beautiful stranger
dah dah dah dah dah dah dah dah dah dah
Beautiful stranger

Música de [illegible] embala as aventuras de Austin Powers

"Belo desconhecido"

Não já nos conhecemos
Você é um tipo de belo desconhecido
Você poderia ser [illegible]
Eu tenho gosto [illegible]
Se eu for mais esperto [illegible]
Mas eu não sou [illegible]
Deus não permita
Que eu me arrisque com um belo desconhecido
Eu olhei dentro de seus olhos
E meu mundo desabou
Você é o diabo disfarçado
Por isso estou cantando esta canção
Quem te conhece [illegible]
Você está em todo [illegible]
E todo mundo sabe
Que te amar é ser parte de você
Eu pago por você com minhas lágrimas
E engulo todo meu orgulho
dah dah dah dah dah dah dah dah dah dah
Belo desconhecido
dah dah dah dah dah dah dah dah dah dah
Belo desconhecido
Se eu for mais esperta, fugirei
Mas eu não sou, então acho que vou ficar
Você [illegible]?
Eu me apaixonei por um belo desconhecido
Eu olhei para seu rosto
Meu coração batia por toda a parte
Eu gostaria de mudar o seu ponto de vista
Se pelo menos eu conseguisse esquecer você
Quem te conhece, te ama
Você está em todo lugar que eu vou
E todo mundo sabe
Eu olhei dentro de seus olhos
E meu mundo desabou
Você é o diabo disfarçado
Por isso estou cantando esta canção
Ter conhecer é te amar
Você está em todo lugar que eu vou
E todo mundo sabe
Eu passo por você com minhas lágrimas
E engulo meu orgulho
dah dah dah dah dah dah dah dah dah dah
Belo desconhecido
dah dah dah dah dah dah dah dah dah dah
Belo desconhecido

A espiã que ele carcava



Ela está sempre mudando – de cabelo, de roupa, de som. Na última metamorfose – o disco *Ray Of Light*, Grammy de melhor álbum pop do ano passado –, ela voltou a buscar inspiração nas pistas de dança, só que desta vez dando uma cara mais ambient e zen ao trabalho. Composta em parceria com William Orbit (ás da música eletrônica que já produziu o Blur), "Beautiful Stranger" segue a linha retrô/psicodélica e foi encomendada para ser tema do filme *Austin Powers – O Espião "Bond" Cama (The Spy Who Shagged Me*, algo como "o espião que me carcava"), que deve estrear aqui em outubro. No clipe da música, Madonna aparece como agente secreta, cantando para uma platéia que inclui o espião interpretado por Mike Myers, que, apaixonado, passa a fantasiar situações quentes com a estrela. Na hora de mostrar os diferentes disfarces usados pela agente secreta, o clipe aproveita para exibir imagens das várias fases de Madonna.

©Maverick Girl Publishing,Inc. Rodor Music(London) / Warner Chappell Edições Musicais

EntreLeitores

Este é o espaço para fazer contato com quem aprecia o mesmo som que você, vender ou trocar fotos, discos e material sobre seus artistas favoritos, procurar músicos para a sua banda, divulgar seu fã-clube, seu fanzine...

Escreva para SHOWBIZZ · Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
e-mail showbizz.atleitor@abril.com.br

CORRESPONDÊNCIA

A-ha: Fabiana Nogueira Carreira – Rua João Bragança, 203 – Freguesia do Ó – São Paulo, SP – CEP 02759-060

Backstreet Boys: Paulo Henrique Carvalho Pinto – Rua Santiago, 487 – Parque Getúlio Vargas – Feira de Santana, BA – CEP 44042-150 – E-mail: phenrique@gd.com.br

Bad Religion e Ramones: Felipo Ramone – Rua Castro Alves, 248, ap. 409, bl. 3 – Méier – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20775-040

cranberries: Hélio Mendes Mozer – Rua 14, nº 1327 – Ilha dos Araújos – Governador Valadares, MG – CEP 35020-720

Deftones, Korn etc.: Aline Silva – Rua Manuel Vieira da Luz, 91 – Vila Paulistana – São Paulo, SP – CEP 02318-020

Edson Cordeiro e ABBA. Felipe Rodriguez – E-mail: al.mmatogangada@uol.com.br

Fã quer falar de Green Day

Green Day: Flora M. P. Britto – Antonieta Leitão, 357, ap. 132 – São Paulo, SP – CEP 02925-160

Janis Joplin: Priscila Fernandes da Silva – Alameda Marselha, 266 – Recanto Phrynea – Barueri, SP – CEP 06437-040

Led Zeppelin: Sílvio Zeppelin – Avenida Campinas, 1910, bl. 01, ap. 33 – Vila Independência – Limeira, SP – CEP 13480-310

Nick Cave e Emperor: Crystiane Vasconcelos Gomes, 589 – Rua Lauro Maia, 589 – Fátima – Fortaleza, CE – CEP 60055-210

Radiohead: Joe Oliveira – Rua Joaquim Hortelio, 129 – Centro – Serrinha, BA – CEP 48700-000

U2: Vanessa Simões Amaro – Rua Capitão Roberto Ferreira Maldos, 202 – Centro – São José dos Campos, SP – CEP 12209-480 – Tel. (12) 321-5029

Whitesnake e Rainbow: Carlos Rafael de Oliveira Salignac – Valparaízo I, Etapa B, Quadra 59, Casa 38 – Valparaízo, GO – CEP 72870-000

MÚSICOS

Beatles feminino: Procuro meninas que toquem e cantem para montar banda cover de Beatles. Urgente. Thais Harrison – Rua Bruxelas, 146 – São Paulo, SP – CEP 01259-020 – Tel. (11) 3862-1575

Garotas: Procuro duas garotas entre 14 e 16 anos, acima de 1m71 de altura, que possam viajar e que saibam cantar (estilo All Saints). Tenho canções feitas, é coisa séria. Eline –oronegro@1net.com.br

Kiss: Banda cover do Kiss procura Paul Stanley (guitarra base). Ary Brizola – Rua Sucuri, 444 – São Geraldo – Belo Horizonte, MG – CEP 31050-580 – Tel. (31) 485-6244

Lo-fi: procuro baterista e baixista para formação de banda com influência de grupos Lemonheads, Teenage Fanclub, Sonic Youth, Superchunk, Pavement, Placebo, Supergrass, Weezer, Nirvana, Pin Ups. Deixar nome e tel. p/ contato. César Zanin Filho – Tel. (11) 532-9312

Pop rock pesado: Banda radicada em São Paulo, com dois discos gravados e a caminho do terceiro, procura vocalista na faixa etária de 18 a 30 anos, que cante melodicamente, tenha atitude, boa presença, criatividade e total disponibilidade para turnê ainda este ano. Ban. E-mails: catraca@mail.br.com.br ou rochawind@hard.zzn.com

TROCO

Guns por Bon Jovi: Troco material do Guns N' Roses e do Skid Row por qualquer material do Bon Jovi. Maria Vilany – Rua 21 de Setembro, 349 – Centro – Corumbá, MS – CEP 79331-000 – Tel. (67) 231-8738

Legião por Honeydrippers: Vídeo da Legião Urbana realizado na Sala Villa-Lobos em Brasília (1996) pelo CD *Volume I*, do Honeydrippers. Marcos Roque da Luz – Travessa Beltrão, 63, conj. 07 – Niterói, RJ - CEP 24241-260 – Tel. (21) 714-8703

Punk por punk: Troco ou vendo fitas de vídeo de bandas de punk rock, como NOFX (ao vivo no Brasil), Rancid, Bad Religion, Green Day, Face To Face, Blink-182, Descendents e outros. Carolina – Caixa Postal 23150 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20922-970

Vários por vários: Troco ou vendo fotos de shows de Soulfly, Raimundos, Planet Hemp, Replicantes, Dead Fish e Wander Wildner. Rossano Santos Noronha – Rua Santos Dumont, 1904 – Osório, RS – CEP 95520-000 – Tel. (51) 9843-2593

PROCURO

Bush: Qualquer tipo de material sobre a banda. Compro, troco, faço qualquer negócio. Lígia Ziegler Paiva – Rua Mandu, 207, ap. 96 – Penha – São Paulo, SP – CEP 03622-000

Discos de vinil: Dou preferência a material importado e álbuns de rock pesado nacional. Fernado Almeida Seabra – Rua Voluntários da Pátria, 452/401 - Botafogo – Rio de Janeiro, RJ – CEP 22270-010

Engenheiros Do Hawaii: Edições da revista SHOWBIZZ, reportagens, fotos, pôsteres e gravações, principalmente do tecladista Lucio Dorfman. Lívia de Melo e Barros – Avenida Monsenhor Rafael, 14 – Timóteo, MG – CEP 35180-312 – Tel. (31) 848-2145

Hemp Family: Qualquer material de Planet Hemp, Funk Fuckers ou Marcelo D2 solo. Daiane Araújo de Jesus – Rua Silvia de Faria Marcondes, 76 – Parque Fernanda – São Paulo, SP – CEP 05889-410

Morissey e Smiths: Materiais diversos. Troco por outros artistas, nacionais e internacionais. Viviane Fernanda Gonçalves – Rua Juarana, 50 – Vila Nova Cachoeirinha – São Paulo, SP – CEP 02612-150 – Tel. (11) 9232-8460

Chili Peppers: procurados

Red Hot Chili Peppers: Compro qualquer coisa sobre RHCP, fotos, reportagens, pôsteres, vídeos e materiais, principalmente sobre o lindíssimo Anthony Kiedis. Daniela Oliveira Grillo – Rua Gaetano Gelsa, 100/407 – Jardim Leopoldina – Porto Alegre, RS – CEP 91250-030

Sex Beatles: Preciso muito comprar os dois CDs do Sex Beatles e do segundo do Second Come, Record. Carlos Alberto Nunes de Lima – Rua Aurelio Bentes Teixeira, 149 – Centro – Itaitinga, CE – CEP 61880-000 – Tel. (85) 9111-1735

Skid Row e Duran Duran: CDs, vídeos, revistas, fotos e outros materiais. Daniella Dinamar – Rua Guarani, 450 – Santo Antônio – Araxá, MG – CEP 38180-000 – Tel. (34) 661-6059

Tina Turner: vinil, vídeos, reportagens importadas e tudo que se refira à cantora e a seu ex-companheiro, Ike. Edvaldo dos Santos Leopoldino – Caixa Postal 79 – Aguaí, SP – CEP 13860-970 – E-mail: aguaiense@uol.com.br

VENDO

Agnaldo Timóteo: Coleção completa em vinil, de 1965 a 1997. João Celio Soares – Rua 1334, nº 10 – Vila São José – São Bernardo do Campo, SP – CEP 09790-420 – Tel. (11) 4335-3912

BIZZ/SHOWBIZZ: Do nº 1 ao atual. Alexandre Santos – Tel. (27) 270-2583

Contrabaixo: Washburn modelo XB 400, quatro cordas, novo, verde melânco, autografado pelo baixista do Iron Maiden, Steve Harris. Com correia Fender, soft-case e dois encordoamentos. R$ 900,00. Fernando Rocha – E-mail: baia@uol.com.br

Metal melódico: Fotos de excelente qualidade de Deep Purple, Bruce Dickinson, Gamma Ray, Savatage, Helloween, Blind Guardian e outras, por R$ 2,00 cada. Melissa – Rua Cayowaá, 2175/52 – Sumaré - São Paulo, SP – CEP 01258-011

Oasis. Livro de partituras com CD instrumental, caixa de singles do primeiro álbum, caixa de singles do segundo, dois CDs piratas e um livro. Edinalva Francisca – Rua Gervasio Leite Rebelo, 268 – Jardim Peri Alto – São Paulo, SP – CEP 02675-050

Rock pesado: Gravações de punk, black, heavy, doom, death (clips e shows). Lauro Fernando – Caixa Postal 141 – Barra do Garças, MT – CEP 78600-000 – Tel. (65) 865-1646

FÃS-CLUBES

Menudo: *Til The End Of Time* – Rua João Uzeda Luna, 210 – Recife, PE – CEP 52111-310

Placebo tem novo fã-clube

Placebo: *Sweet Placebo's Fan Club* – Rua Obo, 80 – Mata 22 – Guarulhos, SP – CEP 07191-250

Simply Red: *Simply Red Blue Fan Club* – Rua Helio Tomaz, 55, ap. 104/ bl. D - Cerâmica – Juiz de Fora, MG – CEP 36080-420 – Tel. (32) 223-3698

Smashing Pumpkins: *Smash box - Official Pumpkins Dreams In Brazil* – Caixa Postal 1155 – Osasco, SP – CEP 06132-990

FANZINES

Nova MPB, HQ e fofocas: *Transe! Zine* – Rua João Cachoeira, 892/63B – São Paulo, SP – CEP 04535-001

Paralamas Do Sucesso: *Parazine* – Rua Passos da Pátria, 133/602 – Boa Viagem – Niterói, RJ - CEP 24210-240

Poemas e contos: *Dark Street Stones* – Rua Cantra, 12 – Parque Araruama - São João De Meriti, RJ – CEP 25585-170

Skate, hardcore e judô: *Hare Ahimsa Fanzine* – Avenida Castelo Branco, 40 – Centro – ARN, TO – CEP 77805-110 – Tel. (63) 814-3615

As regras para colocar um anúncio aqui:
O espaço é gratuito, mas sua mensagem não deve ultrapassar quarenta palavras. Não esqueça de colocar um telefone em que você possa ser encontrado durante o dia, para confirmarmos as informações, e dizer se deseja que ele seja divulgado. Sem isso seu anúncio não será publicado. SHOWBIZZ não se responsabiliza pelos anúncios.

EDITORA Abril
SHOWBIZZ
PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL
ANER IVC

Phil Collins e "All Star" na briga

André Tavares

Nacional

Até que demorou, mas acabou acontecendo. Depois de marcar presença na parada com pelo menos duas músicas por seis meses, **Paulo Ricardo** emplaca o primeiro lugar, sempre romântico, com "Como Se Fosse A Primeira Vez". Só para não perder o hábito, ele já surge com uma música nova no vigésimo lugar. Os anos 80 também aparecem com força. Além do ex-cantor do RPM, Ultraje, Lulu Santos, Paralamas (entrando direto no nono lugar), Engenheiros e Kid Abelha estão na parada.

		mês anterior
1º	"Como Se Fosse A Primeira Vez" / Paulo Ricardo	2º
2º	"Eu Também Quero Beijar" / Cidade Negra	1º
3º	"Mulher De Fases (A Linda)" / Raimundos	6º
4º	"Mandrake E Os Cubanos" / Skank	4º
5º	"Nada A Declarar" / Ultraje A Rigor	7º
6º	"Zóio D Lula" / Charlie Brown Jr.	5º
7º	"Fogo De Palha" / Lulu Santos	3º
8º	"Bem Querer" / Mauricio Manieri	12º
9º	"Que País É Este" / Paralamas Do Sucesso	•
10º	"Eu Que Não Amo Você" / Engenheiros Do Hawaii	9º
11º	"Sempre Assim" / Jota Quest	8º
12º	"O Vento" / Jota Quest	14º
13º	"Minha Menina" / Mauricio Manieri	10º
14º	"Te Levar" / Charlie Brown Jr.	•
15º	"Canção Pra Você Viver Mais" / Pato Fu	11º
16º	"O Segundo Sol" / Cássia Eller	•
17º	"Maio" / Kid Abelha	15º
18º	"Man" / Nocaute	•
19º	"Odeio" / Junk	13º
20º	"Sonho Lindo" / Paulo Ricardo	•

Divulgação Universal

Internacional

Coube a um peso pesado do pop internacional a tarefa de arrancar do topo do pódio as Spice Girls – que acabaram sua longa hegemonia caindo para o sexto lugar. Com o maior salto da história da Crowley-SHOWBIZZ, Phil Collins tirou a canção da trilha de *Tarzan*, "You'll Be In My Heart", do vigésimo para o primeiro lugar entre as mais tocadas. E loas também ao **Smash Mouth**, grupo sem tradição no Brasil que, após estrear no quarto lugar, atingiu um honroso vice. E tem gás para subir mais.

		mês anterior
1º	"You'll Be In My Heart" / Phil Collins	20º
2º	"All Star" / Smash Mouth	4º
3º	"Fly Away" / Lenny Kravitz	3º
4º	"The Last Kiss" / Pearl Jam	•
5º	"Full Circle" / Aerosmith	6º
6º	"Goodbye" / Spice Girls	1º
7º	"That I Would Be Good" / Alanis Morrisette	9º
8º	"You Get What You Give" / New Radicals	2º
9º	"Never There" / Cake	7º
10º	"Sweet Child O' Mine" / Sheryl Crow	13º
11º	"Every Morning" / Sugar Ray	5º
12º	"We Are One" / Kiss	11º
13º	"Bella (She's All I Ever Had)" / Ricky Martin	•
14º	"Doo Wop (That Thing)" / Lauryn Hill	12º
15º	"Why Don't You Get A Job" / Offspring	10º
16º	"Livin' La Vida Loca" / Ricky Martin	8º
17º	"Praise You" / Fatboy Slim	14º
18º	"Scar Tissue" / Red Hot Chili Peppers	•
19º	"Kiss Me" / Sixpence None The Richer	•
20º	"Changes" / 2Pac Shakur	16º

• estreia

Sistema de monitoramento Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Auditoria das músicas mais ouvidas em doze rádios FM do Rio de Janeiro e doze rádios FM de São Paulo, no período de 1º a 31 de julho de 1999. Os dados de audiência horária de cada estação de rádio são fornecidos pelo Ibope. CBAB – Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Proibida a reprodução sem autorização. CBAB

Pesquisador de teclas

Fera em música e tecnologia, Lobato é um dos destaques d'O Rappa

Como toda boa banda de reggae, O Rappa evidencia em seu som o baixo de Lauro e a bateria de Yuka. Depois vêm a guitarra suingada (e às vezes distorcida) de Xandão e a voz de Falcão, com intervenções de scratches de um DJ. Mas não é só isso. Basta uma audição de *Lado B, Lado A*, novo disco do grupo, para se perceber a importância dos teclados, samplers, percussão e vocais de apoio do carioca Marcelo Lobato, 34 anos, um verdadeiro pesquisador de sons, ritmos e equipamentos.

Lobato cursou Música na universidade, mas não se prende à formação erudita. "Sempre busquei tirar som, sem preocupações com o clássico ou com a teoria", diz. "Comecei tocando bateria e teclado numa época bem clunfrim, em que os bons equipamentos não eram acessíveis no Brasil. Mas foi bom porque comecei a me virar com o que pintava e aprendi a tirar leite de pedra", reconhece. Ele trabalhou como tecladista em bandas de ritmos africanos (como o Afrika Obota), tocou tarol em outra de sons nordestinos e até vibrafone num grupo de salsa e afins (o Som Caribe). "Trabalhei muito tempo precariamente, numa época em que não havia teclados MIDI sensitivos, gravadores de mais de quatro canais ou amplificadores que não fossem nacionais." Quando foz parte da banda Robôs Efêmeros, de Fausto Fawcett, por exemplo, gravou o disco em uma semana com instrumentos de segunda – e "Kátia Flávia" estourou. "Foi daí que comecei a mexer com programação usando uma bateria eletrônica Drumatix TR 303, da Roland – que lembra o som do Kraftwerk – e um sampler Mirage Ensoniq, de doze bits."

Por volta de 1988, a chance de tocar num teclado D-110, da Roland (daqueles que reproduzem diversos instrumentos e timbres), foi como comer melado e se lambuzar. "Com ele e um seqüenciador *(equipamento que grava e reproduz trechos musicais usados ao longo das músicas, os loops)*, eu já podia fazer músicas com vários instrumentos e voz, compor trilhas sonoras e fazer pré-produções", relembra Lobato.

Se no primeiro e no segundo discos (*O Rappa e Rappa Mundi*) Lobato já não se limitava às teclas, em *Lado B, Lado A* ele extrapola. Além dos teclados e do amado **piano elétrico Wurlitzer**, da década de 60, e samplers, o cara tocou harmônio, vibrafone, **escaleta** (aquele tecladinho de soprar), percussão, talk box e até um **teremim** (instrumento dos anos 30 que gera aqueles "u-u-us" de filmes de terror). "Apesar do sucesso do *Rappa Mundi*, não nos limitamos a repetir a fórmula. Gravamos em um mês no estúdio do Chico Neves, nosso produtor, e a coisa fluiu bem, conseguimos experimentar bastante", vibra Lobato. De quebra, ele ainda arrumou tempo para gravar teclados numa música do CD de estréia da banda Afro-Reggae e montar seu próprio estúdio no Rio.

André Renato Malvar

Lobato e seus filhotes: teclados, seqüenciadores, samplers e xilofone

Fotos: Ana Paula Oliveira

Ruffles
REGGAE 99
UB 40
ISRAEL VIBRATION
CIDADE NEGRA
NATIVUS
OUTUBRO
1º - CURITIBA - Pedreira
2 - SÃO PAULO - Anhembi
3 - RIO DE JANEIRO - Metropolitan
APOIO:
SHOWBIZZ
AlphaVision
Informações:
(0xx11) 421 3988
UMA PRODUÇÃO:
Mercury

Punk, cru e acústico

Com frenéticas levadas de violão, o trio americano **Violent Femmes** explorou novas fronteiras

Gordon Gano, Brian Ritchie e Victor DeLorenzo, as fêmeas violentas

Divulgação/Sony

Ficha técnica

Ano de lançamento: 1983
Produção: Mark Van Hecke
Músicas: "Blister In The Sun" • "Kiss Off" • "Please Do Not Go" • "Add It Up" • "Confessions" • "Prove My Love" • "Promise" • "To The Kill" • "Gone Daddy Gone" • "Good Feeling"
Nenhum disco dos Violent Femmes saiu no Brasil. Na edição americana em CD, há duas faixas-bônus ao vivo: "Ugly" e "Gimme The Car". Além de várias faixas deste álbum de estréia, a compilação *Add It Up – 1981/1993* (Slash/Reprise) reúne raridades como a primeira demo do grupo ("Waiting For The Bus", de 1981), uma versão com cítara para "Lies" e "Dance, Motherfucker, Dance", com participação de The Horns Of Dilemma. Em 1987, Ritchie lançou um disco solo *(The Blend)* e, junto com DeLorenzo, co-produziu e tocou a maioria dos instrumentos em um álbum do tecladista/flautista conterrâneo deles, Sigmund Snopek III *(Wincosinsane)*.

Violent Femmes
Violent Femmes

Gordon Gano (voz/guitarra/violão), Brian Ritchie (baixo elétrico, acústico e vocais) e Victor DeLorenzo (bateria/vocais) se inscrevem na tradição dos grandes power trios do rock. Começaram a tocar juntos em botecos de sua cidade natal, Milwaukee, nos cafundós de Wisconsin. Testemunha de um destes shows – todos acústicos –, James Honeyman-Scott, guitarrista dos Pretenders (morto em 1982) se surpreendeu com o som de Gano & Cia., convidando-os para abrir os concertos da turnê americana da banda de Chrissie Hynde. Foi o bastante para que os Violent Femmes se projetassem: assinaram com o selo independente Slash em 1982 e, um ano depois, lançavam este álbum de estréia, produzido por Mark Van Hecke.

Rústico, cru, mas sempre com frases inspiradas de guitarra/violão, o som da banda se escorava numa cozinha pesada em que interagiam o baixo frontal de Ritchie e as batidas eficientes de DeLorenzo. A mistura de folk tradicional (especialmente pelo uso ostensivo de instrumentos acústicos) com a pauleira das levadas frenéticas criou alguma coisa que poderia ser definido como country punk. E, além dos instrumentos originais de cada um dos integrantes, Gordon e Brian também se arriscavam com sucesso por incursões pelo violino ("Good Feeling") e pelo xilofone ("Gone Daddy Gone"), respectivamente.

Já as músicas escritas por Gano formavam um capítulo à parte: com uma revolta latente expressa nas letras, elas ressaltavam este conteúdo por meio de arranjos predominantemente acústicos, em pérolas como a abertura com "Blister In The Sun", "To The Kill" (um perfeito espelho da violência do cotidiano) e "Add It Up" (esta última, por sinal, um hino à inquietação juvenil). Tudo isso sapecado por vocais que lembravam o Lou Reed da fase *Transformer* (disco de 1972).

Os discos posteriores comprovaram a criatividade do grupo, apesar de não contar com a mesma energia bruta. Com projetos mais sofisticados, os VF trabalharam com o ex-Talking Heads Jerry Harrison (em The Blind Leading The Naked, de 1986), com o produtor/tecladista Michael Beihorn – no disco *Why Do The Birds Sing?* (1991), em que regravaram "Do You Really Want To Hurt Me?", hit do Culture Club – e desde o CD *New Times* (1994), substituíram DeLorenzo pelo baterista Guy Hoffman (ex-BoDeans). As "fêmeas" nunca mais chegaram a ser tão violentas quanto em sua estréia.

Celso Pucci

Reprodução

"O Violent Femmes é um dos grupos mais criativos que surgiram na história do rock. Os timbres que Gordon Gano tira do violão e da guitarra são incríveis."
James Honeyman-Scott, guitarrista dos Pretenders morto em 1982

50

ASICS IMPACT

NÃO SE ASSUSTE SE
O SEU DESEMPENHO
COMEÇAR A CAUSAR
IMPACTO!

asics®

Be Your Best